



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
JORNALISMO

**ATRAVÉS DO *SMARTPHONE*: ANÁLISE DA COBERTURA  
TRANSMÍDIA DAS MANIFESTAÇÕES CHILENAS DE 2019  
POR *O ESTADO DE S. PAULO***

**JULIA NOIA SILVA**

Rio de Janeiro

2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
JORNALISMO

**ATRAVÉS DO *SMARTPHONE*: ANÁLISE DA COBERTURA  
TRANSMÍDIA DAS MANIFESTAÇÕES CHILENAS DE 2019  
POR *O ESTADO DE S. PAULO***

Monografia submetida à Banca de Graduação  
como requisito para obtenção do diploma de  
Comunicação Social – Jornalismo.

**JULIA NOIA SILVA**

**Orientador(a): Profa. Dra. Alessandra de Falco Brasileiro Lermen**

Rio de Janeiro

2021

# FICHA CATALOGRÁFICA

## CIP - Catalogação na Publicação

NS586a Noia Silva, Julia  
Através do smartphone: análise da cobertura  
transmídia das manifestações chilenas de 2019 pelo  
Estado de S. Paulo / Julia Noia Silva. -- Rio de  
Janeiro, 2021.  
92 f.

Orientador: Alessandra De Falco Brasileiro  
Lermen.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola da  
Comunicação, Bacharel em Comunicação Social:  
Jornalismo, 2021.

1. Manifestações chilenas. 2. Narrativa  
transmídia. 3. Jornalismo móvel. 4. Self  
journalism. 5. Mídias sociais. I. De Falco  
Brasileiro Lermen, Alessandra, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**TERMO DE APROVAÇÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Através do *smartphone*: análise da cobertura transmídia das manifestações chilenas de 2019 por O Estado de S. Paulo**, elaborada por Julia Noia Silva.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia 20/10/2021.

Comissão Examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Alessandra de Falco Brasileiro Lermen  
Doutora em Educação (Unicamp)  
Departamento de Comunicação – UFRJ

Profa. Dra. Cristina Rego Monteiro da Luz  
Doutora em Comunicação e Cultura (UFRJ)  
Departamento de Expressão e Linguagens — UFRJ

Prof Dr. Fernando Ewerton Fernandez Júnior  
Doutor em Ciência da Informação (UFRJ)  
Departamento de Expressão e Linguagens — UFRJ

Rio de Janeiro

2021

Dedico este trabalho a todos que perderam familiares, amigos e conhecidos para a Covid-19. O tema delineado nesta pesquisa não tangencia a pandemia, mas ela atravessou a vida de todos nós por um ano e meio, com lágrimas, sofrimento e desespero. Em minha família, passei incólume, mas sei que muitos queridos ainda se recolhem ao luto de quem se foi em salas de UTI, enfermarias ou dentro de casa, mais que estatísticas da terrível enfermidade.

Dedico também este trabalho aos maiores amores da minha vida, que em dezembro de 1997, me acolheram como família em uma casa de saúde de Curitiba, depois de dois anos de uma angustiante gestação na fila de adoção. A Anadir e Daly, dedico os diplomas que vieram, e virão, as conquistas, os lamentos, e o maior amor do mundo. Sobretudo, dedico este trabalho, fruto de suor, cansaço e correria, que não seria possível sem o suporte emocional e econômico.

Dedico a pesquisa ao Matheus, que durante as tensões e agruras do caminho, segurou a minha mão, acalentou meus medos e me disse que era possível seguir. E consegui também graças a ele, que nunca me deixou desistir dos meus sonhos. Querido, essas páginas contam também com a sua dedicação em me acolher diariamente. Obrigada por tudo.

Dedico, por fim, à querida orientadora Alessandra de Falco que, em meio às adversidades da pandemia e do ensino remoto, acolheu uma estudante que sequer conhecia e transformou a minha forma de olhar trabalhos acadêmicos. Em cada orientação, me incentivou a olhar para frente e acreditar que, apesar do curto prazo e das demais obrigações da vida adulta, era um trabalho que valia ser feito. Sem sua dedicação, não estaria aqui.

## AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, agradeço a mim mesma por ter conseguido chegar até aqui. Julia, o caminho não foi fácil, mas o resultado final trouxe alegria, alívio e a sensação de dever cumprido. Nunca duvide de si mesma, e sempre confie no seu processo.

Sem eles, a passagem não teria sentido, e por isso os agradeço por cada amor, carinho, gratidão e companheirismo. Não seria quem sou e não faria sentido estar onde estou se não pudesse compartilhar com vocês. Para sempre, Mariana F., Mariana C., Joana, João, Nailah, Victoria, Carol, Bernardo, Daniel, Rafael, Barbara, Marina C., Luana B.. Sempre terão espaço na minha trajetória.

Chegar até aqui demandou muito amor, e quem me proporcionou a paixão da vida toda foi a ECO-UFRJ. Agradeço ao gigante prédio histórico que transforma loucuras cotidianas em conhecimento, prática, amor e dedicação. Estendo o agradecimento aos professores que transformaram a minha passagem universitária, Tatiane Leal, Marialva Barbosa, Paulo César Castro e Paulo Vaz, que ensinaram pensamento crítico e paixão ao jornalismo.

A passagem pela Escola de Comunicação seria menos apaixonante sem a companhia de amizades inestimáveis, que me fizeram ressignificar espaços centenários com a minha vivência. Agradeço, então, a Maria Isabel, Gabriel, Mariana, Luana, Juliana F., Juliana M., Emanuelle, Julia, Sara, Giulia, Vinicius, Deborah, Natália, Kathlen. Vocês fizeram e fazem a diferença todos os dias.

Por fim, mas não menos importante, agradeço ao jornalismo, profissão que me escolheu nos primeiros anos de vida letrada. A paixão pelas palavras, a curiosidade pelo mundo e a vontade de trazer informação correm nas minhas veias, e foi aqui que me encontrei profissionalmente. Obrigada por ser paciente, ainda estou aprendendo, e por me mostrar o caminho das pedras, ainda que sem querer. A trajetória iniciada neste trabalho é só o começo.

*Deus salve América do Sul  
Desperta, o claro e amado sol.  
Deixa correr qualquer rio  
Que alegre esse sertão  
Essa terra morena, esse calor  
Esse campo, essa força tropical  
Desperta América do Sul,  
Deus salve essa América Central  
Deixa viver esses campos molhados de suor  
Esse orgulho latino em cada olhar  
Esse campo, essa força tropical  
(América do Sul - Ney Matogrosso)*

SILVA, Julia Noia. **Através do *smartphone*: análise da cobertura transmídia das manifestações chilenas de 2019 por *O Estado de S. Paulo***. Orientadora: Alessandra de Falco Brasileiro. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2021.

## RESUMO

A prática jornalística passou por profundas mudanças com a consolidação das narrativas transmidiáticas. Nesse cenário, as coberturas de manifestações de rua a partir de 2010 ganham uma nova roupagem em texto e vídeo. Este trabalho, a partir do Estudo de Caso e Análise de Conteúdo, estuda a cobertura internacional das manifestações de rua de cunho político no Chile, a partir de reportagens e vídeos publicados nos perfis do *Estadão* no Facebook e no YouTube, entre outubro e novembro de 2019. O objetivo da pesquisa foi responder às perguntas atreladas às formas de como o jornalismo transmídia é apresentado na cobertura internacional e à como a dinâmica do repórter em formato *selfie* é relevante para a notícia na contemporaneidade. A pesquisa observou correlação entre ferramentas de jornalismo transmídia, uso de redes sociais para coberturas internacionais, enriquecimento do conteúdo jornalístico e aumento de interação com leitores, e contribui para a literatura sobre jornalismo transmidiático e jornalismo *selfie*.

**Palavras-chave:** manifestações chilenas; narrativa transmidiática; jornalismo móvel; self-journalism, mídias sociais.

## **ABSTRACT**

Journalistic practice has undergone profound changes with the consolidation of transmedia narratives. In this scenario, the coverage of street demonstrations since 2010 have gained a new look in text and video. This paper, based on Case Study and Content Analysis, studies the international coverage of the political street demonstrations in Chile, from reports and videos published on the profiles of Estadão on Facebook and YouTube, between October and November 2019. The objective of the research was to answer questions related to the ways transmedia journalism is presented in international coverage and how the dynamics of the reporter in selfie format is relevant to the news in contemporary times. The research observed correlation between transmedia journalism tools, use of social networks for international coverage, enrichment of journalistic content, and increased interaction with readers, and contributes to the literature on transmedia journalism and selfie journalism.

**Keywords:** Chilean protests; transmedia narrative; mobile journalism; selfie journalism; Facebook.

## **LISTA DE FIGURAS**

|  |           |
|--|-----------|
| <b>Figura 1 - Gravação improvisada de Rodrigo Cavalheiro no metrô de Santiago .....</b>  | <b>38</b> |
| <b>Figura 2 - Reportagem sobre manifestantes atingidos por bala de borracha em<br/>confronto com a polícia .....</b>                     | <b>49</b> |
| <b>Figura 3 - Reportagem transmídia sobre Piñera desistindo de receber duas cúpulas<br/>internacionais devido às manifestações .....</b> | <b>51</b> |
| <b>Figura 4 - Reportagem transmídia feita por Cavalheiro com destaque para imagem<br/>autoral feita por câmera semiprofissional.....</b> | <b>62</b> |
| <b>Figura 5 - Rodrigo Cavalheiro faz transmissão ao vivo no local em que os protestos<br/>começaram, em Santiago .....</b>               | <b>67</b> |
| <b>Figura 6 - Rodrigo Cavalheiro se afasta de confronto entre manifestantes e policiais<br/>durante transmissão ao vivo .....</b>        | <b>71</b> |

## **LISTA DE TABELAS**

|   |           |
|---|-----------|
| <b>Tabela 1 - Categorias de análise</b>                         | <b>52</b> |
| <b>Tabela 2 - Resultado da análise de reportagens em texto</b>  | <b>54</b> |
| <b>Tabela 3 - Resultado da análise das reportagens em vídeo</b> | <b>58</b> |

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO</b>  | <b>13</b> |
| <b>2 MANIFESTAÇÕES CHILENAS DE 2019: ORIGENS E DEMANDAS</b>  | <b>14</b> |
| <b>3 EVOLUÇÃO MULTIMODAL NO FAZER JORNALÍSTICO NO ESTADÃO</b>  | <b>26</b> |
| <b>3.1 Transmídia</b>  | <b>26</b> |
| <b>3.2 Jornalismo nas mídias sociais</b>   | <b>30</b> |
| <b>3.3 Jornalismo móvel</b>  | <b>35</b> |
| <b>3.4 Newsmaking</b>  | <b>40</b> |
| <b>4 A COBERTURA TRANSMIDIÁTICA EM MANIFESTAÇÕES DE RUA NO CHILE SOB A ÓTICA DE O ESTADO DE S. PAULO</b> | <b>42</b> |
| <b>4.1 Estadão: história, jornalismo multimídia e contexto</b>   | <b>43</b> |
| <b>4.2 O jornalista móvel no Estadão</b>   | <b>46</b> |
| <b>4.3 Análise das reportagens transmidiáticas no Estadão</b>  | <b>53</b> |
| <b>4.3.1 Metodologia</b>   | <b>53</b> |
| <b>4.3.2 Análise</b>   | <b>58</b> |
| <b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>  | <b>73</b> |
| <b>6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>  | <b>76</b> |
| <b>7 ANEXO 1</b>   | <b>84</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Em 2019, o Chile passou por um intenso período de manifestações populares contrárias não apenas ao governo do presidente Sebastián Piñera, mas em busca de reformas profundas na estrutura política e econômica do país. Em outubro, milhões de chilenos foram às ruas para criticar a decisão do governo de aumentar a tarifa de metrô de 800 para 830 pesos chilenos, equivalente a R\$ 4,60 e R\$ 4,80, respectivamente. Depois das primeiras manifestações, as demandas se estenderam também ao modelo de previdência privada, as AFPs.

Logo após os primeiros protestos, centrados no aumento da passagem e estrutura previdenciária, integrantes de movimentos sociais, como sindicalistas, feministas e antirracistas, começaram a reivindicar mudanças mais estruturais na representação chilena. Entre uma das maiores conquistas obtidas após a articulação popular, está a elaboração de uma nova Constituição, a partir de um conselho de delegados, respeitando a paridade de gênero. Se sancionado pelo governo, o documento vai substituir a atual Carta Magna do país, promulgada em 1980, ainda na ditadura militar chilena de Augusto Pinochet.

Desde 2010, com a massificação do uso de ferramentas com alto grau de portabilidade, capilaridade e instantaneidade por jornalistas, repórteres munidos de um *smartphone* passaram a integrar, de forma mais autônoma e atenta, acontecimentos importantes, manifestações e atos de cunho político, a exemplo das Jornadas de Junho de 2013, no Brasil. A facilidade de cobertura com aparelhos digitais portáteis se disseminou em outros países da América Latina em concomitância com a insurgência chilena, como ocorreu no Peru, no Equador e na Colômbia em 2019, e se mostrou uma ferramenta relevante em contextos em que o repórter precisa de praticidade, aliada à velocidade para passar o conteúdo produzido para a redação ou publicar diretamente nas redes sociais do veículo de comunicação.

Assim como em outros contextos de mobilizações populares em países latino-americanos, como os citados, os episódios recentes no Chile tiveram uma cobertura imersiva de correspondentes internacionais de veículos de outros países a partir de redes sociais como o Facebook e o YouTube. Os jornalistas que acompanharam as manifestações chilenas fizeram uma cobertura complementar dos acontecimentos por meio de vídeos, imagens e textos. Essa produção dos profissionais tentou abarcar a complexidade dos protestos em diversas frentes, por meio de produtos transmidiáticos que apresentam ao leitor uma tentativa de complementaridade entre os conteúdos.

Diante disso, o trabalho se propõe a analisar a narrativa transmidiática do jornal brasileiro *O Estado de S. Paulo*. A escolha se justifica pela relevância do jornal para a cobertura

de acontecimentos de alto impacto a nível nacional e internacional, e pela implementação de uma estrutura de convergência de meios com aporte de texto, vídeo e imagens. Para compreender o discurso da produção jornalística, serão avaliados como foi a cobertura internacional transmídia do *Estadão* das manifestações chilenas em 2019, por que a escolha é relevante para contemplar a complexidade dos acontecimentos e qual o papel do correspondente internacional responsável por acompanhar os acontecimentos.

A coleta de material para os estudos de caso foi feita a partir das contas oficiais do veículo no Facebook e YouTube, recortando apenas os vídeos em que o enviado especial do *Estadão* Rodrigo Cavalheiro realiza coberturas *in loco* no Chile, publicada entre outubro de 2019 e março de 2020, momento em que a pandemia da Covid-19 inviabilizou grandes manifestações populares para evitar a disseminação da doença. As entrevistas com o correspondente foram realizada pela autora no dia 25 de setembro de 2021, através de ligação telefônica.

A importância da análise estruturada nesta pesquisa se revela considerando que as práticas e a rotina jornalística foram profundamente alteradas nos últimos dez anos, com a popularização das novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), e o repórter está no epicentro desta mudança. O estudo sobre o uso de estratégias transmidiáticas em coberturas internacionais “quentes”, como em manifestações que tomaram as ruas de importantes países da América Latina, em especial o Chile, objeto de estudo deste trabalho, engloba ainda um contexto de ainda experimentação de práticas do jornalismo *selfie*.

A análise desenvolvida tem como objetivo chegar às respostas para os questionamentos: De que forma o jornalismo transmidiático foi aplicado na produção de notícias no contexto de correspondentes internacionais? Qual o impacto da demanda por conteúdo para abastecer diversas mídias para a rotina do jornalista? A pesquisa partiu da hipótese de que a cobertura transmidiática nas manifestações populares chilenas feitas pelo correspondente internacional garantem ao público uma compreensão mais dinâmica e aprofundada do acontecimento, sob a ótica do jornalista, e a escolha de aparatos tecnológicos como *smartphones* e redes sociais permitiram a capilarização da notícia e a captação de consumidores. Por outro lado, a demanda de produção para meios distintos também leva o repórter a vivenciar uma experiência de sobrecarga produtiva, com o acúmulo de funções.

Em nível mais geral, o objetivo da pesquisa é agregar novos resultados à área voltada para a análise sobre o impacto da inclusão de mídia sociais, jornalismo móvel e jornalismo *selfie* em coberturas internacionais, sob a ótica do produto final apresentado ao leitor/espectador e também sob a reconfiguração da forma de produção jornalística e as novas prioridades da

profissão.

Também cabe aqui mostrar de forma mais aprofundada a produção contemporânea da notícia, que se transpõe da centralidade das redações jornalísticas para uma observação ativa, imersiva e tecnológica no epicentro do acontecimento. Em espectro mais restrito, a análise se preocupou em entender, de forma mais consolidada, como a aplicação da narrativa transmídia permitiu que a cobertura das manifestações populares no Chile pudesse ser retratadas em múltiplos canais de mídia – imagens, vídeos e textos.

A construção dessa pesquisa é justificada pela carência de produções acadêmicas dentro do jornalismo que se debruçam sobre a cobertura transmídia durante as manifestações no país andino em 2019, e também pela relevância do tema no que tange ao fluxo que pessoas que compareceram às ruas e, portanto, a carga de importância do repórter responsável por essa cobertura de forma transmidiática.

A validade do trabalho se reforça como um estudo sobre objeto pouco abordado em outras literaturas teóricas sobre a área como forma de complementar a grande área de estudos de jornalismo transmídia em coberturas internacionais com o enfoque em veículos de mídia brasileiros. De modo a estruturar a análise exposta posteriormente, a pesquisa é articulada a partir das metodologias de Análise do Discurso, com a conceituação de Laurence Bardin, e Estudo de Caso, categorizada por Robert Yin.

No segundo capítulo, intitulado “Manifestações chilenas de 2019: origens e demandas”, é apresentada a contextualização da eclosão dos movimentos populares no Chile em outubro de 2019 e a retomada de embasamento teórico para explicar as raízes históricas que, segundo os manifestantes, correram as estruturas políticas e econômicas do país.

No terceiro capítulo, é exposto o arcabouço teórico sobre jornalismo transmidiático, jornalismo móvel, jornalismo em mídias sociais e *newsmaking* no contexto de jornalismo móvel digital (SILVA, 2013), e que estrutura a argumentação e as análises a partir de Canavilhas (2015), Silva (2013, 2015), D. Renó e L. Renó (2013) e Salaverría (2016). Com o aporte teórico é desenvolvida a cronologia das alterações no processo produtivo do jornalismo, transplantado para meios digitais e com menor centralização das atividades dentro de redações. Também são explicitadas as modalidades mais recentes que garantiram essa transformação na rotina do profissional, como o conceito do jornalismo móvel e suas implicações, e as alterações facilitadas pela disseminação de redes sociais e de um novo ecossistema digital.

O quarto capítulo apresenta o objeto estudado neste trabalho, as reportagens e os elementos transmidiáticos do *Estadão* no contexto das manifestações populares no Chile em 2019, e introduz o estudo de caso, a começar pela história dos veículos e da implementação de

tecnologias digitais e da cobertura multiplataforma em suas reportagens. Após a contextualização que leva os meios de comunicação a serem analisados a adotarem o jornalismo transmídia, é estudada a entrevista com o enviado especial do *Estadão* no Chile, Rodrigo Cavalheiro, encarregado da cobertura *in loco* dos protestos, para compreender o impacto das tecnologias no cotidiano dos profissionais e como as novas TICs foram importantes para a cobertura local.

A pesquisa, portanto, se propõe a lançar luz sobre o formato de produção jornalística transmídia adotada na cobertura internacional das manifestações no Chile em 2019, de modo a compreender com mais profundidade quais estratégias foram adotadas e de que forma a escolha por uma cobertura transmídia permite apresentar os acontecimentos de forma mais completa e complementar, em termos de informação.

## 2 MANIFESTAÇÕES CHILENAS DE 2019: ORIGENS E DEMANDAS

As manifestações que tomaram as ruas do Chile em outubro de 2019 acenderam um intenso debate político no país sul-americano que transcende o aumento de 30 pesos no valor da passagem de metrô, tornando-se a tarifa mais cara do subcontinente à época — equivalente a R\$ 4,80, na cotação de outubro de 2019 —, e denota raízes históricas de um sistema político e econômico complexo, herdado da ditadura militar de Augusto Pinochet. Apesar dos primeiros protestos, logo após a aprovação do aumento tarifário de 800 para 830 pesos chilenos no dia 6 de outubro de 2019, os atos subsequentes reuniram representantes de movimentos sindicalistas, secundaristas e feministas em busca de uma profunda reconfiguração política do Chile.

Durante o regime de Pinochet, iniciado em 1973 após a destituição do presidente socialista Salvador Allende, o militar implementou um modelo econômico neoliberal, aos moldes de exemplos internacionais, como o Reino Unido da então primeira-ministra Margaret Thatcher (1979-1990) e os Estados Unidos do presidente Ronald Reagan (1981-1989), diante da queda do regime de Estado de Bem-Estar Social, adotado desde a Crise de 1929. Os economistas responsáveis pela estruturação, chamados de *Chicago Boys*, elaboraram uma série de medidas para transformar o governo chileno a partir de privatizações de serviços públicos e redução da interferência do Estado na economia, traços que seguiram após a redemocratização do país, em 1990 (FERREIRA; RODRIGUEZ, 2020).

Durante o regime, Augusto Pinochet promulgou a Constituição de 1980, que entre outros fatores determinava a proibição de ideologias políticas, como o Marxismo, e a limitação do pluralismo de ideias — revogada em 1989 —, e a constituição de um “Estado subsidiário”, ou seja, que não oferece diretamente benefícios como saúde, educação e seguridade social, delegados ao setor privado. Apesar de ter sofrido alterações, o documento segue desempenhando papel de Carta Magna chilena, medida questionada por alas progressistas e ligadas à esquerda no país (PICHEL, 2019).

Com a retomada democrática no país, após a coalizão política de esquerda moderada e direita democrática derrotar Pinochet nas urnas em 1990, foram eleitos cinco presidentes, sob a égide dos compromissos com a manutenção das políticas liberais na economia adotadas ainda durante a ditadura militar. Apesar da ruptura com o regime autoritário, as estruturas neoliberais seguiram moldando as relações econômicas, políticas e sociais do Chile que, em 2006, vislumbrou um primeiro indício de cansaço, com as manifestações de estudantes secundaristas, no primeiro ano de mandato de Michelle Bachelet. Em 2019, o grupo novamente se tornou o

primeiro protagonista dos protestos, indo de encontro à proposta de aumento da tarifa de metrô (HERRERA; POZO, 2020).

Entre abril e junho de 2006, estudantes secundaristas chilenos iniciaram as primeiras manifestações exigindo direitos sociais, como a gratuidade do passe escolar e a diminuição do valor da inscrição na Prova de Seleção Universitária, levando cerca de 10 mil estudantes às ruas no começo na conhecida Revolução dos Pinguins, em referência ao uniforme usado pelos estudantes. Entretanto, depois, os protestos foram mais atrás no tempo para pedir a revogação da Lei de Ensino do Chile, promulgada durante a ditadura de Pinochet (HERRERA; POZO, 2020). A reação do governo possui traços autoritários que voltaram a se repetir nos protestos de 2019: a investida truculenta da polícia “com o consentimento ou a omissão do Executivo” (CUADRA, 2008, p. 182).

Desde a primeira onda de protestos populares coordenados por movimentos estudantis, em 2004 e 2005, Polomer (2019) explica que já havia alto grau de coesão e organização, mas ainda voltadas para demandas setoriais, entretanto, apesar de atuarem de forma distinta e segmentada:

A maioria dessas manifestações foram pluriclassistas e, apesar de sua heterogeneidade, todas elas compartilham o teor de uma crítica profunda ao modelo econômico e político neoliberal e ao Estado subsidiário, e demandam políticas públicas solidárias e redistributivas, além de uma maior participação na política e em suas decisões. (POLOMER, 2019, P. 56, tradução nossa)<sup>1</sup>

Em 2011, já no primeiro mandato do atual presidente chileno Sebastián Piñera, a população chilena volta às ruas, dissociando-se de contestações focadas apenas no âmbito educacional, e agregando diversos setores afetados pelo modelo econômico implementado no Chile desde a ditadura militar. Os protestos passaram a focar na pluralidade de desigualdades fomentadas pelo sistema vigente, e começaram a expandir os clamores populares em favor da instituição de uma Assembleia Constituinte para aprovar uma nova Carta Magna. Os estudantes novamente reivindicam maiores investimentos na educação, mas ainda sem verem suas reivindicações serem atendidas. Então, a insatisfação crescente na população em âmbitos sociais variados, como saúde, educação e seguridade social, se torna efetivamente marca do despertar chileno. Segundo Ferreira e Rodriguez (2020):

Essa heterogeneidade e ampliação de escala é o que chamamos, segundo Bringel e Pleyers (2015), de transbordamento social. Com ele, houve uma mudança qualitativa

---

<sup>1</sup> No texto original: “La mayoría de esas movilizaciones fueron pluriclasistas, y a pesar de su heterogeneidad, todas ellas compartieron una crítica profunda al modelo económico y político neoliberal y al Estado subsidiario, y demandaron políticas solidarias y redistributivas y una mayor participación en la política y sus decisiones”.

nos discursos, que se tornaram menos moderados e passaram a reivindicar não mais pautas específicas, mas uma transformação política, que envolvia o replanejamento do Estado e de políticas públicas. (FERREIRA; RODRIGUEZ, 2020, p. 127)

O transbordamento social apontado por Ferreira e Rodriguez (2020) voltou a aparecer nas ruas em 2019, já durante o segundo governo de Sebastián Piñera, eleito novamente presidente em 2017. Com popularidade de 10%, uma das piores desde a redemocratização chilena, decidiu aprovar, em 6 de outubro de 2019, o aumento de 30 pesos na tarifa do metrô, que passaria de 800 para 830 pesos — equivalente ao aumento de R\$ 4,60 para R\$ 4,80. O novo valor foi rapidamente sentido pelos estudantes secundaristas que, no dia seguinte, começaram a organizar manifestações pacíficas em estações de metrô pela capital chilena, Santiago, em que começaram a pular a catraca do metrô como forma de protesto (HERRERA; POZO, 2020).

Os atos se intensificaram em 14 de outubro e, diante da falta de resposta dos dirigentes, os protestos ocuparam as ruas do país a partir do dia 18 de outubro, quando Sebastián Piñera decretou estado de calamidade e delegou o controle da capital Santiago aos militares, além de instituir toque de recolher e restringir a liberdade de locomoção aos moradores (MONTES, 2019a). Ainda em resposta aos protestos, o presidente interrompeu todo o serviço metroviário de Santiago, impactando diretamente a circulação de 2,8 milhões de moradores, em uma cidade com 7 milhões de habitantes (GARCÉS, 2019). A atuação do presidente escorada na Lei de Segurança Nacional chilena não agradou os manifestantes que, logo em seguida, deixaram de limitar o objetivo dos protestos ao aumento tarifário, e voltaram suas atenções para outros temas latentes na conjuntura política e social do Chile e escancararam as desigualdades locais.

Nos veículos de comunicação chilenos, a onda de protestos que eclodiu em outubro de 2019 ficou conhecida como “*estallido social*” (surto social, em português), tendo em vista que “é um ato multifacetado de alteração da ordem preestabelecida que congrega diversos atores, com suas próprias dinâmicas, que se sabe de antemão que têm princípio e fim, e que, em muitos casos, representa uma ‘oportunidade’ para fazer justiça por vias práticas” (GARCÉS, 2019, p. 8 apud DULCI; SADIVIA, 2021, p. 45).

A articulação dos protestos de outubro de 2019 no país sul-americano também se insere em um contexto de organização por meio de redes sociais, a exemplo da intensa onda de movimento conhecida como Primavera Árabe, que balançou regimes autoritários e ditatoriais no Oriente Médio e no norte da África entre 2010 e 2011. Essa tendência se repete devido ao caráter das plataformas de “não apenas serem uma via para aqueles que querem se fazer ouvidos no âmbito político, mas também são formas de associação e identificação massivos que, em última instância, têm seu papel no centro das operações” (HERRERA; POZO, 2020, p. 4).

A convocação dos protestos massivos a partir de 18 de outubro se deu dentro de redes sociais, sobretudo a partir de *hashtags* como #ChileDesperto, que levou ao maior protesto organizado pela população chilena até o momento. Em 25 de outubro de 2019, a “supersegunda” levou cerca de 1,2 milhão de pessoas à Plaza Italia, no centro de Santiago, um número alto dado que a população do país, em 2019, chegava a 18,9 milhões de habitantes. Os questionamentos, entretanto, foram além das demandas por menores tarifas de metrô, e abarcou também enfrentamentos à desigualdade social no país e a busca por reformas estruturais na política chilena (BBC, 2019).

Durante os protestos no Chile em 2019, assim como ocorreu no Equador e na Colômbia em 2021, houve mobilização dos manifestantes para derrubar, depredar e destruir estátuas de conquistadores espanhóis, como a do general Manuel Baquedano, localizada na Plaza Italia, ponto de encontro das manifestações chilenas, e Francisco de Aguirre, que teve sua estátua substituída pela escultura Milanka, uma homenagem à mulher da cultura indígena diaguita<sup>2</sup>. Muitas obras tiveram os olhos pintados de vermelho e algumas foram pichadas com os dizeres “Policiais assassinos, Anarquia, Resistência, Não + AFP (em referência ao sistema de pensões adotado no país), *arriba* os que lutam”. Segundo especialistas em esculturas e arte, esse movimento por parte da população está ligado a uma falta de pertencimento e desafeto dos chilenos que não se sentem parte da história representada em monumentos que, de acordo com o professor da Universidade do Chile e doutor em Escultura Luis Montes Rojas, não representam apenas objetos ornamentais, e sim marcos políticos (MONTES, 2020c)

Na onda dos protestos pela passagem, reacende o questionamento sobre a manutenção do Estado subsidiário construído durante o regime de Pinochet, tendo em vista as dificuldades enfrentadas pela população para financiar serviços básicos como saúde, educação e de seguridade social. Em 2019, cerca de 85% da população chilena não tinha acesso à saúde de qualidade, inserido em uma lógica na qual quem tem condição financeira consegue arcar com bons hospitais e médicos, enquanto a maioria que carece de serviços decentes depende de um serviço público insuficiente para atender as demandas da população (NEVES, 2019).

Outro ponto criticado pela população chilena são os Administradores de Fundos de Pensão (AFP), modelo de previdência implementado durante a ditadura militar. Os AFP demandam que os pensionistas contribuam mensalmente com 12% do salário em contas individuais geridas por entidades privadas, enquanto os mantenedores investem o dinheiro para

---

<sup>2</sup> Milanka representa as pautas defendidas pelas mulheres indígenas do povo Diaguita, e a reivindicação da Mulher Diaguita é uma demanda de todas as mulheres indígenas do Chile, por respeito às mantenedoras da cultura dos povos originários no país, que ajudaram e ajudam a manter os costumes e tradições do povo vivos.

lucrar com os fundos, mas o retorno para a população era desproporcional: a média de aposentadorias pagas em agosto de 2019 foi de US\$ 200 — equivalente a cerca de CLP 138.795<sup>3</sup> à época —, menos da metade do então valor do salário mínimo chileno, de US\$ 420, ou cerca de CLP 291.468<sup>4</sup> (SOLER, 2019).

Apesar de integrar a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), grupo dos 38 países para estimular o progresso econômico e comércio mundial, as desigualdades sociais e as lacunas na distribuição de renda no Chile também foram bandeiras importantes das manifestações, mostrando novamente rugas com o regime neoliberal instituído na ditadura. Relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) de 2017 aponta que, em 2015, o 0,1% mais rico dos chilenos concentrava 19,5% da renda do país, 1% detinha 33% e os 5% mais ricos ficavam com 51,5%. Entretanto, 70% dos chilenos ganham menos que US\$ 770 por mês, equivalente a pouco mais de CLP 495.990, ou R\$ 3.458,49 (PNUD, 2017).

O movimento feminista também ecoou as discussões no Chile, diante de denúncias de violência sexual e abusos cometidos por forças policiais ao tentarem conter os protestos. Coletivos como Abofem e Piquete Jurídico e o Instituto de Direitos Humanos do Chile (INDH) apontaram que, até o dia 25 de outubro, 488 mulheres foram detidas no país e o órgão registrou 9 denúncias de abusos sexuais (ROSA, 2019). No cessar das reivindicações, em 25 de novembro, um coletivo feminista chamado “Las Tesis”, inspirado na antropóloga argentina Rita Segato, entoou uma performance de “un violador en tu camino” (um violador em seu caminho, em português), dias depois do Chile ter aprovado a paridade de gênero para a Assembleia Constituinte. O protesto de repercussão internacional reacendeu os debates no Chile, agora sob a ótica do feminismo e das lutas em prol da igualdade de gênero, e foi reproduzido em outros países latino-americanos (DULCI; SADIVIA, 2021).

Durante os meses de janeiro e fevereiro de 2020, a diminuição dos protestos foi supostamente associada com as “férias” da revolução. Entretanto, as manifestações voltaram com toda a força nas primeiras semanas de março de 2020, nova onda de acontecimentos aberta com a “supersegunda”, e logo depois com a Marcha Internacional da Mulher, organizada no Chile no Dia Internacional da Mulher, 8 de março. Três dias depois, em 11 de março, foi a vez dos estudantes secundaristas voltarem às ruas para questionarem as condutas de Piñera no poder. Entretanto, a população se dissipou até o final do mês de março de 2020 diante da pandemia da Covid-19, que dificultava a organização de grandes aglomerações devido ao alto

---

<sup>3</sup> Moeda chilena. Hoje, o valor equivale a R\$ 967,80.

<sup>4</sup> Hoje, equivalente a R\$ 2.032,38.

grau de contaminação do vírus, e os protestos convocados para 18 de março foram suspensos (DULCI; SADIVIA, 2021).

A coordenação de movimentos segmentados e a insatisfação popular levaram à reincidência dos protestos nas ruas de Santiago, Valparaíso e Concepción nas semanas subsequentes, e levaram Sebastián Piñera a negar a recepção de importantes eventos internacionais que aconteceriam no Chile, como o encontro anual da Cooperação Econômica Ásia-Pacífico (Apec), que ocorreria nos dias 16 e 17 de novembro de 2019 — que foi terminantemente cancelado —, e a 25ª edição da Conferência do Clima da ONU, a COP-25, prevista para ocorrer entre os dias 2 e 13 de dezembro — o evento foi realocado para Madri, na Espanha (CAVALHEIRO, 2019a).

A instabilidade política gerada pelos protestos chilenos em outubro de 2019 fez a popularidade do presidente Piñera despencar para 10%, o patamar mais baixo para um chefe de Estado no país desde 1990, com o fim da ditadura de Pinochet, registrando uma queda de dois pontos percentuais em comparação com a última pesquisa feita, em outubro de 2019. A pesquisa realizada pela consultoria Cadem entre os dias 27 e 28 de novembro aponta ainda que a desaprovação do governo chegou a 82%. A rejeição também se estendeu a toda a cúpula de ministros de Piñera, avaliados negativamente por 83% dos entrevistados (VEJA, 2019).

Além da queda de popularidade, o presidente chileno teve que enfrentar ondas crescentes de manifestações que ecoaram as denúncias de abuso policial nas ruas investigadas pelo Ministério Público do país. Até 10 de novembro, quase um mês depois do início dos protestos, foram registradas 1.089 aberturas de investigações sobre abusos por violência institucional e foram registrados 20 mortos, 3 mil detidos e 24 denúncias de tortura (CAVALHEIRO, 2019b). A truculência utilizada na contenção dos protestos, como uso de gás lacrimogêneo e balas de borracha contra a população — algumas com o diâmetro de uma “tampa de garrafa” e outras, maiores, com o diâmetro de “bolas de gude” — levou a uma comoção internacional por ferir direitos humanos, como a abertura de uma ação movida contra o presidente Piñera por crimes contra a humanidade em 7 de novembro por um tribunal chileno (CAVALHEIRO, 2019m).

A conduta violenta das forças de segurança foi alvo de discussões da Comissão de Direitos Humanos das Nações Unidas, *Human Rights Watch* e do Instituto Nacional de Direitos Humanos do Chile, que pediram a proibição de disparos de distâncias que pudessem representar um risco para a vida. Os manifestantes, em sua maioria pacíficos, ainda foram contidos com gás lacrimogêneo e caminhões-pipa, que continham, entre outros produtos químicos, a soda

cáustica que, se ingerida pode causar fortes queimaduras e perfurações em boca, esôfago e estômago (GARCÉS, 2019 apud DULCI; SALDIVIA, 2021).

Depois da convergência dos tópicos de debate segmentados, que há muito levaram os chilenos a protestar, a população voltou seu discurso para o principal tópico estrutural que queriam alterar: a Constituição. Aprovada ainda no regime militar de Pinochet, em 1980, se tornou centro das discussões dado que muitas das reivindicações apresentadas poderiam ser efetivamente reformuladas se houvesse a convocação de uma Assembleia Constituinte, a primeira da história do Chile. Em 15 de novembro, como forma de tentar atender as demandas populares e arrefecer o clima no país, Piñera firmou com partidos de oposição o “*Acuerdo por la paz y la Nueva Constitución*”, em que se estabeleceu que, em 26 de abril de 2020, os chilenos fossem às urnas para participar de um plebiscito popular para votar a aprovação ou rejeição da realização de uma Assembleia Constituinte que, caso fosse aprovada, seria composta 70% por parlamentares e 30% por civis, a “convenção mista”, ou o modelo “convenção constitucional”, em que 100% dos assentos seriam preenchidos por meio de eleições democráticas (DULCI; SALDIVIA, 2021).

As discussões sobre a necessidade de consulta pública para instituir uma Assembleia Constituinte data de 2011, 8 anos antes dos protestos de outubro de 2019. Para Toso (2019), a demanda, coordenada por movimentos estudantis e outros braços de articulações sociais, não é apenas reflexo de uma crise do neoliberalismo, mas também advinda de uma crise do sistema de democracia “restrita, tutelada e de baixa intensidade existente desde 1990”, em que há escândalos de corrupção e financiamento ilegal dos partidos. O ineditismo da convocação de uma Constituinte se mostra por si só como tentativa de rompimento com as estruturas políticas designadas previamente, tendo em vista que antigas Constituições “[...] foram confeccionadas por minorias designadas ‘a dedo’ pelo poder constituído do momento, em processos confidenciais, em contextos de cidadania restrita, mediante a imposição da força militar, de fraude e da exclusão da cidadania” (TOSO, 2019, p. 14).

Diante disso, com o arrefecimento da pandemia da Covid-19, os chilenos votaram em plebiscito de 25 de outubro de 2020, pouco mais de um ano após o começo das manifestações, e aprovaram a Assembleia Constituinte e a confecção de uma nova Constituição por 78%, contra 21% que foram contrários. A assembleia, que tem até outubro de 2021 para terminar de produzir o texto da nova Carta Magna, conta com 115 constituintes eleitos em 11 de abril de 2021 em voto majoritário no Chile, e está carregada de ineditismos. A característica mais marcante é a paridade de gênero na escolha dos representantes, que deverá ter entre 45% e 55%

de mulheres, uma conquista adquirida pelo movimento feminista chileno nas ruas em 2019. A nova Constituição deve entrar em vigor até o final de 2022 (MONTES, 2020b).

Após o intenso período de protestos, muitos acadêmicos (SOUZA, 2019; SANSON, 2019; PEDROSA, 2019) viram similaridades entre as manifestações chilenas, por uma reestruturação total da política com a instauração de uma Assembleia Constituinte, e as Jornadas de Junho, que levaram milhões de brasileiros às ruas em 2013. Assim como no Chile, as reivindicações iniciais foram contra o aumento no valor da passagem, que no transporte rodoviário de São Paulo passaria de R\$ 3 para R\$ 3,20, e rapidamente se alastraram por todo o país com demandas de combate à desigualdade social e precarização de serviços básicos como educação, saúde e transporte.

Segundo Souza (2019), as insatisfações levadas às ruas no Brasil e no Chile são episódios dentro de uma onda de protestos iniciados nos anos 2010, como a Primavera Árabe (2010 e 2011); em 2011, as manifestações 15M em Madri, que protestaram contra a crise econômica e o desemprego que atingia 20% da população espanhola (G1, 2014); e, também em 2011, os protestos *Occupy Wall Street*, nos Estados Unidos, que questionava a desigualdade social e econômica, a ganância, a corrupção e a grande influência das empresas sobre o governo (MOVIMENTO..., 2011). O autor aponta ainda que as semelhanças se estendem também para a configuração não mediada dos eventos a princípio, tendo em vista que eram “[...] movimentos sociais, organizados ou não, que faziam chegar suas demandas e urgências” (SOUZA, 2019).

Apesar do Brasil à época sustentar um governo de esquerda com a presidente Dilma Rousseff (PT) e o Chile, por outro lado, um governo conservador, com Sebastián Piñera (Independiente), Sanson (2019) aponta que não há tantas divergências tendo em vista que nos dois países sul-americanos não houve esforços suficientes para conseguir dismantlar as estruturas neoliberais que comandavam a economia local e têm raízes estruturais compartilhadas. Para ele:

Piora das condições de vida de milhares de latino-americanos, no cansaço com o desemprego, com os serviços de saúde e educação horrorosos, com a violência cotidiana enraizada nas periferias, com a corrupção, que não distingue mais a direita da esquerda. (SANSON, 2019)

A complexidade das manifestações chilenas de 2019 levou a uma proposta de mudança radical na política e na legislação local, com a aprovação da Assembleia Constituinte, e deu o tom de outros atos políticos em países latinoamericanos, como no Peru, em 2019, e na Colômbia, em 2019 e 2021. Ademais, o papel do jornalismo na cobertura dos protestos foi essencial para que as nuances do *estallido social* fossem trazidas para o público, e as formas de

produção jornalísticas já observadas nas Jornadas de Junho do Brasil, em 2013, foram refinadas durante os seis anos seguintes, e, em outubro de 2019, um novo repórter vai às ruas para a cobertura *in loco*, preocupado em captar as tensões políticas, econômicas e sociais do Chile através de um olhar transmidiático, viabilizado a partir das evoluções tecnológicas inseridas na rotina de produção jornalística, abordada no próximo capítulo.

### 3 EVOLUÇÃO MULTIMODAL NO FAZER JORNALÍSTICO NO *ESTADÃO*

#### 3.1 Transmídia

Canavilhas (2013) investiu no adensamento teórico e na configuração da prática de narrativas transmidiáticas, a partir da dificuldade teórico-metodológica do conceito, devido a uma nuvem de nomenclaturas e teorias do jornalismo que se sobrepõem — se observadas de relance —, como a multimídia, o *crossmedia*, intermídia e mídia híbrida, além do jornalismo convergente. Apesar da cartela de nomenclaturas, o autor português defende que a definição de jornalismo transmídia está mais próxima da produção *crossmedia*, dado que ele também se apropria da ideia concebida por Henry Jenkins, de contar histórias por meio de uma abordagem integrada entre diferentes tipos de mídia (CANAVILHAS, 2013).

Anteriormente à elaboração conceitual dentro do campo do jornalismo, Henry Jenkins, teórico do campo de estudos de mídia, já havia adensado a literatura sobre a narrativa transmidiática, do ponto de vista do entretenimento, em sua conhecida obra *Cultura da Convergência* (2009). Em abordagens sobre comportamentos da comunidade de fãs de produtos conhecidos como *Matrix*, *Harry Potter* e *Star Wars*, ele mostra que há um reordenamento da mídia, com o processo participativo dos espectadores dentro da *web 2.0*. A partir desse reordenamento, juntamente com o surgimento de meios de comunicação definitivamente inseridos no âmbito tecnológico — como ferramentas de realidade aumentada e relação de complementaridade entre filmes, séries, *videogames* e HQs —, constroem o que ele denomina de narrativa transmidiática (JENKINS, 2009).

No âmbito jornalístico, entretanto, o formato de contar recortes de uma história em diversas plataformas, com o objetivo de gerar complementaridade entre os conteúdos e densidade à cobertura dos acontecimentos, foi consolidado por Canavilhas (2013) e endossado por Denis Renó e Luciana Renó (2013). A estrutura de *crossmedia*, de contar histórias através de diversos meios, é importante para a solidificação do jornalismo transmídia, mas há divergências conceituais sutis que devem ser notadas. Na transmídia, as ferramentas atuam pela complementaridade, com elementos distintos para cada segmento de produção dentro de um mesmo veículo que, no produto final, atuam em conjunto para trazer uma experiência mais completa para o leitor (D. RENÓ; L. RENÓ, 2013). Para os autores, o jornalismo transmídia é desenvolvido a partir da junção de recursos audiovisuais, comunicação móvel, redes sociais e interatividade.

O diferencial do produto está na veia da profissão, contar histórias. Diante disso, a articulação de diversos aparatos tecnológicos, como *smartphones* e dispositivos de realidade

aumentada, que garantem a pulverização do conteúdo para diferentes usabilidades, se unem às práticas de jornalismo digital, como o *hiperlink* e a viabilidade de técnicas multimídia, para que o repórter construa a narrativa transmídia dentro da cobertura que deseja fazer. A proposta lança estruturas com linguagem atualizada e moderna que “[...] assumem papéis importantes, como o de envolver e atrair o receptor para a interpretação participativa da mensagem, assim como sua transformação” (D. RENÓ; L. RENÓ, 2013, p. 62).

Considerando que a construção de uma narrativa transmídia se insere nos pilares apresentados por Rocha (2017 apud ALVES, 2018), de temporalidade, de novos usos da narração e da interferência do público na construção da narrativa, o uso das mídias sociais amplifica a urgência do jornalismo de, cada vez mais, informar com celeridade, para mostrar ao público o acontecimento em tempo real. Em outra frente, surge um movimento de quebra da linearidade no consumo de informação, que passa de uma plataforma para outra e, portanto, há a sensação de “narrativa quase que infinita”, na qual se sedimenta a narrativa transmidiática. Há ainda a quebra do paradigma do texto intacto que, mediante interferências do público e dos leitores, pode passar por constantes alterações.

E ainda, Canavilhas (2013) se apropria da explicação de Moloney (2011), de que, para ser bem sucedida, a narrativa transmidiática deve ser distribuída de forma viral, podendo ser explorada por diversos caminhos e níveis de leitura, sendo alimentada de forma ininterrupta de acordo com as características que competem a cada plataforma, além de possibilitar integrar a opinião do leitor no processo jornalístico, em um formato que impossibilite a informação de se tornar perecível e com utilidade limitada, o que viabiliza ao leitor reconsultar o material futuramente, além de construir a notícia de forma simplificada e multimídia para atender a todas as demandas do leitor e levar ao engajamento do público com o assunto trazido pelo jornalista — o que se converte em reivindicações de políticas públicas (MOLONEY, 2011 apud CANAVILHAS, 2013).

O autor recai na estrutura do tripé hipermídia, multimídia e interação também argumentados por Renó e Renó (2013), que devem ser articulados de modo a oferecer ao leitor uma realidade para ser analisada com seus próprios olhos, e não através de uma interpretação prévia do jornalista. Diante disso, surge a importância de um conteúdo multimídia integrado, para que sejam “[...] usados com um objetivo específico, seja para confirmar, destacar ou simplesmente ilustrar uma determinada situação em que a imagem ou o som fazem a diferença” (CANAVILHAS, 2007 apud CANAVILHAS, 2013, p. 62).

Canavilhas (2013) reforça ainda que, uma vez inserido em uma lógica transmidiática, o jornalista deve se preocupar com a densidade do conteúdo apresentado, com contextualização

adaptada ao modelo de consumo do produto final, pensando na melhor experiência da notícia para o leitor. Ainda sobre o mercado da produção multimídia, este é dissecado no livro *Convergent journalism*, de Stephen Quinn (2005), no qual o autor apresenta importantes mudanças que permitiram uma readaptação do modelo jornalístico para o jornalismo móvel e multimidiático, alterações cruciais para a implantação da transmídia, sobretudo em grandes coberturas.

O desenvolvimento de kits de jornalismo móvel, implementados pela primeira vez durante a Guerra do Iraque, em 2003, se difundiu por grandes veículos de comunicação que já anunciavam uma tendência para a transmidialidade da notícia. Em 2007, a *Reuters* lançou um projeto de jornalismo móvel, em parceria com a *Nokia*, a ser adotado pelos profissionais, com um *smartphone Nokia N95*, microfone externo unidirecional, tripé para a estabilização da imagem e um teclado *bluetooth*. O equipamento permitia que o correspondente, ainda no começo dos anos 2000, pudesse se direcionar a qualquer lugar e realizar uma cobertura em diversas frentes (SILVA, 2013).

A rápida evolução tecnológica nos anos 2000 levou à mudança de formato do kit para jornalistas que, desde o começo dos anos 2010, não precisam mais recorrer a uma gama de aparelhos para apresentar uma cobertura multimídia, a exemplo dos protestos da Primavera Árabe, em 2011, e das Jornadas de Junho, em 2013. O aperfeiçoamento do *smartphone* fez com que o jornalista dependesse de apenas uma ferramenta digital para produzir áudio, vídeo, texto e, agora, também nuances de realidade aumentada, como geolocalização. A mudança na rotina produtiva leva a uma reestruturação das redações, que passam a incluir na hierarquia institucional núcleos específicos para a produção em diversos meios, como editorias multimídia ou de vídeo. Nesse cenário, com espaços em que há a total ligação entre diversos produtos — impresso, digital e multimídia — é possível observar que:

[...] times híbridos de jornalistas de organizações parceiras trabalham juntos para planejar, reportar e produzir uma matéria, decidindo ao longo do caminho quais partes da história são melhor contadas em material impresso, televisionado ou digital. Os times reúnem e produzem conteúdos para projetos específicos e então divulgam. Novos times formam projetos adicionais apresentados por eles mesmos. (QUINN, 2005, p. 26)

É importante atentar para as nuances da produção transmídia dentro do jornalismo. Os pilares de hipermídia, multimídia e interatividade preconizados por Canavilhas (2013) e Renó e Renó (2013) também devem ser observados sob a luz característica do jornalismo, de apresentar acontecimentos e fatos em detalhamento ao leitor e espectador. Por conseguinte, os

produtos da narrativa jornalística transmidiática devem ainda se preocupar em garantir o entendimento completo, mesmo em suítes ou desdobramentos de uma pauta, dado que as informações estarão, invariavelmente, ligadas à notícia ou conjunto de notícias situadas no “núcleo original” do acontecimento, para “aumentar as pontes de contato entre emissores e receptores”, nesse caso, veículos de comunicação e leitores e espectadores (SANTOS, 2017).

Por outro lado, o autor critica a nomenclatura “transmídia” aplicada a uma gama de produtos jornalísticos dado que, segundo Santos (2017), muitas articulações midiáticas autodenominadas “narrativas transmídia” acabam sendo solapadas por ferramentas que integram essa suposta lógica interligada, como as redes sociais. Nesse sentido, ele aponta que:

[...] a transmídiação mais comum é direcionada às plataformas de mídias sociais, que não são propriedade das empresas jornalísticas e que, pelo contrário, tem se tornado seus principais concorrentes, aumentando a fragmentação das audiências e praticamente forçando a transposição de conteúdo para seus domínios mais como estratégia de sobrevivência do que de expansão integrada e horizontal. (SANTOS, 2017, p. 144)

Todavia, para o desenvolvimento deste trabalho, iremos nos ater às conceituações de jornalismo transmidiático trazidas por Canavilhas (2013) e Renó e Renó (2013). Segundo os autores e diferentemente da crítica apresentada por Santos (2017), as plataformas de redes sociais promoveram uma inserção mais aproximada do jornalista com a notícia e facilidades para os leitores e espectadores, como produção de *lives*, cobertura em tempo real e consumo de conteúdo no formato *on demand* (D. RENÓ; L. RENÓ, 2013). Nesse cenário, o *Estadão* serve de exemplo para um processo de fragmentação da produção jornalística em diversas frentes, e deixa de ser apenas um jornal impresso ou mesmo uma versão digital do papel, para se tornar uma “produtora de conteúdo multiplataforma” (GONÇALVES; CAPOANO, 2017).

Já se sabe que a narrativa transmídia é atravessada por diversas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) que vêm alterando a rotina produtiva do jornalismo desde o final dos anos 1990, com a capilarização da internet e o surgimento da comunicação digital. Entretanto, outra pequena revolução, da popularização dos smartphones, trouxe mais alterações no fazer jornalístico que viabilizam ainda mais a cobertura transmídia. Com o repórter na rua, veículos das mídias tradicionais e alternativas podem produzir imagem, vídeo, áudio, geolocalização e conteúdo de realidade aumentada. E, para compreender melhor a atuação nas frentes da hipermídia, multimídia e interatividade, é importante se debruçar sobre as nuances das plataformas que permitiram a potencialização do uso dos aparelhos celulares inteligentes: as redes sociais. Para compreender de que forma essa modificação interfere tanto na produção quanto nas modalidades de apuração noticiosa, se faz imprescindível o mergulho em métodos

e estratégias de jornalismo dentro das redes sociais, abordada em detalhamento na próxima seção.

### 3.2 Jornalismo nas mídias sociais

O desenvolvimento da transmídia no fazer jornalístico deve ser entendido no bojo do surgimento das plataformas de redes sociais, indispensáveis para a pulverização do conteúdo informativo em diversos formatos, com distinções narrativas. Entretanto, a adequação dos veículos de comunicação às redes decorre de um processo lento que, por sua vez, acompanhou a evolução das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), sobretudo nos anos 2000. A popularização da internet nas redações jornalísticas, ainda no final dos anos 1990, abriu margem para que novas e pequenas revoluções complementassem a rotina do repórter e da produção de notícias nas décadas seguintes.

No final dos anos 2000, celulares robustos e computadores no formato *desktop* foram dando lugar à mobilidade das ferramentas de comunicação, que passaram a desempenhar diversas funções com um movimento de dedos, o que levou à integração em definitivo com *smartphones*, *tablets* e ferramentas de realidade aumentada e virtual no cotidiano da profissão (SILVA, 2013). Nesse processo, com a pulverização das TICs na sociedade, o leitor e espectador das notícias tem seu papel reconfigurado no processo jornalístico, com a ampliação de possibilidades de participação. Diante da facilidade de acesso aos dispositivos móveis, a rotina dos profissionais também se reconfigura para atender a um novo contexto de mobilidade das audiências, miniaturização dos aparelhos e diversificação das plataformas de consumo de notícias (CANAVILHAS, 2013).

Com o surgimento das redes sociais, a profissão de jornalista articula com novos públicos ao agregar ferramentas inéditas ao cotidiano produtivo das redações, que passam a estruturar lógicas de recirculação de leitores das redes para os portais de notícias. As redes sociais na Internet nada mais são que representações digitais de relações entre atores e suas conexões, com características específicas de uma mídia online (RECUERO, 2009). Dentro das plataformas, opera uma lógica algorítmica e sem mediação, isto é, sem a avaliação prévia de informações por figuras competentes, como os jornalistas.

Recuero (2009) explica ainda que, segundo Boyd (2007), as redes possuem características específicas que mediam as interações entre atores dentro das plataformas, como persistência do material publicado no ciberespaço; capacidade de busca, ou seja, capacidade de garantir que atores busquem e sejam buscados na rede; replicabilidade de materiais na rede por

qualquer indivíduo; e audiências invisíveis, ou seja, é impossível mapear qual realmente é o público que está consumindo a informação.

Conde (2017) reforça o papel das redes sociais para permitir que o jornalismo consiga atender às emergentes demandas de informação acessada através de dispositivos móveis. Diante disso, ela afirma que é perceptível uma tentativa das plataformas de tentarem se aproximar do fazer jornalístico ao promover formas de divulgação e compartilhamento de notícias nos sites de redes sociais, o que, então, “[...] altera os processos de produção, circulação e consumo de conteúdo na medida em que a mídia (site de rede social) direciona este processo para uma lógica divergente da do chamado jornalismo industrial” (CONDE, 2017, p. 136).

No âmbito dos estudos de Recuero (2009), as redes promovem três modalidades de interações sociais relevantes para a prática jornalística online dado que são fontes produtoras, filtros e espaço de reverberação de informações. De acordo com a autora, o papel das plataformas digitais de “circuladora” de informações não apenas traz conteúdo de interesse jornalístico, como pode agendar notícias por “refletir anseios dos próprios grupos sociais” (RECUERO, 2009, p. 8).

Já a potencialidade de filtrar informações, no desenvolvimento das redes, viabiliza a atuação “[...] de forma a coletar e republicar as informações obtidas através de veículos informativos ou mesmo de forma a coletar e republicar informações observadas dentro da própria rede” (RECUERO, 2009, p. 9) e, por conseguinte, pode conferir credibilidade tanto ao ator que compartilha o conteúdo jornalístico quanto ao próprio veículo. O terceiro fator, mais bem explorado neste trabalho, diz respeito ao caráter de circulação de informações com o intuito de promover debates e reverberar conteúdos em rede.

Ainda em 2008, quando as redes sociais emergiram enquanto novo formato de comunicação e a internet engatinhava para a consolidação definitiva nos anos 2010, pesquisa realizada pela agência de notícias *Associated Press* mostrava que, ainda nos anos 2000, já havia um movimento de consumo de notícias a partir de redes sociais, sobretudo Facebook, Twitter e YouTube, principais plataformas da época, que migravam para sites de notícias dado que, segundo o autor, as plataformas atuam como distribuidoras de conteúdo para milhares de pessoas (BRADSHAW, 2014). Esse movimento se comprovou diante da acentuação do uso das mídias sociais entre a população, crescente sobretudo na década de 2010, com o surgimento de novas redes como Instagram (2010) e Snapchat (2011).

A inclusão de redes sociais na matemática de distribuição de conteúdo jornalístico, portanto, operou a partir de uma série de fatores que não podiam ser atendidos apenas pelos cliques nas reportagens do site. Massuchin e Carvalho (2016) mostram que a migração ocorre

no contexto de aumento do uso da internet com o desenvolvimento de estratégias para captar novos leitores e potenciais assinantes dos jornais na modalidade online, e as postagens nas *fanpages* dos veículos de comunicação nas redes sociais operam, então, para “[...] direcionar o leitor ao portal quando este se interessa pelas notícias postadas nas redes sociais, servindo como ‘ponte’ para demais conteúdos e para o texto completo” (MASSUCHIN; CARVALHO, 2016, p. 157).

Além disso, a repaginação das informações trazidas para dispositivos móveis também é um “novo momento de descentralização de conteúdos e da informação jornalística” (PELLANDA et al, 2017, p. 207), e permitem que novas modalidades de notícia possam se consolidar, como os jornalismo participativo e colaborativo. Ademais, a interface e a usabilidade das redes sociais levam os veículos de comunicação e os próprios profissionais da área a elaborar novas narrativas, que se escoram nas novas funcionalidades para se aproximarem de uma cobertura transmidiática que atenda às novas demandas do leitor.

Essa estratégia, todavia, está diretamente associada à tentativa de alteração do modelo de negócio do jornalismo que, desde o começo dos anos 2000, cai vertiginosamente no que tange à receita. Por conseguinte, se trata de uma forma de agregar um novo público-alvo ao consumo de notícias, os jovens, se ancorando na maior potencialidade de pulverização do conteúdo jornalístico em redes sociais, como Facebook, e que pode, portanto, atingir uma audiência mais diversificada (MASSUCHIN; CARVALHO, 2016). E, com o crescimento do acesso à internet no Brasil, o desenvolvimento de *fanpages* para jornais nas plataformas foi se mostrando cada vez mais uma estratégia de sucesso, conforme o consumo de informação por redes sociais foi se popularizando na sociedade brasileira.

Segundo a pesquisa da Digital News Report de 2021, realizada pela Reuters Institute, 71% da população brasileira têm acesso à internet e 63% dos usuários que consomem notícias encontram informações por redes sociais — o segundo maior fluxo, depois da modalidade online, que inclui também a busca pelas redes. O movimento de consumo de jornalismo por mídias sociais, ainda segundo o relatório, é inversamente proporcional ao consumo da mídia impressa. Enquanto nas plataformas, a preferência sobe de 40%, em 2013, para 63%, em 2021, a prevalência do jornal impresso cai de 50% para 12% no mesmo período (CARRO, 2021).

Para a pulverização do conteúdo jornalístico, aproximar um público mais jovem de notícias e encontrar novas estratégias de recirculação de materiais noticiosos, veículos de comunicação começaram a criar *fanpages* em redes sociais de referência, conforme foi atestado o caráter agregador das plataformas e consequente aumento de audiência para os portais. As novas tecnologias não passaram despercebidas pelos veículos de comunicação que,

independentemente do tamanho, procuravam encontrar novos ambientes para explorar e diferentes formatos de transmissão da informação. Nesse contexto, duas importantes ferramentas utilizadas por veículos nacionais são o Youtube e o Facebook. Esta é uma das primeiras redes sociais de grande alcance incessantemente usadas pelos brasileiros. Em 2020, o Brasil teve mais da metade da população ativa na rede social, 120 milhões de pessoas, e se tornou o 4º país em número de usuários ativos durante a pandemia (CUPONATION, 2020).

Entre as principais redes sociais digitais adotadas por jornais está o Facebook, plataforma criada em 2004 por Mark Zuckerberg e outros quatro cofundadores. A rede foi criada inicialmente como forma de comunicação entre os estudantes de Harvard, mas um ano depois da fundação, se expande para outros públicos. O diferencial do sistema à época reside na capacidade de comunicação entre perfis e comunidades, com interfaces adaptadas a dispositivos móveis, além agregar credibilidade e respeito a um veículo de mídia conhecido (FRANCISCO, 2010).

Para veículos jornalísticos, a rede tem grande relevância para a recirculação de informações, como é o caso do *Estadão*, que criou a sua *fanpage* na rede em abril de 2010 e, no começo, servia como replicador de conteúdo do *Twitter*, mas logo começou a desenvolver conteúdo autoral. No caso do jornal, a *fanpage* tem como objetivo a “formação de uma rede de filiação, à qual interagentes se associam a fim de receberem automaticamente as notícias e interagirem com outros atores nos espaços determinados” (KONRATH, 2013, p. 20).

Em 2016, a criação da ferramenta *Facebook Live*, disponível à época apenas para artistas e contas verificadas, permitiu que usuários pudessem entrar ao vivo a qualquer hora e em qualquer lugar, desde que tivessem acesso à internet, e foi rapidamente agregada à produção jornalística do *Estadão*, com uma das grades mais amplas de conteúdo transmitido ao vivo, entre os veículos de mídia com conta na rede. Entretanto, o jornal passou a adotar o formato de produção em vídeo em tempo real de forma completa na cobertura de acontecimentos especiais, como passeatas, manifestações ou greves (GAIA, 2018).

A estratégia foi amplamente utilizada pelo enviado especial do *Estadão* no Chile, Rodrigo Cavalheiro, que arriscou diversas entradas ao vivo pela ferramenta *Facebook Live* na cobertura das manifestações de rua em 2019. De acordo com o jornalista, em entrevista concedida à autora em 25 de setembro de 2021, a escolha da rede para fazer o material em vídeo foi feita pela redação antes da sua chegada a Santiago, tendo em vista que o jornal já tem considerável apelo à comunidade que segue a página do veículo no Facebook, e o usuário da rede pode optar por receber alertas quando novos conteúdos ao vivo forem transmitidos. No âmbito interpretativo, entretanto, Cavalheiro explica que o apelo da transmissão está também a

assimilação de movimento de política externa em associação com episódios vividos nacionalmente e, nesse contexto, ele afirma que cabe ao jornalista fazer a filtragem das informações, uma espécie de *gatekeeping* dos comentários, e trazer para os espectadores o que há de mais relevante para:

[...] ver o que faz sentido, ver o que é uma pessoa querendo provocar e defender o seu partido político e o seu candidato, e ignorar quem realmente não está ali tentando entender o que acontecia no Chile, e esse era o meu objetivo. Acho que uma rede social muito de massa, como é o Facebook, tem público bastante heterogêneo, embora tenha o filtro dos consumidores do *Estadão*, te coloca nessa situação de ter que responder ao vivo ou escolher as perguntas que realmente tu acha que tem a ver com a tua cobertura. (CAVALHEIRO, 2021)<sup>5</sup>

Já o YouTube, plataforma desenvolvida em 2005, e que rapidamente se adaptou aos padrões contemporâneos de consumo de conteúdo, passando de computadores para *tablets* e *smartphones*, se tornou um mercado em expansão para veículos da mídia tradicional impressa, que criaram seus próprios canais de produção jornalística, como a TV Estadão (2006), do jornal *O Estado de S. Paulo*, a TV Folha (2011), da *Folha de S. Paulo*, e Jornal O Globo (2008), do *O Globo*.

Veículos de mídias televisionada, nativa digital ou impressa descobriram na rede uma oportunidade de aperfeiçoar e potencializar as ferramentas adquiridas durante o processo de convergência midiática, etapa indispensável para se pensar o jornalismo transmídia. Enquanto para os telejornais, a base da produção envolve dois estágios de produção de vídeo jornalístico para a *web* — publicação do material produzido inicialmente para atender a televisão, uso de recursos próprios da internet para desenvolver conteúdo utilizando algumas ferramentas características do ambiente *online* que garantem maior interação entre produtores e receptores da informação. O terceiro estágio, de produção de conteúdo audiovisual específico para o meio *online*, introduz uma nova era de produção jornalística, adaptada às características interligadas que configuram a transmidialidade apresentadas por Canavilhas (2010) — hipertextualidade, multimidialidade e interatividade (SPINELLI, 2012).

No caso do *Estadão*, após a criação de uma editoria específica para a produção audiovisual, a TV Estadão (2006), o jornal desenvolveu um espaço físico com estrutura de captação e edição para estruturar um novo modelo de conteúdo, com entrevistas, comentários de jornalistas, entrevistas e documentários para “serem veiculados de forma unitária ou integrados à [sic] outros conteúdos em diversos meios correlacionados com o assunto,

---

<sup>5</sup> Entrevista concedida à autora por telefone em 25 de setembro de 2021. Transcrição completa no Anexo 1.

estabelecendo o início de um processo de convergência de mídias” (SPINELLI, 2012, p. 10). Nesse âmbito, há a conexão entre o material desenvolvido para o canal no YouTube do veículo e as reportagens disponíveis no site do *Estadão*, além da interação com *podcasts*, infográficos interativos e fotogalerias.

O espraiamento do jornalismo para além das bordas convencionais de edições impressas e portais *online* de notícias, e não apenas migrando como desenvolvendo conteúdo direcionado para redes sociais diferentes, é um fenômeno que não deve ser observado de forma isolada no contexto da rotina de produção. Atividades incluídas recentemente na cartela de modalidades jornalísticas, como transmissões ao vivo em coberturas de manifestações e mesmo atualizações em tempo real de acontecimentos em plataformas como o Facebook, dependem diretamente do jornalismo móvel, uma modalidade que está na raiz da profissão, por apresentar as características básicas necessárias a um jornalista, o “bater perna” atrás da informação, com uma repaginada tecnológica com a chegada das novas TICs. No novo cenário, o caderno e a caneta, ferramentas imprescindíveis ao profissional em mobilidade, somam-se a *smartphones* e *tablets*.

### 3.3 Jornalismo móvel

Durante a década de 2000, com a queda da centralidade das redações, foram proporcionadas facilidades à reestruturação do jornalista em mobilidade. Do ponto de vista do profissional, essa reformulação levou à redução do tamanho das redações brasileiras, que tiveram uma recuperação moderada com a chegada da internet na produção. Empresas que investiram na bolsa de valores apostando todas as fichas em grandes acontecimentos — que decorreram das novas estruturas de redação —, se frustraram financeiramente e tiveram que enxugar ainda mais o quadro de funcionários nos anos 2000 (DANTAS; ROCHA, 2017).

Esse processo decorre do surgimento das primeiras tecnologias que viabilizaram a mobilidade do repórter, como *paggers* e telefones celulares, sendo um dos projetos pioneiros o da agência de notícias Reuters, em 2007, quando a agência lançou o projeto “Reuters Mobile Journalism”, em que foi disponibilizado um kit de jornalista móvel aos correspondentes, composto por um *smartphone Nokia N95*, um microfone unidirecional, um tripé para a estabilização da imagem e um teclado *bluetooth*. O foco em produções de dentro da redação, então, foi dando espaço para uma nova modalidade, o jornalismo móvel digital (SILVA, 2013). Esse novo arranjo profissional, segundo explicação do autor:

[...] atribui um novo sentido aos lugares e a espacialização da produção noticiosa com a velocidade da emissão movida pelas tecnologias digitais e com os repórteres móveis ocupando um espaço mais representativo com sua atividade de relatar o aqui e agora direto do centro dos acontecimentos. (SILVA, 2013, p. 34-35)

A agregação de tecnologias móveis na rotina jornalística, segundo Pavlik (2014 apud PELLANDA et al, 2017), traz consequências que diversificam a produção e a cobertura de notícias. Uma das principais alterações é o surgimento da modalidade do jornalismo cidadão, sobretudo no que tange a cobertura de manifestações políticas pelos próprios participantes, a exemplo das mobilizações na Primavera Árabe (2011) e no Chile (2019). Há também a inclusão de ferramentas nativas digitais na notícia, como a geolocalização e a narrativa imersiva tendo em vista que “[...] ao se contar histórias usando mídias que se complementam ao fazer referência a espaços físicos, o resultado atingido é de uma narrativa imersiva, uma vez que o próprio receptor não se vê isolado ao consumir conteúdo” (PELLANDA et al, 2017, p. 199).

Uma terceira repercussão dos novos aparatos tecnológicos para o repórter envolve o uso de jornalismo baseado em dados, diante do aumento tanto da produção de informações quanto de histórias decorrentes delas. Silva (2015) ainda aponta três fatores como balizadores do jornalismo móvel na contemporaneidade: a expansão das tecnologias móveis e sem fio, que permitem ao repórter “[...] a apropriação dos territórios informacionais enquanto espaços para a conexão e fluidez de conteúdos” (SILVA, 2015, p. 12); o surgimento de ferramentas de geolocalização, por meio de recursos de GPS para contextualizar o local do qual o repórter está apresentando a informação; e, do outro lado, o crescimento da mobilidade do consumidor, que por sua vez leva a uma maior demanda por informações, sobretudo com o surgimento de alertas instantâneos em redes sociais, como Facebook e Twitter.

O processo de migração para um jornalismo voltado para mídias digitais e mobilidade também denota a pulverização da informação pelos diversos estratos sociais, tendo em vista o compartilhamento de notícias e fatos dentro das redes sociais e a partir de dispositivos portáteis. Essa mudança impacta tanto o repórter, que procura adaptar a sua produção de conteúdo às novas mídias, quanto ao leitor/receptor, que recorre às tecnologias emergentes para consumir informação, e que por sua vez reduz a prevalência do acesso aos meios convencionais como televisão, rádio e jornal impresso.

A adaptabilidade da profissão aos novos meios, como afirmam Camargo e Silveira (2015), representa um novo caminho para o jornalismo digital, nativo da cibercultura, e o webjornalismo, adaptação de antigas formas de produção às novas TICs. Nesse sentido, vale destacar que o jornalismo em mobilidade, sobretudo no âmbito tecnológico emergente, “[...] é

a fase mais avançada do jornalismo digital contemporâneo, por abarcar elementos que foram acompanhando o desenvolvimento da tecnologia e sendo incorporados à plataforma/dispositivo e à forma de produzir, reportar e distribuir” (CAMARGO; SILVEIRA, 2015, p. 219).

Os autores afirmam que, apesar de apresentar inovações sem precedentes para o fazer jornalístico e para o produto final da reportagem, como a aproximação entre leitor, notícia e local e crescente demanda por interações sociais em rede, a implementação do modelo traz verdadeiros desafios às redações convencionais, que tentam estruturar uma produção de conteúdo inédita em um ambiente que demanda estratégias diversificadas.

Essa revolução no processo produtivo é avaliada por Dantas e Rocha (2017) como uma das mais relevantes para a história do jornalismo e divisora de águas para o webjornalismo, pois foi a responsável por otimizar o tempo entre a cobertura de um acontecimento pelo repórter na rua e a publicação da informação na redação, e reforça o potencial de urgência, característica da cobertura de importantes acontecimentos. Com as facilidades proporcionadas pela mobilidade, o jornalista também passa a se encarregar de outras etapas de uma reportagem multimídia, como tirar fotografias e fazer vídeos do acontecimento, que agora passa também por um processo colaborativo dos usuários das redes e que aproxima a notícia de uma cobertura transmídia completa.

Nesse novo ambiente, Silva (2013) cunha o termo “jornalismo móvel digital” para caracterizar a produção noticiosa em mobilidade no contexto das tecnologias da comunicação emergentes, sobretudo na década de 2010, que atuam em uma remodelação, a princípio, permanente, das diversas etapas de confecção da informação, como apuração, produção e distribuição de conteúdos do campo. Ele explica que, para que haja o desenvolvimento integral do jornalista móvel digital, já deve ter sido implementado um projeto de redação integrada multimídia, pilar para os processos explicitados previamente nesta pesquisa, como a transmídia e o surgimento das redes sociais.

Aliando-se à mobilidade, é possível realizar coberturas com transmissões ao vivo a partir de *smartphones* e aplicativos de *streaming* de áudio e vídeo, como o YouTube e o Facebook, que se consolidam por apresentarem aspectos básicos de *hardware* para as transmissões e conseguem aliar a ferramentas de *software* para gravar e compilar o material com praticidade (OLIVEIRA, 2017). Ainda segundo Silva, o projeto integrado é relevante para o produto final da reportagem pela necessidade de:

[...] trabalho cooperativo entre as equipes situadas externamente e dentro da redação física para efeito de atualização das notícias mais quentes em redes sociais diretamente do local do evento, para transmissão em *streaming* de áudio, vídeo ou

envio de fotos geolocalizadas dentro da concepção de jornalismo locativo. (SILVA, 2015, p. 25)

No bojo das novas complementaridades tecnológicas que foram incorporadas às reportagens transmidiáticas, sobretudo dentro de redes sociais, surge uma nova modalidade de produção, o jornalismo *selfie*, termo cunhado por Maniou e Veglis em 2016 para caracterizar um *modus operandi* emergente na produção de notícias. A narrativa se estrutura a partir da convergência entre funcionalidades do jornalismo móvel e as novas ferramentas de cobertura disponibilizadas pelas redes sociais. Nesse formato, o jornalista munido de um *smartphone* utiliza a câmera do dispositivo para gravar a si próprio no epicentro da notícia, sem suporte tecnológico suplementar e equipe disponível. Geralmente, o trabalho, feito de forma individual, também se faz valer de certo improviso, tendo em vista a imprevisibilidade dos acontecimentos ao redor (ALVES; SILVA, 2019).

**Figura 1 - Gravação improvisada de Rodrigo Cavalheiro no metrô de Santiago**



Fonte: Facebook do *Estadão*.

Os autores apontam que o jornalismo *selfie* também serve para conferir credibilidade ao repórter, como um comprovante de que efetivamente esteve no local da cobertura, e representa mais uma estratégia para conseguir capturar a atenção de gerações mais novas para o conteúdo informativo apresentado pelos veículos de comunicação. Essas novas características, portanto, se aliam ao caráter versátil das redes sociais e a sua capilaridade para o compartilhamento de informações, motores desta nova fase do webjornalismo.

A nova modalidade possui especificidades que conferem ao produto jornalístico uma roupagem mais atual e imersiva perante o acontecimento. O jornalismo *selfie* se caracteriza pela:

[...] reconstrução da esfera pública e da realidade contemporânea, a deslocalização do interesse do evento para a imagem, a divulgação de matérias “em tempo real” e compartilhamento de fichas de testemunhas com um público global e a participação dos próprios jornalistas nas histórias que eles estão cobrindo. (MANIOU; VEGLIS, 2016, p. 116, tradução nossa)<sup>6</sup>

Essa tipologia se entrelaça com a conceituação de Koliska e Roberts (2015), que antes mesmo da nomenclatura propriamente dita do jornalismo *selfie*, avaliaram a relevância da cobertura de grandes acontecimentos pelos olhos do repórter. Eles acreditam que um dos fatores determinantes para a produção nos moldes *selfie* é a interação entre o repórter e o ambiente em que se insere para fazer a reportagem, como testemunha ocular do fato. Segundo eles, “[...] a interação visual entre a pessoa e o espaço pode ser considerada um processo de construção de significado, resultado em uma identidade particular que é passada tanto pelo espaço quanto pela pessoa, e apresenta o fotógrafo/sujeito como a testemunha” (KOLISKA; ROBERTS, 2015, p. 1).

Portanto, o jornalismo *selfie* também está no bojo da subjetividade agregada à profissão, dado que o espectador do produto final necessariamente vê determinado acontecimento pelo recorte social, político e econômico trazido pelo repórter. Por outro lado, Koliska e Roberts (2015) argumentam que a modalidade *selfie* permite que novos atores possam emergir no cenário da notícia, e segmentos como o jornalismo comunitário e jornalismo local conseguem se estruturar com maior facilidade, viabilizando que um fato possa ser apresentado ao receptor de forma mais transparente e plural.

Apesar de não suplantarem outras formas de produção noticiosa, o jornalismo móvel consegue atuar de forma complementar e apresenta baixo custo operacional, e os dispositivos digitais podem ser usados em momentos de emergência com maior praticidade. A reestruturação da redação para o novo modelo de reportagem também só conseguiu se consolidar a partir da interação do público com a informação, e colocando o jornalista para desempenhar o papel de *gatekeeper*, mas também de *gatewatcher*<sup>7</sup>. As transformações

---

<sup>6</sup> No original: “[...] the reconstruction of the public sphere and contemporary reality, the interest relocation from the event to the image, the up-to-the-minute disclosure and sharing of witnessing tokens with a global audience and the participation of journalists themselves in the stories they are covering”.

<sup>7</sup> A teoria do *gatekeeper*, idealizada nos anos 1960, foi muito utilizada para descrever o jornalista como mediador da informação. Entretanto, no começo dos anos 2000, com a popularização da internet, Bruns (2005) descreveu

concretas trazidas pelas novas tecnologias, todavia, não devem ser compreendidas apenas no âmbito de transformação das TICs; o caminho das mudanças trouxe novas rotinas de produção da notícia, e o cotidiano do jornalista foi diretamente afetado.

### 3.4 *Newsmaking*

O contexto de pulverização das redes e a devida inclusão no fazer jornalístico altera a rotina do jornalista e a forma de fazer jornalismo, conhecida como *newsmaking*. Desenvolvida nos anos 1970, a teoria se apropria de conceitos trazidos pelo *gatekeeper*, dos anos 1960, em que o jornalista é o responsável por filtrar e avaliar o caráter noticioso da informação trazida, valendo-se de sua autoridade profissional (SILVA, 2013). O surgimento de novas formas de produção pelo repórter, como observação direta, etnografia e aplicação de entrevistas, evocam competências polivalentes do repórter, o que por sua vez age diretamente em novas formas de rotina e *newsmaking*, adaptadas à nova realidade tecnológica.

Silva (2015) aponta que o profissional inserido na lógica de produção em mobilidade, e com conexão às redes sociais, também deve se preocupar com os modelos de consumo de informação, como por celulares, redes sociais ou aplicativos dos veículos jornalísticos, agora mediado por dispositivos móveis. Conforme aponta Quinn:

Um jornalista móvel usa somente um celular para apurar e distribuir notícias. Essas notícias podem ser compostas de texto, áudio, fotos ou vídeo ou com a combinação de todos esses formatos. A tendência é de que os mojos (jornalistas móveis, tradução nossa) trabalhem só. Os telefones celulares são tão comuns que é fácil misturar-se com um, além de serem bastante leves podendo ser carregados em uma bolsa ou bolso. (QUINN, 2009, p. 10 apud SILVA, 2013, p. 105)

Dessa forma, assim como se desenvolve um processo de convergência midiática dentro das redações, que por sua vez leva ao jornalismo transmídia, essa mudança deve acontecer igualmente entre os jornalistas, que não mais restringem suas atividades exclusivamente ao meio digital ou impresso, mas devem saber convergir na produção de material para as duas modalidades de mídia. Em contrapartida, a sobrecarga e o acúmulo de funções dos profissionais residem no fato de terem que elaborar e pensar conteúdos *com e para* diversas plataformas, como dispositivos móveis, computador e impresso (GONÇALVES, 2017), para atender à demanda do público consumidor. A autora aponta que, no caso do jornalista móvel digital, estão

---

um novo fenômeno comunicacional, em que os jornalistas passavam de *gatekeepers* para *gatewatchers*, ou seja, não detinham mais o bastião da informação em sua integridade, e começaram a lidar com um ambiente mais colaborativo por parte dos leitores e espectadores, sobretudo com as redes sociais. Então, o público passou a demandar maior participação no processo jornalístico, o que se exemplifica, dentro do escopo desta pesquisa, nos comentários e questionamentos em transmissões ao vivo em redes sociais.

envolvidas convergências de produção e distribuição de informação, o que por sua vez leva o profissional a estar preparado para atuar como redator, cinegrafista, fotógrafo, radialista e editor, ainda que simultaneamente.

A atuação polivalente, ainda segundo Salaverría (2014), se dá sobretudo centrada em três pilares: funcional, em que o profissional desempenha diversas atividades dentro da redação; temática, no caso do repórter que se especializa em um tema para realizar uma cobertura de nicho; e midiática, em que atua para diversos meios de forma simultânea. Entretanto, essas alterações no modelo de produção não impediram os jornalistas de apresentarem conteúdos elaborados com precisão e alto nível de qualidade.

As ferramentas emergentes são cruciais para o desenvolvimento de um jornalismo móvel inserido no contexto digital. Silva (2015) afirma que há três fatores técnicos atrelados ao fazer jornalístico em campo, facilitando o trabalho do repórter: redes em alta velocidade, como a popularização do 4G em meados dos anos 2010, que por sua vez garantem publicação e circulação de informações na internet com maior agilidade; aparelhos portáteis e mais maleáveis ao alcance do jornalista, como *smartphones* e *tablets*, equipados com câmeras capazes de gravar em HD e, mais recentemente, em 4K, entregando ao público imagens de altíssima qualidade; e a praticidade de produzir notícias com acesso aos serviços de computação em nuvem, como o *Google Drive* e o *iCloud*.

A acumulação de funções pelo jornalista multimídia, nova nomenclatura adotada no contexto das novas TICs, a partir da segunda metade da década de 2000, entretanto, é avaliada por Salaverría (2014) como uma estratégia que sobrecarrega o profissional. Segundo ele, há um interesse dos veículos de “[...] poupar custos mediante a implementação de um perfil de profissionais capazes de desempenhar tarefas que outrora eram realizadas por várias pessoas” (SALAVERRÍA, 2014, p. 28).

A demanda por jornalistas polivalentes, caracterizada por Silva (2013) como “super-jornalistas”, pode ainda levar à precarização das condições de trabalho e à tentativa reiteradamente frustrada de alcançar um patamar de perfeição que, por conseguinte, vai demandar, de forma desproporcional, do profissional.

A popularização do uso de novas ferramentas no cotidiano de produção também relativiza o conceito de *deadline*, o prazo para a entrega das reportagens. No contexto de jornalismo convergente, conforme apontado por Salaverría (2014) e Silva (2013), há a carência de compreensão sobre a forma como os jornalistas devem balancear as atividades dentro do modelo de produção. A dificuldade temporal enfrentada pelos profissionais do jornalismo já foi observada por Tuchman (1978 apud GONÇALVES, 2017), que apontou a cultura profissional,

a organização do trabalho e a organização dos processos produtivos como diretamente dependentes do que chama de “fator tempo”. Com as novas tecnologias e os dispositivos móveis, a tendência é que o gargalo para a entrega de reportagens fique ainda mais estreito.

Nesse sentido, ainda vale complementar a dificuldade enfrentada pelo profissional para lidar com as especialidades inerentes ao jornalismo, como a observação do ambiente ao redor, que “[...] pode ser comprometido com a preocupação em lidar com diferentes formatos midiáticos e diferentes funções (capturar, editar, emitir), que foram sendo incorporadas ao longo do tempo com as tecnologias móveis” (SILVA, 2015, p. 40). O autor complementa ainda que essa virada de página para o webjornalismo deve considerar a especialização tanto dos profissionais quanto das equipes responsáveis por acompanhá-los no cotidiano.

No outro lado do webjornalismo em tempos de mobilidade, há o profissional que é o responsável por consolidar o material dos repórteres que vão para a rua realizar as coberturas, ou mesmo movimentar os sites de notícias e redes sociais com notícias de agências e material encontrado a partir de redes sociais, sem sequer ir para a rua para cobrir acontecimentos. Em decorrência disso, há que se destacar um movimento crescente das redações em adaptar o modelo de produção de notícias para contemplar as necessidades dos meios digitais e redes sociais, sobretudo dentro de grandes redações.

Os veículos de comunicação estruturam o crescimento das equipes prezando pela diversidade das capacitações dos jornalistas, como repórteres multimídia, editores para redes sociais e para dispositivos móveis, designers para plataformas digitais e produtores de vídeo para a web (SALAVERRÍA, 2016). Essa repaginação das equipes foi amplamente desenvolvida durante os anos 2010, e um dos meios de comunicação brasileiros que se situam na vanguarda das tendências de *newsmaking* voltadas para as novas TICs: *O Estado de S. Paulo*, conhecido como *Estadão*.

## 4 A COBERTURA TRANSMIDIÁTICA EM MANIFESTAÇÕES DE RUA NO CHILE SOB A ÓTICA DE *O ESTADO DE S. PAULO*

### 4.1 *Estadão*: história, jornalismo multimídia e contexto

O jornal *O Estado de S. Paulo*, popularmente conhecido como *Estadão*, importante veículo da mídia tradicional paulista, foi fundado em 1875, por Manoel Ferraz de Campos Salles e Américo Brasiliense, para atender às demandas de informação do setor agroexportador brasileiro à época, tendo em vista a composição da direção do veículo por fazendeiros do café do Oeste Paulista — polo da economia brasileira — e apresentava viés político favorável à proclamação da República (FGV).

O veículo acompanhou as inovações tecnológicas que marcaram o jornalismo durante o século XX, e criou plataformas para atender o público, como a *Rádio Eldorado* (1958), o *Jornal da Tarde* (1966, e extinto em 2012), a *Agência Estado* (1970), *OESP Mídia* (1984), *OESP Gráfica* (1988) e o serviço de notícias em tempo real *Broadcast* (1991), vinculado à *Agência Estado*. O processo de produção, entretanto, passa a mudar em 1992, quando o Grupo Estado começa a estruturar a integração das redações de *O Estado de S. Paulo*, *Jornal da Tarde* e *Rádio Eldorado* pelo conceito de “turbina informativa”, em que uma única equipe de repórteres passaria a ser responsável pela produção de notícias para os três veículos do conglomerado (GONÇALVES, 2018).

A modernização do processo produtivo para um ambiente digital foi possível diante da informatização das redações nos anos 1980, quando *O Estado de S. Paulo* foi um dos primeiros (BARBOSA, 2016). Aliás, o pioneirismo do *Estadão* na produção de notícias em âmbito nacional se estende também para o desenvolvimento de um projeto multimídia, base para a implementação da narrativa transmídia desenvolvida nos anos seguintes. Em 1993, por exemplo, foi lançado o projeto “Estadão Multimídia”, com o objetivo de promover a distribuição de informações por meio dos veículos portáteis de comunicação, disponíveis à época como *paggers*, fax, correio de voz e videotexto (BARBOSA, 2016 apud GONÇALVES; CAPOANO, 2017).

A inovação foi relevante para o jornalismo brasileiro “[...] para que o processo de adaptação às novas tecnologias tivesse a base necessária para o advento da internet comercial, que ocorreu somente em 1995” (GONÇALVES, 2018, p. 39), e permitiu que o veículo se tornasse um dos primeiros do Brasil a disponibilizar conteúdo informativo na internet. Entre 1995 e 2004, o Grupo Estado passou por quatro grandes fases de reestruturação da redação para se adaptar ao novo cenário de produção de conteúdo, apoiado no conceito de “redação

integrada” (SILVA, 2013), e operacionalizou definitivamente a adaptação da atividade jornalística para a internet.

Na primeira etapa, entre 1995 e 1998, os repórteres e editores eram encarregados de replicar o conteúdo do impresso diretamente para a *web*, e atravessaram experiências relevantes, como as coberturas dos Jogos Olímpicos de Atlanta (1996) e da Copa do Mundo de 1998, na França. No último evento, já se instalava uma preocupação com uma cobertura online integrada, diante da maior adaptação ao site *estadao.com.br* — que, em 2000, se tornaria o *Portal Estadão.com*, pilar da primeira fase multimídia do conglomerado.

A segunda etapa, desenvolvida entre 2002 e 2007, se desprende do processo de replicação do conteúdo disponibilizado na edição impressa, e passa a se preocupar com o adensamento do material já produzido, agora para a plataforma online. Esse processo de convergência jornalística, preâmbulo necessário para a aplicação do jornalismo transmídia, começou no Brasil durante o período da segunda etapa de migração do Grupo Estado, entre 2005 e 2007 (BARBOSA, 2016).

A mudança do projeto gráfico, iniciada em 2005, respingou nas alterações digitais, e o portal online do jornal passou por profundas modificações, tendo em vista a implementação de um projeto multimídia com recursos de interatividade, com o objetivo de integrar as diversas equipes envolvidas no novo projeto gráfico, em um único ambiente colaborativo que, por sua vez, “[...] melhorou substancialmente o processo de obtenção de informações e a qualidade dos serviços prestados” (SALAVERRÍA; NEGREDO, 2008, p. 119 apud GONÇALVES, 2018, p. 42). A primeira experiência de sucesso com o novo modelo foi durante a cobertura dos Jogos Pan-Americanos, que ocorreram no Brasil, em 2007 (GONÇALVES, 2018).

Já nesse relançamento do site, havia a estratégia de mesclar matérias, blogs, vídeos e podcasts como forma de diversificar a produção de notícias diante dos três pilares preconizados por Canavilhas (2013), de hipertextualidade, interatividade e multimidialidade. No lançamento, há o destaque para a TV Estadão, em 2006, que é objeto de discussão neste trabalho. Segundo o Estadão, ela é “[...] veículo de debates, de reportagens e de serviços produzidos por jornalistas do Grupo Estadão dentro do espírito de integração” (ESTADÃO, 2007).

No perfil no YouTube e no portal do *Estadão*, o jornal produz conteúdos aprofundados sobre assuntos variados cobertos pelo veículo, como política, economia, esportes e cotidiano, além de promover debates durante o período das eleições gerais no Brasil e em coberturas internacionais especiais, como os 20 anos do 11 de setembro, quando houve o atentado às Torres Gêmeas, nos Estados Unidos (ESTADÃO, 2021), e as manifestações populares no Chile contra as políticas neoliberais implementadas e mantidas pelo presidente Sebastián Piñera, em

2019 (ESTADÃO, 2019).

Diante disso, a reformulação levou os três produtos do grupo à época — *O Estado de S. Paulo*, *Jornal da Tarde* e *Rádio Eldorado* — a orbitarem em torno do mesmo site, *Estadão.com.br*, que pavimentou o ambiente para o jornalismo transmídia e para o surgimento de narrativas adaptadas às convergências tecnológicas (SALAVERRÍA; ALAVÉS; MASIP, 2010 apud GONÇALVES, 2018) — fusão de diversas mídias para garantir uma distribuição mais rápida e eficaz de conteúdo em diferentes plataformas.

Para as terceira e quarta etapas da reformulação, ocorridas entre 2007 e 2012 e entre 2012 e 2014, respectivamente, o *Estado de S. Paulo* começa a desenvolver as etapas de convergência e, em decorrência dessa alteração, de cobertura transmídia, depois da criação de novos portais de produção de conteúdo, como a *TV Estadão*, no YouTube, da popularização do jornalismo móvel, com as ascendentes plataformas digitais e portáteis, e a necessidade do jornalismo do *Estadão* em migrar também para redes sociais, como Facebook, Instagram e Twitter. Nesse contexto, em 2010, foi criado o aplicativo do jornal para o iPad, *tablet* da Apple, e para o sistema Android, em 2011. Em 2014, ao final das primeiras etapas de reestruturação, o *Estadão* adota o modelo de assinaturas para acessar o conteúdo *online* e impresso (ACERVO ESTADÃO, 2015).

Na sexta fase da reformulação da redação, em 2016, houve a alteração do modelo de posicionamento das notícias no site, que começou a manter sinergia com o *layout* do aplicativo do *Estadão*, além da criação de editorias voltadas para as novas mídias digitais, como a *Redes Sociais* e *Audiências*, que atuam dentro da lógica transversal, para a produção de conteúdo adaptado a diversas plataformas.

Em entrevista a Gonçalves (2018), o então diretor de Conteúdo do Grupo Estado, Ricardo Gandour, que acompanhou algumas etapas do processo de reestruturação do conglomerado, afirma que, ao final da quarta fase, já era esperado que o *Estadão* se tornasse *digital driven*, ou seja, o pilar de receita do jornal viesse através das notícias disponíveis no portal de notícias na internet, e não mais do veículo impresso. Conforme explica:

A redação, que era organizada em torno do produto de papel, tratava o digital como um subproduto do jornal. Posteriormente, ocorre uma adaptação, seguida de uma convergência que possibilitou a inversão dessa lógica, ou seja, o impresso é que passou a ser o subproduto. (GANDOUR, 2017 apud GONÇALVES, 2018, p. 83)

A reestruturação da redação do *Estadão* viabilizou que o jornal adaptasse gradualmente as produções jornalísticas para contemplar as demandas de um público cada vez mais conectado aos dispositivos móveis e às redes sociais, além das diversas modalidades de mídia ao novo

contexto. Diante disso, o veículo pôde estruturar grandes coberturas dependentes de um jornalismo transmídia em mobilidade, com destaque para as manifestações chilenas de 2019, que agregaram diversos movimentos sociais nas ruas de Santiago, capital do Chile, e outras cidades interioranas, para criticar as posturas sociais e econômicas neoliberais e impopulares.

Em uma experiência com a cobertura *in loco* com o repórter e atual editor de Internacional do *Estado de S. Paulo*, Rodrigo Cavalheiro, ainda houve aposta no jornalismo *selfie* para capturar os acontecimentos do ponto de vista do repórter, em que há interação com a notícia em tempo real. O jornalista ainda lançou mão de transmissões ao vivo dos acontecimentos, conferindo maior proximidade entre leitores e a reportagem. Entre 29 de outubro e 30 de novembro, o jornalista foi o principal responsável por abastecer o site e a edição impressa da editoria Internacional do *Estadão* com informações inéditas e com profundidade sobre as manifestações no Chile.

#### 4.2 O jornalista móvel no *Estadão*

A redação móvel, modalidade que decorre do declínio de um jornalismo voltado para a produção dentro das redações, a centralidade da redação, altera totalmente a forma de produção do repórter, que precisa inserir infraestrutura de conexão sem fio e tecnologias interligadas, como *smartphones*, para emoldurar a notícia. No *Estadão* desde 2010, o repórter e editor de Internacional Rodrigo Cavalheiro<sup>8</sup> começou na redação durante a quarta etapa da consolidação de um novo projeto de redação integrada (SALAVERRÍA; ALAVÉS; MASIP, 2010 apud GONÇALVES, 2018).

As modificações e a inserção de novas tecnologias o acompanharam no posto de correspondente internacional e enviado especial do *Estado de S. Paulo* — quando o repórter não está baseado em um país, e vai apenas para realizar uma cobertura específica. Ainda em 2012, recebeu a primeira missão como enviado, para cobrir as manifestações e as discussões sobre novas reformas que permitiriam a flexibilização da economia cubana. Ele afirma que, entre 2012 e 2019, durante os protestos no Chile, houve uma progressão das ferramentas e funcionalidades de *smartphones* e do seu papel como correspondente internacional.

Cavalheiro (2021) explica que, em coberturas internacionais do *Estadão*, os enviados especiais e correspondentes devem entregar, pelo menos, uma página para o jornal impresso por dia, que depois será programada para publicação no site. Além disso, também entram ao

---

<sup>8</sup> Este subcapítulo é baseado em entrevista concedida à autora por telefone em 25 de setembro de 2021. Transcrição completa no Anexo 1.

vivo em conversas para a *Rádio Eldorado*, do Grupo Estado, ao longo do dia para trazer atualizações e explicações sobre os acontecimentos. Segundo o repórter, não há obrigatoriedade para a produção de vídeos para a *TV Estadão* e para entradas ao vivo, que parte do interesse de cada jornalista.

Nos dias que realizou a cobertura das manifestações de rua no Chile, Cavalheiro (2021) manteve uma rotina produtiva cotidiana que permitiu a produção para múltiplas redes. Ele explica que começava os dias lendo as notícias publicadas em veículos locais e mantinha a televisão ligada do hotel — localizado no epicentro das manifestações e escolhido de forma estratégica para estar próximo dos acontecimentos mais “quentes” — em um canal de notícias 24 horas para acompanhar tudo em tempo real. Enquanto isso, ele entrava em contato com fontes locais que “serviam de produtoras” (CAVALHEIRO, 2021) e o abasteciam com fontes acadêmicas relevantes para explicar os fatos, como cientistas políticos, antropólogos e economistas.

Cavalheiro conta que, diariamente, tinha que entregar um “um ‘abre’<sup>9</sup> que não estivesse nas agências” e que, de acordo com ele, inclui “dados de um fenômeno, personagens que dão cara ao fenômeno e analistas que expliquem o fenômeno” (CAVALHEIRO, 2021)<sup>10</sup>. Depois de concluir o material, conseguia pensar em estratégias transmídia, como viajar para o outro lado da cidade para fazer uma transmissão ao vivo de um acontecimento relevante e fazer fotos de manifestações. Se não conseguisse terminar a tempo, as atividades se restringiam a locais próximos ao hotel, e focava em entregar o “convencional” para o dia seguinte.

Entretanto, Cavalheiro (2021) destaca que, apesar de não ser uma função pré-determinada do correspondente internacional, ficou mais popular por garantir maior interatividade do leitor com o acontecimento, sobretudo por meio de transmissões ao vivo em redes sociais, durante as quais os espectadores podem comentar em tempo real. O repórter argumenta que:

[...] essas entradas ajudam muito nesse aspecto porque é mais fácil de manter, de responder. A transmissão dura cinco minutos e não tem um rescaldo de comentários, perguntas que exijam uma equipe de jornal inteira respondendo, às vezes controlando comentários mais ou menos apropriados. (CAVALHEIRO, 2021)<sup>11</sup>.

O apelo da cobertura noticiosa articulada à mobilidade sempre foi a tônica do trabalho do enviado especial do *Estadão*, Rodrigo Cavalheiro, desde quando se deslocava de Buenos

---

<sup>9</sup> Matéria que abre a edição do jornal impresso em determinada editoria, daí o nome “abre”.

<sup>10</sup> Entrevista concedida à autora por telefone em 25 de setembro de 2021. Transcrição completa no Anexo 1.

<sup>11</sup> Entrevista concedida à autora por telefone em 25 de setembro de 2021. Transcrição completa no Anexo 1.

Aires, onde atuava como correspondente internacional, e partia para coberturas em outros países das Américas. Segundo ele, o formato de mobilidade produzido para abastecer os jornais digitais e impressos de informações é mais atrativo aos leitores e espectadores que o conteúdo em vídeo produzido para telejornais, em que o repórter fala diretamente com a câmera, com um microfone na mão.

Cavalheiro acredita que o fato de o jornalista móvel estar “caminhando, indo para um lado e para o outro, em um enquadramento que é muito parecido com esses de videogame” (CAVALHEIRO, 2021)<sup>12</sup> possa garantir maior aproximação do leitor com a notícia devido ao aspecto “caseiro” da produção, que é mais tangível a quem acompanha a cobertura do jornal por reunir ferramentas que estão ao alcance do leitor e espectador, como o *smartphone* que, aliado à interatividade permitida pelas redes sociais, transforma a cobertura em um negócio estimulante.

Além do aspecto apelativo da cobertura em mobilidade, que supostamente tende a captar a atenção do leitor pelo “improvisado”, Cavalheiro (2021) se preocupa em fazer escolhas que permitam aos consumidores do *Estadão* se relacionarem com a realidade chilena. Para isso, o jornalista afirmou apostar em histórias marcantes que retratam um determinado fenômeno, como foi o caso de matéria sobre um manifestante que perdeu o olho por tiro de bala de borracha (CAVALHEIRO, 2019c), e mostrar para quem acompanha, os pontos de convergência com realidades vividas no Brasil.

---

<sup>12</sup> Entrevista concedida à autora por telefone em 25 de setembro de 2021. Transcrição completa no Anexo 1.

## Figura 2 - Reportagem sobre manifestantes atingidos por bala de borracha em confronto com a polícia



“As autoridades foram avisadas sobre o número alarmante e não tomaram providência”, denuncia o médico Enrique Morales, enquanto exibe numa planilha uma comparação com números de danos à vista de manifestantes na repressão a protestos na França, no ano passado, na Caxemira, em 2010, e entre israelenses e palestinos. “Em nenhum desses houve algo parecido ao que ocorreu no **Chile**”, diz.



Jesús Llancán se recupera em casa, na periferia de Santiago, de disparo que destruiu seu olho esquerdo  
Foto: Rodrigo Cavalheiro/Estadão

A frequência e a semelhança na forma como manifestantes como Jesús têm ficado cegos levou médicos, advogados e os próprios

Fonte: Reprodução pelo aplicativo do *Estadão*.

Ele cita como exemplo pessoas que participaram das Jornadas de Junho, em 2013, quando houve dura repressão policial com balas de borracha e lançamento de bombas de gás lacrimogêneo. Quem passou por situação similar, e que podem resgatar na memória se já passaram por situações similares ou quem não, poderia se questionar sobre como reagiria se tivesse que fugir de uma bomba de gás lacrimogêneo (CAVALHEIRO, 2021). Na hora de trazer para o vídeo o ambiente, ele conta que “o nervosismo e risco eventual já transparecem nas imagens e no som, que são os dois sentidos que as pessoas têm contato. Em relação ao gosto e

ao cheiro, são coisas que eu posso aportar. Se fosse calor, eu falaria que está quente como ‘tal coisa’, fazendo comparação” (CAVALHEIRO, 2021)<sup>13</sup>.

Durante a cobertura das manifestações de rua no Chile em 2019, o enviado especial do *Estadão*, Rodrigo Cavalheiro, afirmou que foi o contexto efervescente dos protestos que o fez considerar o conhecimento adquirido durante a carreira como jornalista, sobretudo na frente das câmeras, mas também o “aspecto amador” (CAVALHEIRO, 2021) como um atrativo. Ele afirma que o uso desta abordagem no Chile teve retorno imediato, com aumento de audiência e estratégia de chamadas com destaque na *home* do site do *Estadão*<sup>14</sup>, mas que:

[...] tem pouco a ver com a qualidade da imagem. Tem muito a ver com a ideia de que está acontecendo alguma coisa e o “cara” está mostrando ao vivo, e tem que ver. Enquanto isso, o telejornal pode acontecer daqui a quatro horas e não devo conseguir ver tudo isso, isso se não vir com imagens de agências. É interessante que, se a gente oferece alguma coisa que coloca o público dentro da cena, tem uma demanda automática. (CAVALHEIRO, 2021)<sup>15</sup>

Na cobertura das manifestações no Chile em 2019, Cavalheiro (2021) se inseriu como testemunha dos fatos apresentados, matriz do jornalismo *selfie*, mas prezou por manter um distanciamento emocional da cobertura. Segundo ele, a carga subjetiva e emocional, como hesitação, preocupação e medo, são mais bem traduzidas para o leitor/espectador através das imagens e dos sons dos vídeos produzidos e, portanto, evita se colocar como personagem e “sujeito daquilo que está acontecendo”.

A interação entre o repórter e o ambiente do acontecimento é trazida para o público pelo enviado especial a partir da tentativa de passar os cinco sentidos do acontecimento, como forma de inserir o espectador dentro do acontecimento, como se também estivesse vivendo os fatos. Ele apela para o que acontece ao seu redor para “[...] descrever o que está acontecendo e, por meio dos meus sentidos, dizer como ‘aqui tem cheiro de gás lacrimogêneo’, ‘aqui tem cheiro de fumaça’, e sentimentos que possam ser percebidos pelo espectador como algo concreto, como ‘não estou muito nervoso’” (CAVALHEIRO, 2021)<sup>16</sup>.

---

<sup>13</sup> Entrevista concedida à autora por telefone em 25 de setembro de 2021. Transcrição completa no Anexo 1.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.estadao.com.br>. Acesso em: 27 set. 2021.

<sup>15</sup> Entrevista concedida à autora por telefone em 25 de setembro de 2021. Transcrição completa no Anexo 1.

<sup>16</sup> Entrevista concedida à autora por telefone em 25 de setembro de 2021. Transcrição completa no Anexo 1.

**Figura 3 - Reportagem transmídia sobre Piñera desistindo de receber duas cúpulas internacionais devido às manifestações**



Na reunião da Apec, a Casa Branca esperava que o presidente **Donald Trump** assinasse com o chinês **Xi Jinping** o primeiro protocolo para um acordo comercial que colocaria fim à disputa entre os dois países.

"A suspensão gera um dano enorme à imagem do país. A guerra comercial entre EUA e China poderia ter um fim aqui. Em contrapartida, seria muito difícil manter as

Fonte: Reprodução do aplicativo do *Estadão*.

Na experiência de Rodrigo Cavalheiro no Chile, em 2019, o repórter conta que não havia a possibilidade de levar um fotógrafo para acompanhá-lo na cobertura. Então, se deslocou sozinho de Buenos Aires, capital argentina, onde atuava como correspondente internacional, e partiu para a cobertura em Santiago, levando aparatos pessoais para ajudar na produção de notícias voltada para a lógica transmídia: um celular pessoal, para entrar em contato com a redação do *Estadão* e fazer transmissões ao vivo para a página no Facebook do jornal e entradas ao vivo para a *Rádio Eldorado*; um celular da empresa, para entrar em contato com fontes

locais; um fone de ouvido; uma câmera pessoal semiprofissional para a captura de imagens usadas nas reportagens; e o computador pessoal (CAVALHEIRO, 2021).

Durante a cobertura das manifestações no Chile em 2019, atuou como repórter, cinegrafista, fotógrafo, locutor e apresentador. O caráter multifacetado do profissional é reforçado por Salaverría (2014 apud GONÇALVES, 2017, p. 88) quando o autor afirma que “[...] o jornalista portador de capacitação técnica e acesso à infraestrutura básica é capaz de registrar, editar, armazenar e transacionar conteúdos (imagens, textos e sons), em qualquer lugar, por meio de um único aparelho móvel”.

No *Estadão*, o jornalista Rodrigo Cavalheiro explica que mal se pensava em entradas ao vivo quando começou nas coberturas internacionais, em 2012, mas que se tornaram a principal tônica da sua atuação no Chile, tendo em vista a progressão das tecnologias e massiva cobertura de internet no país sul-americano. O desenvolvimento dos *smartphones* e o avanço das redes móveis de 2G para 3G e 4G aceleraram muito a velocidade de produção e foram fatores apresentados pelo jornalista como motores que ajudaram a facilitar o jornalismo móvel digital no *Estadão* e nos demais veículos. Cavalheiro também conta que as ferramentas de transmissão *live* usando o *Facebook* em um jornalismo móvel foram a principal estratégia de cobertura que pudesse contemplar a gama de acontecimentos simultâneos:

[...] naquela cobertura do Chile, tinha muita coisa acontecendo efetivamente como pano de fundo. Então, me parece que as entradas ganharam interesse e despertaram a interação do público porque estavam vendo coisas ao vivo no fundo, como bombas explodindo, gás lacrimogêneo, jato d’água nos manifestantes, e nenhum outro modo de fazer a matéria te traz tanto para dentro da cena. (CAVALHEIRO, 2021)<sup>17</sup>

Quando o jornalista se deslocou da Argentina para cobrir as manifestações no Chile, em 2019, considerando que, em se tratando de coberturas especiais, deveria haver um planejamento de até seis meses de antecedência por parte do veículo para pensar em levar um fotógrafo junto com o jornalista, por exemplo, para encorpar mais a equipe. Em decorrência disso, por ter ido sozinho, ele teve que fazer escolhas na produção de notícias pensando em qual lugar seria mais vantajoso estar em determinado momento para realizar a cobertura e mandar o material para a redação, em São Paulo.

O mundo ideal é ter uma equipe de produtor que possa te dar segurança de não estar perdendo o convencional, e isso é importante, porque se tem uma invasão no palácio e não se perde isso. O mundo ideal seria ter ido com um fotógrafo, que tem uma capacidade técnica maior que a minha para captar imagens, fotografias e eventualmente ter uma imagem melhor de vídeo. Tendo uma equipe, pode dar o

---

<sup>17</sup> Entrevista concedida à autora por telefone em 25 de setembro de 2021. Transcrição completa no Anexo 1.

melhor de cada, com uma matéria convencional com a passagem apurada, mais pensada, com mais contexto, mais pesquisa. E não tem tempo para tudo, porque nessas coberturas, a gente faz escolhas. (CAVALHEIRO, 2021)<sup>18</sup>

### 4.3 Análise das reportagens transmidiáticas no *Estadão*

#### 4.3.1 Metodologia

A partir da bagagem teórica apresentada neste trabalho, o objetivo da pesquisa é analisar o conteúdo das reportagens transmidiáticas feitas pelo jornal *O Estado de S. Paulo* no contexto da cobertura das manifestações chilenas de 2019, e compreender como e por que o jornalismo transmidiático é relevante para a cobertura internacional. Diante disso, a análise procura focar no material, nas ferramentas e nas estratégias agregadas à cobertura do jornalista Rodrigo Cavalheiro, enviado especial do *Estadão* à Santiago, nos protestos na capital chilena.

Embora haja estudos que se concentrem sobre o uso de redes sociais por reportagens do *Estado de S. Paulo* (MASSUCHIN; CARVALHO, 2016; SANTOS, 2017; GAIA, 2018; SPINELLI, 2012), sobre as alterações de produção e consumo de notícias no jornalismo móvel e no jornalismo digital (SILVA, 2013, 2015; SALAVERRÍA, 2014; CANAVILHAS, 2014; GONÇALVES, 2018) e sobre o desenvolvimento dessas estruturas dentro do *Estadão* (GONÇALVES, 2018; BARBOSA, 2016), essa pesquisa procura encontrar o ponto de convergência entre todos os trabalhos supracitados.

Ademais, há uma tentativa de contribuição de material sobre o uso de jornalismo *selfie* no jornalismo brasileiro e, sobretudo, no *Estado de S. Paulo*, tendo em vista não apenas a carência de estudos em português que se debruçam sobre a temática, como o uso da estratégia de cobertura durante as manifestações no Chile, em 2019.

Diante da revisão de literatura referente ao tema, fica nítida a ausência de estudos sobre a cobertura feita por jornais brasileiros, e sobretudo o *Estadão*, durante as manifestações chilenas, evento de relevância regional dadas as proporções dos protestos e as conquistas adquiridas pelos manifestantes, como o direito de reformular a Constituição do país. Há, porém, estudos que se voltam para reportagens feitas e compartilhadas a partir de redes sociais de veículos de comunicação do Chile (HERRERA; POZO, 2020). Entretanto, a presente pesquisa pretende ajudar na complementação de literatura sobre o acontecimento, sob a ótica do jornalismo transmidiático brasileiro, e modos de cobertura noticiosa.

As metodologias escolhidas para embasar os resultados são a análise qualitativa de conteúdo (BARDIN, 1977), voltada especificamente para as novas formas de cobertura

---

<sup>18</sup> Entrevista concedida à autora por telefone em 25 de setembro de 2021. Transcrição completa no Anexo 1.

emergentes, e estudo de caso (YIN, 2001), tendo em vista a observação específica do *Estadão*. Todo o material agregado para a análise nesta pesquisa foi produzido pelo enviado especial do *Estadão* a Santiago, Rodrigo Cavalheiro. Portanto, o *corpus* da pesquisa envolve o estudo das reportagens — publicadas entre 29 de outubro e 30 de novembro de 2019 no site *estadao.com.br*, o portal oficial do veículo:

1. “Protestos no Chile levam Piñera a cancelar cúpula do clima e fórum do Pacífico”<sup>19</sup>;
2. “Classe média endividada exige sua parte em crescimento econômico no Chile”<sup>20</sup>;
3. “Causas e caras da revolta no Chile”<sup>21</sup>;
4. “‘Perdi um olho, mas voltei a protestar’, diz manifestante chileno”<sup>22</sup>;
5. “‘Pior que tortura’, diz advogada que busca vítimas de tiros no Chile”<sup>23</sup>.
6. “‘Nos acostumamos a chupar limões’, diz manifestante chilena”<sup>24</sup>
7. “Marcha por melhores aposentadorias acaba em confronto em Santiago”<sup>25</sup>
8. “Chilenos vivem sob ‘apartheid’ educacional, dizem analistas”<sup>26</sup>
9. “Protestos chilenos têm a mão de Hong Kong, não a de Cuba e Venezuela”<sup>27</sup>
10. “Chilenos entre os saques e as repressões”<sup>28</sup>
11. “Protestos no Chile fazem Piñera recuar em ponto-chave de reforma tributária”<sup>29</sup>

Ainda integram o *corpus* os vídeos a seguir — sendo os três primeiros publicados na página do Facebook do *Estadão*, enquanto o último foi publicado na *TV Estadão*, no canal do YouTube do jornal:

---

<sup>19</sup> Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,chile-cancela-realizacao-da-cupula-do-clima-em-razao-da-onda-de-protesto,70003069465>. Acesso em: 30 set. 2021.

<sup>20</sup> Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,classe-media-endividada-exige-sua-parte-em-crescimento-economico-do-chile,70003074136>. Acesso em: 30 set. 2021.

<sup>21</sup> Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,causas-e-caras-da-revolta-no-chile,70003110065>. Acesso em: 30 set. 2021.

<sup>22</sup> Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,perdi-um-olho-mas-voltarei-a-protestar,70003083332>. Acesso em: 30 set. 2021.

<sup>23</sup> Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,pior-que-tortura-diz-advogada-que-busca-vitimas-de-tiros-no-chile,70003083368>. Acesso em: 30 set. 2021.

<sup>24</sup> Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,nos-acostumamos-a-chupar-limoes-diz-manifestante-chilena,70003068996>. Acesso em: 30 set. 2021.

<sup>25</sup> Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,marcha-por-melhores-aposentadorias-acaba-em-confronto-em-santiago,70003068926>. Acesso em: 30 set. 2021.

<sup>26</sup> Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,chilenos-vivem-sob-apartheid-educacional,70003070507>. Acesso em: 30 set. 2021.

<sup>27</sup> Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,no-chile-ajuda-vem-de-hong-kong-nao-de-cuba-ou-caracas,70003073300>. Acesso em: 30 set. 2021.

<sup>28</sup> Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,chilenos-entre-os-saques-e-a-repressao,70003072031>. Acesso em: 30 set. 2021.

<sup>29</sup> Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,protestos-no-chile-fazem-pinera-recuar-em-ponto-chave-de-reforma-tributaria,70003073271>. Acesso em: 30 set. 2021.

12. “Revolta no Chile - confrontos seguem após Piñera desistir de cúpulas”<sup>30</sup>;
13. “Revolta no Chile - O metrô, onde começaram os protestos”<sup>31</sup>;
14. “Protestos em Santiago”<sup>32</sup>
15. “Apelo emocional para fugir dos saques”<sup>33</sup>.

As onze reportagens e os quatro materiais audiovisuais foram escolhidos por representarem o último patamar de desenvolvimento da convergência entre meios (QUINN, 2005; JENKINS, 2009), em que os materiais publicados apresentam conteúdos complementares que operam de forma completa quando vistos juntos. Ademais, os objetos do estudo retratam a modalidade de jornalismo transmídia (CANAVILHAS, 2014), de jornalismo móvel digital (SILVA, 2013, 2015) e jornalismo *selfie* (MANIOU; VEGLIS, 2016). Já o contexto das manifestações chilenas de 2019 foi escolhido como recorte diante da magnitude dos protestos, que levaram mais de 1 milhão de pessoas às ruas no país em apenas um dia de manifestação, agregando diversos movimentos sociais e agrupamentos de diversas classes econômicas, além de ter levado o presidente do Chile, Sebastián Piñera, a convocar uma Assembleia Constituinte para formular uma nova Carta Magna.

Para analisar as reportagens transmidiáticas, há o seguimento das três etapas de Análise de Conteúdo (AC) descritas por Bardin (1977): pré-análise, codificação e categorização. Durante o processo de pré-análise das dezenas de reportagens feitas pelo *O Estado de S. Paulo* no contexto das manifestações do Chile em 2019, foram excluídos os materiais feitos com base em textos de agências de notícias, como a *AFP* e a *EFE*, reportagens feitas por outros repórteres ou sem assinatura específica — em que se escreve “Redação”.

Depois dessa filtragem, também foram excluídos do *corpus* materiais em que não há a presença de estratégias de convergência midiática para a elaboração de jornalismo transmídia. No caso dos vídeos, a pré-análise excluiu materiais publicados com vídeos ou imagens feitos por agências de notícias como a *AFP* e gravação em *off* de um repórter do *Estadão*. Ao final, chegamos ao número de onze reportagens e quatro vídeos.

No âmbito da codificação, a interpretação está centrada na relação entre texto e vídeo a partir da linguagem e das informações apresentadas pelo jornalista. Nas reportagens, portanto,

---

<sup>30</sup> Disponível em: [https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch\\_permalink&v=499527500639412](https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=499527500639412). Acesso em: 30 set. 2021.

<sup>31</sup> Disponível em: [https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch\\_permalink&v=2608425739177656](https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=2608425739177656). Acesso em: 30 set. 2021.

<sup>32</sup> Disponível em: [https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch\\_permalink&v=447961415831012&t=0](https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=447961415831012&t=0). Acesso em: 30 set. 2021.

<sup>33</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D-LIXu67CYg>. Acesso em: 30 set. 2021.

as unidades de registro observadas serão quantos e quais elementos de transmídia são identificados em cada notícia. No caso dos vídeos publicados no YouTube e no Facebook, a pesquisa se propõe a sublinhar as características de jornalismo móvel, transmídia e jornalismo *selfie* representadas.

Todas as informações coletadas para unidades de registro devem ser observadas a partir da unidade de contexto em que se encontram (BARDIN, 1977), ou seja, a análise leva em consideração o fato do *Estadão* ser um dos maiores veículos de mídia brasileiros, com profundo suporte tecnológico tanto para o repórter, quanto para a elaboração da reportagem, e também o panorama das manifestações do Chile, que demandam uma mobilidade considerável do jornalista para conseguir acompanhar os acontecimentos com celeridade (CAVALHEIRO, 2021).

Para a próxima etapa, a categorização, Bardin (1977) fundamenta que, antes do desenvolvimento da análise de conteúdo, seja feita a separação dos elementos em duas etapas: o inventário, em que há o cuidado com a separação dos elementos; e a classificação, com a repartição dos objetos de estudo para trazer o caráter organizacional para a pesquisa. Portanto, para o mérito deste estudo, se faz relevante separar as características que serão observadas nas reportagens e nos vídeos feitos por Rodrigo Cavalheiro considerando-se o aporte teórico da pesquisa: transmídia, jornalismo em redes sociais, jornalismo móvel, jornalismo *selfie* e *newsmaking*. A análise se pauta nos critérios apresentados na tabela abaixo:

**Tabela 1 - Categorias de análise**

| <b>Categorias de análise</b> | <b>Características analisadas</b>                    |
|------------------------------|--|
| Transmídia                   | Interatividade                                       |
|                              | Hipermídia   |
|                              | Multimídia (foto + vídeo + texto)                    |
| Jornalismo em redes sociais  | Instantaneidade                                      |
|                              | Produção voltada para dispositivos móveis            |
|                              | Recirculação para o portal de notícias               |
|                              | Participação e colaboração dos leitores/espectadores |
| Jornalismo móvel             | Produção em mobilidade                               |
|                              | Uso massivo de dispositivos móveis                   |
|                              | Cobertura em tempo real                              |
|                              | Adaptação do conteúdo a formatos móveis              |
|                              | Repórter multimídia                                  |
| Jornalismo <i>selfie</i>     | Trabalho individual                                  |
|                              | Improviso  |

|                   |                                    |
|-------------------|------------------------------------|
|                   | Conferir credibilidade ao repórter |
|                   | Divulgação em tempo real           |
|                   | Participação do jornalista no fato |
| <i>Newsmaking</i> | Jornalista <i>gatewatcher</i>      |
|                   | Apuração em mobilidade             |
|                   | Articulação multimídia             |
|                   | Acúmulo de funções                 |
|                   | Especialização temática            |

Fonte: Elaboração feita pela autora.

Em conjunto, o *corpus* também demanda uma análise sob a ótica do Estudo de Caso, metodologia apresentada por Robert Yin (2001) para objetos inseridos no campo das Ciências Sociais, e se justifica pela escolha de um objeto de estudo centrado em um acontecimento contemporâneo em que não se pode mapear os comportamentos, e na busca por respostas que atendam reflexões interpretativas e subjetivas iniciadas por “como” e “por que” (YIN, 2001). Para os propósitos da pesquisa, há a hipótese (H1) de que o jornalismo transmídia do *Estadão* oferece um material mais completo e aprofundado em grandes coberturas e de que (H2) o jornalismo *selfie* como escolha de cobertura pelo jornalista Rodrigo Cavalheiro aproxima o leitor da notícia.

Ademais, para adensar o material de estudo sobre o *newsmaking* no âmbito do jornalismo móvel digital, valeu-se de entrevista com o jornalista Rodrigo Cavalheiro. Na etapa de planejamento, os casos foram selecionados a partir de pesquisa em buscadores online dentro do repositório do *Estadão* na versão digital, tendo em vista as matérias publicadas por Cavalheiro e que apresentam as características do jornalismo transmidiático. As videorreportagens foram coletadas a partir de busca ativa no repositório do *Estadão* no YouTube e no Facebook.

A escolha de onze reportagens e quatro vídeos utilizados dentro dos materiais se mostrou uma quantidade suficiente de casos para chegar ao objetivo da pesquisa, dado que o *corpus* foi selecionado visando apresentar que, em mais de uma reportagem feita pelo repórter Rodrigo Cavalheiro, enquanto enviado especial do *Estadão* no Chile, foram escolhidas estratégias transmídia, com produtos em imagem, vídeo e texto. Os instrumentos de pesquisa utilizados foram o recorte das reportagens digitais a partir de buscadores *online* e a realização de entrevista com o jornalista, com duração de 1h20, feita em videoconferência, transcrita na íntegra no Anexo 1. Como elementos de análise, foram observados os materiais transmídia utilizados nas reportagens e, no caso dos vídeos, de que forma inserem técnicas de jornalismo móvel, transmidiático ou *selfie* na rotina produtiva.

### 4.3.2 Análise

Diante da categorização do material a partir dos tópicos destrinchados nesta pesquisa, os resultados obtidos foram divididos em dois blocos: o primeiro estuda a narrativa transmídia em separado, adensando o olhar para as onze reportagens publicadas no site do *Estadão*; o segundo, os quatro vídeos produzidos pelo repórter Rodrigo Cavalheiro e incluídos como peças audiovisuais dentro das reportagens do site, observados sob a ótica de jornalismo móvel, jornalismo *selfie*, jornalismo em redes sociais e *newsmaking*. A consolidação de duas análises, fundamentadas na metodologia da Análise de Conteúdo (AC), se justifica pelas diferentes nuances a serem observadas em cada objeto.

O vídeo, por ser mais expositivo e produzir materiais com maior duração pelo repórter *in loco*, tem o valor mais voltado para a dissertação de produção móvel, visto que é de melhor compreensão o local em que o jornalista Rodrigo Cavalheiro escolheu como *locus* da reportagem. Essa justificativa se aplica à necessidade de observar o jornalismo *selfie* do repórter, dado que a modalidade é exclusiva de produções jornalísticas audiovisuais. Sob a ótica das redes sociais, todo o material em vídeo foi publicado nos perfis do Facebook ou do YouTube do *Estadão* e, portanto, a análise de interação também pode ser mais bem aprofundada com a análise em vídeo. O *newsmaking*, portanto, condensa todas as modalidades de jornalismo elencadas previamente, e verifica-se a validade de apurar com maior certeza o formato e a escolha do modelo jornalístico em questão a partir do vídeo.

Em decorrência de profunda avaliação da modalidade texto, peça basilar para compreender a aplicação do jornalismo transmídia na cobertura feita pelo *Estadão* das manifestações chilenas de 2019, a AC mostra que a modalidade transmídia foi articulada efetivamente em metade dos casos, conforme apresentado na tabela abaixo:

**Tabela 2 - Resultado da análise de reportagens em texto**

| <b>Categorias de análise</b> | <b>Características analisadas</b> | <b>Resultados</b> |
|------------------------------|-----------------------------------|-------------------|
| Transmídia                   | Interatividade                    | 11                |
|                              | Hipermídia                        | 9                 |
|                              | Multimídia (foto + vídeo + texto) | 7                 |

Fonte: Elaboração feita pela autora.

A cobertura das manifestações no Chile pelo enviado especial do *Estadão* a Santiago, Rodrigo Cavalheiro, mostra uma profunda preocupação com a apresentação de uma narrativa transmídia, tendo em vista a vasta inclusão do tripé de avaliação apresentado, inicialmente, por

Canavilhas (2014): interatividade, hipertextualidade e multimídia. Conforme o autor pondera, se uma reportagem consegue atender aos três parâmetros, alcança o patamar de “transmídia”. Todavia, a avaliação do conteúdo noticioso produzido pelo enviado especial Rodrigo Cavalheiro não reflete efetivamente a totalidade da produção multimídia do *Estadão*, tendo em vista que, segundo o repórter, não há um manual de práticas audiovisuais a ser seguidos pelos correspondentes e enviados especiais do veículo. Portanto, a preponderância de elementos transmidiáticos deve ser observada sob a ótica específica da cobertura do jornalista, mas não cabe ao trabalho estender a aplicação necessariamente para todos os repórteres do *Grupo Estado*.

A elaboração de hipertextualidade se faz muito presente em todas as reportagens do *corpus*, tendo em vista o uso constante de *hiperlinks* para relacionar uma reportagem a outra que fale sobre temas correlatos aos das manifestações do Chile, ou mesmo que redirecione o leitor a outro material produzido por Rodrigo Cavalheiro, responsável pela maioria do material autoral no âmbito dos protestos chilenos para o *Estadão*. Essa frequência ocorre principalmente na matéria 3, publicada em 30 de novembro de 2019. A reportagem se propõe a fazer um apanhado dos principais tópicos que não apenas explicam ao leitor o contexto em que os protestos se inserem, mas também os fatos que decorrem dos protestos, como as matérias 4, 5 e 6, em que Santiago é apresentada ao leitor com maior profundidade, contando relatos de manifestantes atingidos por balas de borracha, estratégias de proteção da polícia e a realidade de quem foi às ruas protestar contra o governo de Sebastián Piñera. Na matéria 3, o leitor consegue ser direcionado para a maior parte do conteúdo produzido por Rodrigo Cavalheiro enquanto enviado especial no *Estadão*.

Por outro lado, quase metade das reportagens analisadas (6) têm poucos ou nenhum link para fomentar a recirculação interna do leitor, fator que enfraquece o teor transmidiático da reportagem, associado à constante complementaridade das informações entre reportagens e conteúdos multimídia expostos. Nas reportagens 6 e 8, não houve a inclusão de nenhum *hiperlink* para manter o leitor dentro do site, mas em outra matéria, enquanto as reportagens 5, 7, 9 e 11 têm, no máximo, 3 *links* internos. Essa falta de preocupação com a *linkagem* dificulta a retenção dos leitores e atenua as potencialidades transmidiáticas da notícia.

Os links, usados de forma desigual dentro das reportagens, raramente atendem à estratégia de recirculação dentro do material publicado pelo jornalista Rodrigo Cavalheiro, à exceção da reportagem 3, que compila diversas informações previamente publicadas pelo autor. Durante o processo de análise, foi observada a preferência por escolhas de palavras-chave para realizar a linkagem, uma possível estratégia de captura de atenção mais efetiva. Nas 11

reportagens, a maioria colocou *links* nas palavras “Sebastián Piñera” (6), “Chile” (6) e “Augusto Pinochet” (2).

A referência ao atual presidente chileno, Piñera, e ao ex-ditador do país sul-americano, Pinochet, denota a relevância das duas figuras nos debates que foram levados às ruas pela população em 2019, tendo em vista a permanência de resquícios de problemas econômicos, sociais e políticos advindos da ditadura militar, encerrada em 1990 no país. O interesse pelos clamores das ruas, sobretudo diante de certo desconhecimento sobre temas gerais do Chile pela audiência brasileira, como política, economia, cultura, história e notícias recentes, podem estar por trás da escolha da palavra como uma das primordiais para a linkagem.

A preocupação com a multimídia, fundamental para a caracterização do jornalismo transmídia, é nítida em mais da metade das reportagens analisadas (7). A título analítico, é importante ressaltar que o *Estadão* optou por usar uma produção audiovisual da agência de notícias *AFP* em duas das reportagens, em que o presidente do Chile Sebastián Piñera concede entrevista exclusiva a uma jornalista da *BBC News*. Nas outras 5 reportagens, há o uso de material em vídeo produzido por Rodrigo Cavalheiro, durante a cobertura *in loco*, em Santiago — os quatro vídeos observados dentro das reportagens serão posteriormente analisados em densidade na segunda etapa de análise.

De forma geral, há uma uniformidade na escolha dos vídeos por matéria, dando preferência a um por matéria, empregados no formato “olho”, como quebra de texto para o jornal digital. Os materiais utilizados foram produzidos pelo enviado especial em Santiago pelo celular pessoal, tanto para a *TV Estadão* quanto para a página no Facebook do *Estadão*, em movimento por pontos estratégicos da cidade, como próximo a prédios depredados (15), dentro de manifestações (14) e retornando ao local em que os protestos chilenos começaram, devido inicialmente ao anúncio do aumento da tarifa de metrô em 30 pesos chilenos (13).

No contexto do material escrito, a relevância dos vídeos no sentido de complementaridade da notícia fica evidente, tendo em vista que o material presente nas peças audiovisuais é diferente dos textos publicados no site, mas atuam como peças extras para facilitar a compreensão dos acontecimentos no Chile, através de uma nova ótica. Essa lógica se justifica também no fato de que, independentemente da data de publicação da reportagem em texto, há a anexação de um vídeo produzido por Cavalheiro ou o vídeo produzido pela agência de notícias *AFP*, em que há uma gravação *in off* de um trecho da entrevista feita pela *BBC News* com o presidente chileno.

A mutabilidade das reportagens online e o dinamismo voltam a surgir como motores de uma produção transmídia, já que a equipe do *Estadão* se preocupou em incluir vídeos, em sua

maioria produzidos na modalidade de transmissão ao vivo pelo enviado especial, em reportagens que foram publicadas depois da veiculação dos vídeos. Esse caso ocorreu, por exemplo, na reportagem 3, publicada em 30 de novembro de 2019, cerca de um mês depois da transmissão ao vivo da peça 13. A preocupação em trazer material multimídia para reportagens publicadas depois do contexto da transmissão reforça o papel dos vídeos no enriquecimento do material da cobertura.

Outros elementos multimídias relevantes para a análise são as imagens utilizadas nas reportagens, produzidas, em grande parte, pelo próprio jornalista Rodrigo Cavalheiro. Para a cobertura das manifestações, ao sair de Buenos Aires, local em que atuava como correspondente internacional, o repórter levou consigo uma câmera semiprofissional, que o acompanhou durante a cobertura dos protestos. De acordo com a análise do *corpus*, as fotografias produzidas pelo jornalista tiveram muito destaque, mesmo para as matérias para o *online* — no caso, há como exemplo as matérias 8 e 11, em que a reportagem do site é aberta com uma foto grande, que pega a extensão da página, com o título escrito por cima da imagem, ferramenta que traz a relevância e o impacto das imagens. As imagens de autoria própria tiveram duas funcionalidades nas produções jornalísticas: ilustrar personagens entrevistados para as reportagens e trazer fotografias de impacto para “abrir a reportagem” com uma foto que ilustra o tema abordado.

**Figura 4 - Reportagem transmídia feita por Cavalheiro com destaque para imagem autoral feita por câmera semiprofissional**



Fonte: Reprodução do aplicativo do *Estadão*.

Todas as imagens foram registradas enquanto o repórter investigava as ruas de Santiago, um sinal forte de correlação entre as peças multimidiáticas presentes nas matérias. Isso denota, sobretudo, a interconexão entre os diferentes meios de comunicação — áudio, vídeo, texto e imagem — para se complementarem ao contar uma história para o leitor do *Estadão* que estava acompanhando as manifestações no Chile. Essa sincronia entre os diferentes meios, sem sobreposição de informações repetidas entre foto, vídeo e texto, é a tônica de uma produção multimídia associada a um jornalismo transmídia eficiente.

Ademais, soma-se aos outros aspectos analisados da transmídia o caráter interativo das reportagens. Embora o texto no *online* tenha uma certa rigidez que impede a interação em tempo

real, como no caso das transmissões ao vivo em redes sociais, os leitores podem expressar a opinião sobre as reportagens na seção “Comentários”, presente ao final de cada notícia. Diante do observado na análise, o espaço é utilizado em todos os 11 objetos de texto escrutinados nesta pesquisa, o que mostra a demanda dos leitores e espectadores da notícia de terem um espaço para discussão e interação com a notícia.

Dentro dos comentários, a grande maioria das ponderações dos assinantes do *Estadão* gira em torno das temáticas abordadas em cada reportagem, e ainda há mesmo um espaço para questionamento e debate crítico. Apesar de não contar necessariamente com a participação do jornalista responsável pela cobertura, fica nítido que os leitores têm interesse em discorrer sobre as informações contidas nas matérias, o que mostra a potencialidade do meio de comunicação em promover engajamento com o conteúdo produzido pelo *Estadão*.

Depois do escrutínio minucioso dos elementos que configuram a narrativa transmidiática, aplicados com ressalvas pelo *Estadão* nas reportagens de Rodrigo Cavalheiro sobre as manifestações no Chile, agora cabe observar com profundidade os materiais em vídeo produzidos para o Facebook e o YouTube do veículo e linkados nas reportagens. Na segunda etapa da análise foram observadas as categorias: jornalismo móvel, jornalismo em redes sociais, jornalismo *selfie* e *newsmaking*. A partir da análise dos 4 vídeos feitos pelo enviado especial, foi possível aferir que há nítida prevalência pelo modelo de cobertura *selfie* e em tempo real da notícias, conforme apresentado na tabela abaixo:

**Tabela 3 - Resultado da análise das reportagens em vídeo**

| <b>Categorias de análise</b> | <b>Características analisadas</b>                    | <b>Resultados</b> |
|------------------------------|--|-------------------|
| Jornalismo em redes sociais  | Instantaneidade                                      | 3                 |
|                              | Produção voltada para dispositivos móveis            | 4                 |
|                              | Recirculação para o portal de notícias               | 0                 |
|                              | Participação e colaboração dos leitores/espectadores | 3                 |
| Jornalismo móvel             | Produção em mobilidade                               | 4                 |
|                              | Uso massivo de dispositivos móveis                   | 4                 |
|                              | Cobertura em tempo real                              | 3                 |
|                              | Adaptação do conteúdo a formatos móveis              | 4                 |
|                              | Repórter multimídia                                  | 4                 |
| Jornalismo <i>selfie</i>     | Trabalho individual                                  | 4                 |
|                              | Improviso  | 4                 |
|                              | Conferir credibilidade ao repórter                   | 4                 |
|                              | Divulgação em tempo real                             | 3                 |
|                              | Participação do jornalista no fato                   | 4                 |

|                   |                               |   |
|-------------------|-------------------------------|---|
| <i>Newsmaking</i> | Jornalista <i>gatewatcher</i> | 3 |
|                   | Apuração em mobilidade        | 4 |
|                   | Articulação multimídia        | 4 |
|                   | Acúmulo de funções            | 4 |
|                   | Especialização temática       | 4 |

Fonte: Material elaborado pela autora.

Nos quatro materiais em vídeo observados, vale destacar primeiro a prevalência de estruturas de jornalismo móvel, conforme apresentado por Silva (2013, 2013) e Dantas e Rocha (2017). Nos vídeos 12, 13, 14 e 15, fica nítida a preocupação de Rodrigo Cavalheiro em reforçar a cobertura em mobilidade, tendo em vista que os vídeos são todos gravados enquanto o jornalista se movimenta por Santiago. A produção móvel, assim como avalia Silva (2013) e Cavalheiro (2021), foi potencializada pelo uso de dispositivos móveis, sobretudo em coberturas de manifestações, conforme explica Pavlik (2014 apud PELLANDA et al, 2017). Cavalheiro (2021) afirma que, ao desembarcar no Chile, levou consigo dois *smartphones*, um pessoal e um do *Estadão*, para realizar a cobertura. Essa dependência dos dispositivos é plenamente observada no *corpus*, dado que todos os 4 vídeos são estruturados por meio de gravações por celular.

A opção por dispositivos móveis para a cobertura, segundo Cavalheiro (2021), se deu pela praticidade para desbravar a cidade, elemento reforçado nos vídeos, sobretudo no vídeo 12, em que mostra o jornalista se aproximando de um ambiente com manifestantes para mostrar melhor um confronto entre protestantes e a polícia, e rapidamente, ao ver se o clima de tensão surgindo, se afasta com rapidez do local, e todo o material foi gravado e apresentado aos espectadores.

A cobertura em tempo real foi a tônica dos vídeos feitos por Rodrigo Cavalheiro em Santiago, e representa 3 das 4 peças produzidas. Entre os elementos mais chamativos está a escolha por transmissões ao vivo pelo Facebook, plataforma que, segundo o jornalista, foi eleita pelo *Estadão* como espaço para a cobertura do dia a dia. A cobertura em tempo real do veículo opta pelo uso da ferramenta *Facebook Live*, espaço da rede social para que produtores de conteúdo façam *live stream*. A modalidade, segundo Gaia (2018), foi extensamente explorada pelo *Estadão* na cobertura de grandes manifestações e eventos relevantes. Novamente, no contexto dos protestos de rua no Chile, foi a modalidade escolhida para apresentar aos leitores e espectadores do jornal o que estava acontecendo no país sul-americano.

Para os espectadores, a cobertura em tempo real feita por Cavalheiro também tem relevância porque, nas três peças audiovisuais produzidas dentro da ferramenta *Facebook Live*,

há a preocupação em mostrar elementos importantes do contexto chileno à época, como o local em que os protestos começaram (13) e manifestações de rua que ocorriam no momento (12) (14). Esse formato retoma a tentativa do jornal de aproximação com o leitor e espectador, e captura a atenção para a expectativa de novas informações, conforme atestado ao observar a quantidade de comentários<sup>34</sup> em tempo real nas publicações e de visualizações, o que demonstra um interesse do público em coberturas executadas com a preocupação de uma transmissão ao vivo ou formatos correlatos.

Entretanto, fica evidente que a estratégia de *live stream* se restringe ao formato de reportagem pensado para o Facebook do *Estadão*, dado que o único vídeo que destoava dessa cobertura em tempo real é o 15, produzido pelo jornalista para a *TV Estadão*, canal no YouTube do veículo. Essa diferenciação se alicerça em comentário feito por Cavalheiro (2021), explicando que o material produzido para a *TV Estadão* seria mais “frio”, porque o jornalista teria que fazer a gravação dos vídeos e encaminhar o produto à equipe de audiovisual do jornal para, então, colocarem nos moldes de vídeo para publicação no YouTube, com vinheta inicial e final da *TV Estadão* e, portanto, não seria viável logisticamente executar transmissões ao vivo pela plataforma.

Ademais, há que se destacar a relevância da adaptação do conteúdo para dispositivos móveis, dado que, por serem conteúdos publicados em redes sociais, o jornal consegue manter a qualidade e a formatação adequada por se tratar de um produto jornalístico feito exclusivamente para uma mídia — o Facebook, no caso dos objetos 12, 13 e 14, e o YouTube, no caso do objeto 15. Portanto, o material em vídeo, ao ser encaixado dentro de reportagens feitas por Rodrigo Cavalheiro para as edições digital e impressa do *Estadão*, permite que o leitor/espectador possa migrar da página ou do aplicativo do jornal para assistir o material em vídeo na rede social em que foi publicado. Essa ferramenta, adotada sobretudo nas peças audiovisuais feitas para o Facebook, reforça a potencialidade de recirculação dos leitores entre as diferentes plataformas do veículo.

O jornalismo móvel do *Estadão* no âmbito da cobertura das manifestações chilenas de 2019, portanto, se consolida também pelo agregado das demais características da modalidade de produção jornalística — cobertura em tempo real, adaptação de conteúdo para diversos meios, dependência e aproximação dos dispositivos móveis e produção em mobilidade — em

---

<sup>34</sup> O vídeo “Revolta no Chile - confrontos seguem após Piñera desistir de cúpulas”, transmitido ao vivo em 30 de outubro, tem 7,1 mil visualizações e 24 comentários. Enquanto isso, o vídeo “Revolta no Chile - O metrô, onde começaram os protestos”, de 31 de outubro, teve 8,5 mil visualizações e 45 comentários; e o vídeo “Protestos em Santiago” teve 208 visualizações e 1 comentário.

uma especificidade típica: o repórter multimídia. Por ter chegado a Santiago com uma “equipe de um homem só” (CAVALHEIRO, 2021), o jornalista foi o responsável pela cobertura em vídeo, áudio, imagem e texto, agregado que foi facilitado e, em certa medida, permitido pela repaginação do jornalismo móvel, agora agregando também a esfera “digital”, conforme terminologia de Silva (2013).

Na análise dos materiais de Rodrigo Cavalheiro, então, fica evidente a dependência do modelo de jornalismo móvel digital para a produção, e uma grande preocupação em levar à recirculação de leitores do site às plataformas em que os materiais foram publicados originalmente; a garantia de transmissões ao vivo em contexto de mobilidade, enquanto estava na rua apurando informações e coletando personagens para matérias de outras modalidades de mídia; e a adaptabilidade do conteúdo em vídeo para as diversas mídias do *Estadão*.

No caso do *Estadão*, a análise do jornalismo móvel se faz inexoravelmente no contexto do jornalismo em redes sociais e, portanto, a avaliação sobre as modalidades de mídias sociais implementadas está correlacionada. O preceito basilar da aplicação das redes sociais dentro de coberturas jornalísticas, a instantaneidade das publicações, foi bastante explorado por Cavalheiro, sobretudo por meio das transmissões ao vivo pelo *Facebook Live*, um material que ele fez questão de elaborar diariamente para abastecer as redes do jornal. As *live streams*, presentes em 3 dos 4 objetos, também tiveram papéis distintos a título de outro pilar da aplicabilidade das plataformas, a interação com a comunidade.

Ao observar as três peças audiovisuais que se escoram na transmissão ao vivo, fica evidente que há uma separação entre os vídeos 12 e 14 — com duração de 6 minutos e 55 segundos e 2 minutos e 25 segundos, respectivamente — e o vídeo 13, com 32 minutos e 15 segundos. A proposta das *lives* menores está mais associada a uma cobertura de *hard news*, mostrando os acontecimentos em tempo real — no caso do 12, o começo de atritos entre manifestantes e a polícia ao final de um dia de manifestações e, no caso do 14, acompanhar brevemente um trecho de protesto incipiente nas ruas de Santiago. Nesse contexto, entretanto, a busca por um jornalismo cidadão e colaborativo, em que há uma maior presença do fenômeno *gatewatching*, não foi percebida no processo de análise. Tanto no vídeo 12 como no 14, a preocupação do jornalista se restringe a mostrar protestos e consequências de protestos em tempo real, como confrontos entre policiais e manifestantes e depredações de ambientes. Nesses casos, não foi observada interação com os comentários.

Por outro lado, o objeto 13 não se apega à modalidade *hard news* e procura trazer um tom mais analítico para os vídeos, tentando fazer um apanhado das informações que estão por trás da eclosão dos protestos. A própria escolha do local para a gravação, uma estação de metrô

em Santiago, em que não havia nenhum movimento “quente” acontecendo, reforça que Cavalheiro tinha uma intenção distinta nessa publicação. No começo do vídeo, o jornalista explica que a ideia do vídeo é “trazer o público” para conhecer de perto o local simbólico do começo das manifestações, uma estação de metrô na capital chilena — o atrito da população com o governo de Piñera eclodiu após tentativa do governo de aumentar em 30 pesos chilenos a tarifa do metrô. Durante toda a gravação, fica nítida a preocupação de Cavalheiro em usar a *live* para não apenas apresentar o pano de fundo dos protestos, mas responder aos questionamentos dos espectadores.

**Figura 5 - Rodrigo Cavalheiro faz transmissão ao vivo no local em que os protestos começaram, em Santiago**



Fonte: Facebook do *Estadão*.

Em diversos momentos, Cavalheiro usa as perguntas feitas em tempo real na transmissão ao vivo como gancho para tecer explicações mais adensadas, como em uma pergunta sobre quais são as demandas dos estudantes chilenos sobre mudanças no sistema de ensino e se as manifestações seriam propriamente uma crítica crua ao neoliberalismo, modelo econômico implementado no país durante a ditadura do general Augusto Pinochet. Quando não havia perguntas, o enviado especial reforçava o pedido para que os espectadores interagissem no *chat* da *live*, o que denota uma necessidade e até uma demanda do próprio jornal em garantir interação entre o espectador e o conteúdo.

Outra preocupação interessante do jornalista, sobretudo para trazer o leitor/espectador para uma espécie de imersão no acontecimento é descrever o ambiente ao redor. Nos vídeos 12 e 13, Cavalheiro conta para quem assistiu às transmissões ao vivo que, mesmo após muito

tempo de manifestações, ainda tinha um pouco de dificuldade para respirar devido ao odor do gás lacrimogêneo, muito usado pela polícia para conter manifestantes, que ainda estava presente no ar. No caso do vídeo 13, ele se desloca de metrô para uma região da cidade mais próxima do epicentro dos protestos, mas em um dia em que não há concentrações, e relata novamente que há a permanência do odor. Esse recurso fortalece a perspectiva do espectador para se sentir “dentro da notícia”, um dos pilares do jornalismo móvel e de redes sociais, e também uma intenção confessa de Cavalheiro ao fazer a cobertura.

Essa análise também se baseia no engajamento geral dos usuários do Facebook com a transmissão em que a interação foi estimulada e os comentários dos leitores foram relevantes para a produção de conteúdo, em comparação com as *lives* mais curtas, iniciadas sobretudo para mostrar acontecimentos em tempo real. A *live* 12, em que Cavalheiro mostra o começo de um confronto entre polícia e manifestantes e comenta sobre a desistência de Piñera em receber a COP-25, conferência do clima da ONU, e uma reunião da APEC, com países das Américas e do Pacífico, teve 51 reações e 24 comentários. Apesar de mais analítico e extenso, o vídeo 13 teve 50 reações e 45 comentários. E o vídeo 14, o mais curto, teve 8 reações e apenas um comentário.

A disposição permite que, no contexto de análise, seja possível observar uma preferência dos espectadores por conteúdos mais extensos que consigam agregar mais informações e, ao mesmo tempo, dê mais espaço para uma formação de conhecimento colaborativa, a partir da interação entre leitor/espectador e jornalista, como exposto no vídeo 13. Por outro lado, também mostra a captura de espectadores na página do *Estadão*, no caso do vídeo 12, por interesse em acompanhar um movimento não planejado — no caso, o começo de um atrito entre manifestantes e a polícia — em tempo real, mostrado pelo jornalista. Nesse caso, conforme Cavalheiro (2021) reforçou, mostra o poder da *live* para atrair público sobretudo quando a informação ou acontecimento é “quente” e, para não perder o *timing*, o leitor não quer aguardar até o momento do telejornal para ver imagens que já pode ver ao vivo em uma transmissão em redes sociais.

Apesar do interessante desempenho dos vídeos no que tange ao engajamento com o público, a tentativa de recirculação foi nula. No começo e no final dos vídeos, Rodrigo Cavalheiro se apresenta como enviado especial do *Estadão* em Santiago e afirma que há material complementar disponível no site do jornal. Entretanto, não há uma conexão da rede social para a página do site, diferentemente do sentido contrário. O movimento mais fácil por meio de linkagem é migrar do site para a plataforma, dado que os vídeos integram a estrutura da notícia na modalidade *online*. A descrição dos vídeos, tanto no YouTube quanto no

Facebook, poderia ser um espaço para colocar *links* que ligassem aquele conteúdo a um material disponível no site, o que não ocorre em nenhum dos casos. A carência de ligação do Facebook com o *estadão.com.br* também compromete a produção transmídia do veículo, porque limita o contato “ilimitado” do leitor com novos conteúdos sobre o mesmo tema.

A aplicação da modalidade jornalismo *selfie* por Rodrigo Cavalheiro é destaque das quatro produções em vídeo durante a cobertura das manifestações no Chile em 2019. Como o jornalista montou uma “equipe de um homem só”, toda a cobertura audiovisual foi feita a duas mãos, e a opção por levar dois celulares, um para a gravação de vídeos e outro para a comunicação com a redação, já foi pensada para realizar uma cobertura em vídeo em formato mais “artesanal” (CAVALHEIRO, 2021). Por se tratar de cobertura em tempo real (3) e em mobilidade (4), a escolha pelo jornalismo *selfie* foi crucial para impulsionar outra questão essencial para a cobertura nesse estilo: inserir o jornalista no fato.

Em duas das quatro reportagens em vídeo — 12 e 14 —, Cavalheiro consegue, por meio da modalidade *selfie*, se inserir no epicentro das manifestações, mostrar com praticidade o que está acontecendo ao redor. Pela facilidade de não estar carregando um grande aparato tecnológico ou não estar com uma equipe, o dispositivo móvel permite que o jornalista consiga acessar com mais tranquilidade o epicentro das manifestações, e fazer a cobertura em vídeo em transmissão ao vivo. Outra possibilidade também usada por ele é a inversão da câmera para mostrar o ambiente, ou mesmo fazer uma rotação pelo espaço, mas ainda no modelo *selfie*, para mostrar os arredores e contextualizar melhor o leitor/espectador.

O viés mais interessante a ser analisado na cobertura é, efetivamente, a tentativa de colocar o jornalista em um local de credibilidade, um dos pilares do jornalismo *selfie*. Em todos os vídeos, Rodrigo Cavalheiro usa do artifício para contextualizar onde está ao espectador. No vídeo 12, quando está falando sobre os acontecimentos do dia e o cancelamento de duas cúpulas internacionais que aconteceriam no Chile, e começam a acontecer protestos próximos ao local que está, ele rapidamente muda a visão para a câmera traseira do *smartphone* para gravar momentos em que um dos manifestantes taca uma pedra em um carro blindado da polícia e volta correndo, como forma de se colocar como testemunha do fato e, ao mesmo tempo, garantir a credibilidade do seu discurso a quem estiver acompanhando.

O recurso se repete no mesmo vídeo enquanto mostra pichações em um prédio público próximo do local em que começou a transmissão ao vivo. Na ocasião, ele também mostra alguns exemplos de depredações que encontrou na fachada de prédios públicos. A demonstração é similar no vídeo 14, em que Cavalheiro acompanha o começo de uma manifestação em Santiago e usa a modalidade *selfie* para mostrar a quem estava assistindo como estava o ambiente, em

que localidade da cidade estava e situar o espectador sobre qual a direção do Palacio de la Moneda, sede do Executivo do país, e a Plaza Italia, epicentro das principais manifestações.

No vídeo 13, a busca por credibilidade é observada principalmente enquanto mostra aos espectadores precisamente como e onde os manifestantes fizeram o primeiro protesto — como forma de se manifestarem contra o aumento da tarifa de metrô, protestantes pularam as catracas de várias estações de metrô de Santiago e depredaram as estruturas internas e externas. Depois que entra no metrô para mostrar aos espectadores da *live* como funciona o sistema metroviário da cidade, ele mostra um manifestante que entrou no vagão durante o momento da *live*, que estava criticando o governo de Sebastián Piñera.

No vídeo 15, enquanto caminha pelas ruas de Santiago, mostra aos espectadores a dificuldade de negócios em evitarem a depredação, e começaram a colocar tapumes nas entradas e nas janelas para evitar que o ambiente fosse destruído durante os protestos. Como forma de ilustrar, ele volta a apostar na credibilidade conferida pelo jornalismo *selfie*, ao mostrar um hotel que não apenas colocou tapumes como teve suas paredes pichadas, e um restaurante que colocou uma placa pedindo para que o estabelecimento não fosse saqueado.

O improviso durante a cobertura também foi elemento presente em todos os objetos em vídeo estudados na pesquisa, e volta a conferir um caráter “caseiro” e de instantaneidade aos vídeos que, segundo Cavalheiro (2021) foi um dos motores que teria levado ao maior interesse dos leitores/espectadores em acompanhar as transmissões ao vivo feitas durante o período em que esteve no Chile. A improvisação ocorreu em contextos em que não havia conteúdo propriamente para ser comunicado, como no caso do vídeo 13, em que decide, durante a transmissão, mostrar a quem estivesse assistindo como funcionava o sistema metroviário de Santiago, também uma estratégia para capturar a atenção dos espectadores.

O recurso foi usado diversas vezes no vídeo em que vê protestos eclodindo ao seu lado (12), e precisa improvisar para mostrar ao espectador os acontecimentos e, ao mesmo tempo, manter um distanciamento do acontecimento por questões de segurança. Nesse vídeo, portanto, ele apresenta ao espectador o fato mesmo sem ter se preparado efetivamente e, por se tratar de um confronto entre policiais e manifestantes, o resultado seria incerto e imprevisível. Depois de perceber que o ambiente em que estava tinha se tornado mais perigoso para sua integridade física, o enviado especial começa a se distanciar do local, mas sem deixar de apresentar o balanço de acontecimentos do dia.

**Figura 6 - Rodrigo Cavalheiro se afasta de confronto entre manifestantes e policiais durante transmissão ao vivo**



Fonte: Facebook do *Estadão*.

A estrutura de *newsmaking* de Cavalheiro durante a cobertura dos protestos chilenos em 2019 também apresentou profunda relação com o aporte teórico exposto neste trabalho. Soma-se a essa análise a relação entre o conteúdo em vídeo e as reportagens publicadas no portal do *Estadão*. Fica evidente a preocupação com uma reportagem transmídia em todas as esferas — texto, vídeo e imagem —, com um caráter de unicidade, dado que todo o conteúdo foi produzido pelo mesmo jornalista, Rodrigo Cavalheiro. Essa facilidade de conexão entre materiais produzidos e distribuídos por diferentes mídias viabiliza a articulação dentro das reportagens para trazer uma informação mais completa e complementar, de acordo com as conceituações de Canavilhas (2014).

Ademais, também vale destacar a relevância da produção em mobilidade para a estratégia de *newsmaking* de Cavalheiro. Tanto a captura das imagens quanto a elaboração de materiais audiovisuais foram feitos enquanto o repórter estava se deslocando pela cidade para acompanhar os acontecimentos mais “quentes”, retratado pela escolha do jornalismo *selfie* para a modalidade de vídeo e as fotografias feitas com câmera semiprofissional do próprio jornalista. Essa configuração portátil facilita que o jornalista consiga fazer transmissões ao vivo para redes sociais, atravesse a cidade à procura de espaços e momentos a serem capturados em imagens que retratem o momento político do país e produza texto de personagens para reportagens publicadas tanto na versão impressa quanto *online* do *Estadão*.

Essa estrutura, entretanto, reforça a dificuldade apresentada por Salaverría (2014) de acúmulo de funções do jornalista e aponta para uma precarização da profissão. Durante a

cobertura, por ser uma “equipe de um jornalista só”, Cavalheiro atuou como repórter, cinegrafista, editor e fotógrafo. Esse acúmulo de funções, segundo o próprio jornalista, levou ao cansaço profundo após o término da cobertura, mas, por outro lado, permitiu que pudesse apresentar ao leitor do *Estadão* um material mais uniforme e complementar, justamente por ter sido o responsável a fazer todas as etapas de produção (CAVALHEIRO, 2021). O acúmulo de funções fica nítido sobretudo em reportagens como a 4 e a 3, em que há, em uma mesma matéria, fotografias, vídeos e texto produzidos pelo enviado especial.

Como ficou cerca de 10 dias em Santiago para realizar a cobertura das manifestações, o material do seu trabalho, durante o período, se tornou monotemático: o caos que ocupou as ruas de Santiago no final de outubro de 2019. A especialização, por conseguinte, foi nitidamente observada em todos os produtos de redação, tendo em vista que a cobertura constante sobre um determinado tema e o constante contato com especialistas na área permitiram que Cavalheiro pudesse, ele mesmo, se aventurar no campo da análise para apresentar melhor os fatos e seus contextos sociais, históricos, econômicos e políticos aos leitores/espectadores. Um dos objetos que melhor exemplifica esse novo papel endereçado ao enviado especial é o vídeo 13, em que o jornalista se preocupa em passar mais tempo explicando o pano de fundo das manifestações, enquanto organiza um processo para tirar dúvidas dos espectadores sobre o panorama geral.

A produção de vídeos na modalidade *live streaming* permitiu uma leve alteração no modelo de produção de jornalismo para abraçar características de *gatewatching*, em complemento ao tradicional *gatekeeping*, teoria implementada no jornalismo desde os anos 1970. Essa alteração só foi capaz através da escolha de Cavalheiro e do *Estadão* de apostar em produções em tempo real nas redes sociais. A potencialidade agregadora das redes garantiu às matérias maior interação com o público pelo formato *live* o que, por sua vez, levou o jornalista a se adaptar no processo de produção da informação e garantir que as demandas dos espectadores — apresentadas na forma de perguntas, afirmações e dúvidas — fossem atendidas durante o processo de produção. Essa alteração na dinâmica também permitiu que houvesse uma comunicação mais direta entre repórter e leitor que, em última instância, foi relevante para a construção coletiva da informação, sobretudo no contexto do vídeo 13, produzido com o intuito de sanar dúvidas e promover o debate, em certa medida, mediado pelo jornalista.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cobertura transmídia atravessa uma série de elementos que estão diretamente associados a uma nova forma de fazer jornalismo, inserida no contexto de redes sociais e novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Diante das últimas evoluções no processo produtivo da notícia, tanto o modelo de redação quanto o jornalista tiveram que incluir na rotina a preocupação com a captura de imagens, vídeos e áudios como forma de atender à crescente demanda dos leitores por conteúdos mais diversificados. Nesse contexto, a pesquisa se propôs a analisar o caso do *Estado de S. Paulo* que, em 2019, delegou ao correspondente internacional em Buenos Aires Rodrigo Cavalheiro a incumbência de cobrir as manifestações populares que tomaram as ruas de Santiago e outras cidades chilenas por meses. Durante a cobertura, Cavalheiro usou as redes sociais do veículo e se apropriou de um fazer jornalístico interconectado, a principal matriz do jornalismo transmídia.

O trabalho se dividiu em três capítulos, como forma de observar diferentes nuances do objeto. De início, houve a relevância de dissecar os acontecimentos que tomaram as ruas no Chile, adensando a compreensão sobre as motivações que levaram milhões de chilenos às ruas em 2019 não apenas contra o governo de Sebastián Piñera, mas questionando a estrutura política erigida no país desde o regime ditatorial de Augusto Pinochet, iniciado em 1973. Dada a contextualização histórica do objeto, também foi necessário apresentar o aporte teórico para inserir o jornalismo transmídia em coberturas internacionais, sob o recorte do *Estadão*, para situar o *corpus* na literatura sobre jornalismo, redes sociais e novas técnicas de produção.

No terceiro capítulo, portanto, foi apresentado o *corpus* da pesquisa, destrinchado a partir das principais conceituações sobre jornalismo móvel, jornalismo *selfie*, jornalismo transmídia, jornalismo nas mídias sociais e *newsmaking*, sob a égide das metodologias de Estudo de Caso (YIN, 2001) e Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977). O processo de categorização e escolha de um caso para servir de objeto de estudo atenderam às demandas para responder a três perguntas da pesquisa: Como o jornalismo transmídia é aplicado para coberturas internacionais? Por que a modalidade é escolhida para coberturas internacionais de grande impacto? Quais os papéis desempenhados pelo jornalista inserido no contexto da cobertura?

A hipótese da pesquisa, sustentada nos pressupostos teóricos explicitados nos capítulos de revisão de literatura, aponta que o jornalismo transmídia é relevante para coberturas internacionais pela capilaridade na forma de produzir conteúdo, que permitiria ao jornalista se locomover com maior facilidade; pelo adensamento de conteúdo, na garantia ao leitor de

material jornalístico diversificado; pela necessidade de conteúdo produzido em tempo real, sobretudo por meio de *smartphones*; e gera sobrecarga do profissional encarregado.

A análise do *corpus*, aliada a entrevista realizada pela autora com o enviado especial do *Estadão* ao Chile, Rodrigo Cavalheiro, mostrou que o veículo de comunicação apresentou preocupação prévia com o modelo de cobertura. Em conversa com Cavalheiro, fica explícita a intenção do *Estado de S. Paulo* em optar por uma estratégia de cobertura em redes sociais, optando pelo Facebook, plataforma de maior capilaridade no Brasil. O uso da ferramenta, apesar de ficar a critério de cada jornalista, foi amplamente explorado por Cavalheiro durante o tempo que ficou em Santiago, se preocupando em levar ao leitor texto, imagem e vídeo em condição de movimento pela cidade.

A portabilidade da narrativa, com a popularização do uso de *smartphones* em coberturas jornalísticas, foi um ponto-chave do material produzido pelo enviado especial entre os meses de outubro e novembro de 2019. Todos os vídeos e fotos produzidas pelo jornalista e inseridas nas reportagens para o site foram construídos enquanto caminhava pela cidade, seja à procura de personagens para matérias para os jornais impresso e digital, seja para capturar imagens em tempo real dos acontecimentos para instigar o leitor e espectador.

O adensamento do conteúdo foi a tônica de boa parte dos trabalhos analisados no *corpus* da pesquisa, tendo em vista a preocupação do jornalista Rodrigo Cavalheiro em produzir conteúdo em redes sociais, para o site e em imagem. Essa estratégia, aliada à interatividade constante pela aba “Comentários”, ao final de cada reportagem no site do *Estadão*, e comentários e questionamentos em transmissões ao vivo em redes sociais, e à hipermedialidade, como a conexão de linkagem entre diversos materiais jornalísticos produzidos dentro do site do jornal, mostram que o conceito de jornalismo transmídia (CANAVILHAS, 2014) foi efetivamente implementado na cobertura internacional.

Isso se deve também ao interesse do enviado especial em produzir conteúdo para diversas mídias do veículo por interesse próprio, e por se tratar de uma “equipe de uma pessoa só”, em que Cavalheiro foi o único responsável por toda a produção. Essa estratégia, devido à falta de equipe para acompanhar, permitiu que todos os conteúdos tivessem uma uniformidade de texto, além de garantir a complementaridade mais eficaz entre texto, vídeo e foto.

A cobertura internacional também se beneficiou, no contexto das novas tecnologias de comunicação, das transmissões ao vivo, estratégia de produção de conteúdo adotada por Cavalheiro enquanto estava no Chile. Foi possível observar a preferência por transmissões diárias feitas no Facebook do *Estadão*, e ficou nítido o interesse dos espectadores em interagir com a notícia e com o repórter, sobretudo em vídeos produzidos propriamente com o intuito de

sanar dúvidas e questionamentos de leitores/espectadores do jornal.

Essa estratégia foi interessante para colocar o receptor não apenas mais dentro da notícia, pela escolha da modalidade jornalismo *selfie* — identificada em todos os quatro vídeos, precisamente pela praticidade apresentada, aliada às ferramentas tecnológicas levadas por Rodrigo Cavalheiro para a cobertura —, mas também aprofundar a relação entre o jornalista, a notícia e o leitor, que tentou, nos três vídeos de transmissão ao vivo, sair do local passivo perante a informação, para se impor em um local ativo, com a tentativa de colaborar com a produção de conteúdo em vídeo.

Entretanto, vale ressaltar que a implementação do jornalismo *selfie* ainda têm lacunas que, devido ao material disponibilizado para a realização dos vídeos, compromete a produção de alta qualidade. No caso da cobertura das manifestações no Chile em 2019, fica nítida a falta de qualidade das imagens, da captação do som e o caráter “amador” que, apesar de trazer uma certa aproximação com o espectador, distancia o produto final de patamares comparativos com o equivalente ao trabalho feito por um telejornal. Diante disso, é válido destacar a praticidade do formato de produção, por se tratar da captação de áudio e vídeo por um *smartphone*, mas também há perda considerável de qualidade para o espectador que acompanha as transmissões ao vivo, e pode mesmo comprometer a confecção de produtos editados com calma, a exemplo do material levado pela *TV Estadão*.

Outra hipótese consolidada após a análise é a sobrecarga do profissional, a partir do acúmulo de funções na cobertura. Com a “equipe de uma pessoa só”, o enviado especial não contou, durante a cobertura, com uma equipe paramentada de produto e fotógrafo/cinegrafista para auxiliar na captação de material audiovisual e na elaboração de pautas. Portanto, sua atividade nas ruas, depois de conseguir afinar o texto para o jornal impresso do dia seguinte, requer um estado de constante alerta, como mostram alguns dos vídeos, em que Cavalheiro precisa agir com rapidez para evitar situações que possam gerar perigo contra a sua vida. Assim como relato do próprio jornalista, associada pela autora com o aporte teórico do trabalho, fica evidente que há uma precarização do trabalho do jornalista transmídia, em se tratando de um contexto em que carece de uma estrutura mais paramentada, com ao menos uma equipe de trabalho.

A inserção de novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) na produção jornalística em casos de correspondentes internacionais se mostrou um campo vasto de análise que, no presente trabalho, se limitou à compreensão da análise do material produzido por Rodrigo Cavalheiro ao *Estadão* durante das manifestações chilenas em 2019. Entretanto, a aplicação de novas TICs, como *smartphones* e até dispositivos de realidade aumentada, ainda

podem levar a diferentes vertentes de análise mais adensadas. Carece, portanto, de literatura voltada para o impacto das tecnologias emergentes em coberturas internacionais sob a ótica contextual, para avaliar em que medida esse formato é efetivamente eficaz para trazer o leitor/espectador para o centro da notícia.

Ademais, o jornalismo transmidiático ainda pode ser estudado em profundidade do ponto de vista do receptor da informação, observando estratégias mais consolidadas de participação do leitor/espectador no acontecimento, tanto doméstico quanto internacional. Sob a ótica do objeto exposto na pesquisa, caberia ainda uma investigação através do olhar da Análise do Discurso, que poderia apresentar um resultado delineado por outra metodologia e, portanto, complementar os estudos sobre as coberturas internacionais com jornalismo transmídia.

Sobretudo, há uma demanda de produção literária sobre o impacto dessas novas produções no modelo de produção jornalística, que já foi profundamente alterado nos últimos 30 anos, desde a inclusão de telefones celulares no processo de apuração da notícia, e deverá passar por reiteradas modificações para abraçar diferentes tecnologias, como gravação em 360°, transmissões ao vivo dentro de reportagens no site, inclusão de ferramentas multimídia interativas, como painéis, infográficos e material 360°. Todas as lacunas delineadas poderiam ser melhor exploradas em trabalhos futuros, com aporte teórico-metodológico mais fundamentado e estudo de caso com maior número de exemplificações.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Yago Modesto. **Jornalismo em mídias sociais de imagens instantâneas**: as narrativas jornalísticas em formato de stories no Snapchat e Instagram. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Sociedade). Palmas: Universidade Federal do Tocantins, 2018.

ALVES, Yago Modesto; SILVA, Edna de Mello. O jornalismo *selfie* como extensão do jornalismo móvel digital nas mídias sociais. **Revista Ícone**, Recife, v. 17, n. 1, p. 24-37, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/icone/article/view/237670>. Acesso em: 20 jul. 2021.

BARBOSA, Suzana. Brasil. In: SALAVERRÍA, Ramón (Org.). **Ciberperiodismo en Iberoamerica**. Madri: Ariel, 2016, p. 37-60. Disponível em: <https://www.fundaciontelefonica.com/cultura-digital/publicaciones/479>. Acesso em: 10 set. 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 1. Ed. Edições 70: Lisboa, 1977.

BRADSHAW, Paul. Instantaneidade: Efeito da rede, jornalistas mobile, consumidores ligados e o impacto no consumo, produção e distribuição. In: CANAVILHAS, João (Org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: LabCom, 2014, p. 111-136.

CAMARGO, Isadora O.; SILVEIRA, Stefanie C. Ciberjornalismo e dispositivos móveis: características do jornalismo em mobilidade. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIBERJORNALISMO, 4, Porto. **Anais** [...]. Porto: Universidade do Porto, 2015, p. 214-227. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/143411605.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2021.

CANAVILHAS, João. Jornalismo transmídia: um desafio ao velho ecossistema midiático. In: RENÓ, Denis *et al* (Org.). **Periodismo transmedia: miradas múltiples**. Bogotá: Editora Universidad del Rosario, 2013, p. 53-67.

CANAVILHAS, João; SATUF, Ivan (Org.). **Jornalismo para dispositivos móveis: produção, distribuição e consumo**. LabCom: Covilhã, 2015.

CARRO, Rodrigo. Brazil. **Reuters Institute**, 2021. Digital News Report. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2021/brazil>. Acesso em: 2 set. 2021.

CAVALHEIRO, Rodrigo. Marcha por melhores aposentadorias acaba em confronto em Santiago. **Estado de S. Paulo**, Internacional, 29 out. 2019a. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,marcha-por-melhores-aposentadorias-acaba-em-confronto-em-santiago,70003068926>. Acesso em: 30 set. 2021.

CAVALHEIRO, Rodrigo. **Protestos em Santiago**. Santiago, 29 out. 2019b. Facebook: Estadão. Disponível em: <https://www.facebook.com/interestadao/videos/447961415831012>. Acesso em: 30 set. 2021.

CAVALHEIRO, Rodrigo. Protestos no Chile levam Piñera a cancelar cúpula do clima e fórum do Pacífico. **Estado de S. Paulo**, Internacional, 30 out. 2019c. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,chile-cancela-realizacao-da-cupula-do-clima-em-razao-da-onda-de-protesto,70003069465>. Acesso em: 14 ago. 2021.

CAVALHEIRO, Rodrigo. ‘Nos acostumamos a chupar limões’, diz manifestante chilena. **Estado de S. Paulo**, Internacional, 30 out. 2019d. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,nos-acostumamos-a-chupar-limoes-diz-manifestante-chilena,70003068996>. Acesso em 30 set. 2021.

CAVALHEIRO, Rodrigo. **Revolta no Chile — confrontos seguem após Piñera desistir de cúpulas.** Santiago, 30 out. 2019e. Facebook: Estadão. Disponível em: <https://www.facebook.com/interestadao/videos/499527500639412>. Acesso em: 30 set. 2021.

CAVALHEIRO, Rodrigo. **Revolta no Chile — O metrô, onde começaram os protestos.** Santiago, 31 out. 2019f. Facebook: Estadão. Disponível em: <https://www.facebook.com/interestadao/videos/2608425739177656>. Acesso em: 30 set. 2021.

CAVALHEIRO, Rodrigo. Chilenos vivem sob ‘apartheid’ educacional, dizem analistas. **Estado de S. Paulo**, Internacional, 31 out. 2019g. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,chilenos-vivem-sob-apartheid-educacional,70003070507>. Acesso em: 30 set. 2021.

CAVALHEIRO, Rodrigo. Chilenos entre o saque e a repressão. **Estado de S. Paulo**, Internacional, 1 nov. 2019h. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,chilenos-entre-os-saques-e-a-repressao,70003072031>. Acesso em: 30 set. 2021.

CAVALHEIRO, Rodrigo. **Apelo emocional para fugir dos saques.** Estadão, 1 nov. 2019i. 1m 26s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D-LiXu67CYg>. Acesso em: 30 set. 2021.

CAVALHEIRO, Rodrigo. Protestos chilenos têm a mão de Hong Kong, não a de Cuba e Venezuela. **Estado de S. Paulo**, Internacional, 2 nov. 2019j. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,no-chile-ajuda-vem-de-hong-kong-nao-de-cuba-ou-caracas,70003073300>. Acesso em: 30 set. 2021.

CAVALHEIRO, Rodrigo. Protestos no Chile fazem Piñera recuar em ponto-chave de reforma tributária. **Estado de S. Paulo**, Internacional, 2 nov. 2019k. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,protestos-no-chile-fazem-pinera-recuar-em-ponto-chave-de-reforma-tributaria,70003073271>. Acesso em: 30 set. 2021.

CAVALHEIRO, Rodrigo. Classe média endividada exige sua parte em crescimento econômico no Chile. **Estado de S. Paulo**, Internacional, 3 nov. 2019l. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,classe-media-endividada-exige-sua-parte-em-crescimento-economico-do-chile,70003074136>. Acesso em: 30 set. 2021.

CAVALHEIRO, Rodrigo. ‘Pior que tortura’, diz advogada que busca vítimas de tiros no Chile. **Estado de S. Paulo**, Internacional, 10 nov. 2019m. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,pior-que-tortura-diz-advogada-que-busca-vitimas-de-tiros-no-chile,70003083368>. Acesso em: 15 ago. 2021.

CAVALHEIRO, Rodrigo. ‘Perdi um olho, mas voltarei a protestar’, diz manifestante chileno. **Estado de S. Paulo**, Internacional, 10 nov. 2019n. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,perdi-um-olho-mas-voltarei-a-protestar,70003083332>. Acesso em: 30 set. 2021.

CAVALHEIRO, Rodrigo. Causas e caras da revolta no Chile. **Estado de S. Paulo**, Internacional, 30 nov. 2019o. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,causas-e-caras-da-revolta-no-chile,70003110065>. Acesso em: 30 set. 2021.

CAVALHEIRO, Rodrigo. **Entrevista com Rodrigo Cavalheiro.** Entrevistadora: Julia Noia Silva. Rio de Janeiro, 25 set. 2021. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo 1 desta monografia.

CONDE, Mariana Guedes. Jornalismo do *feed* de notícias: a relação entre jornalismo e redes sociais através do *Instant Articles* do Facebook. In: CANAVILHAS, João; RODRIGUES, Catarina. (Org.). **Jornalismo móvel: linguagens, gêneros e modelos de negócio.** Covilhã: LabCom, 2017, p. 135-152.

CUADRA, Fernando de la. Conflito social e movimento estudantil no Chile. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 42, p. 173-194, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/whfy9kCgb8jsT7LK5gvxwdq/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 13 ago. 2021.

CUPONATION. Facebook na quarentena - 2020: confira o ranking mundial do Facebook durante o mês de abril. Disponível em: <https://www.cuponation.com.br/insights/facebook-2020>. Acesso em: 30 ago. 2021.

DANTAS, Ivo Henrique; ROCHA, Heitor Costa Lima da. Dispositivos móveis na construção da notícia: a experiência do portal regional NE10. In: CANAVILHAS, João; RODRIGUES, Catarina (Org.). **Jornalismo móvel: linguagem, gêneros e modelos de negócio**. Covilhã: LabCom, 2017, p. 61-82.

DULCI, Tereza Maria Spyer; SADIVIA, Vania Alvarado. El Estallido Social en Chile: ¿rumbo a un Nuevo Constitucionalismo?. **Katál**. Florianópolis, v. 24, n. 1, jan./abr. 2021, p. 43-52. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/xfp9XCkzSSDrWgtp7M5JyTF/>. Acesso em: 13 ago. 2021.

ACERVO ESTADÃO. **História do Grupo Estado nos anos 2010**. Estadão, Acervo Estadão, 2015. Disponível em: [https://acervo.estadao.com.br/historia-do-grupo/decada\\_2010.shtm](https://acervo.estadao.com.br/historia-do-grupo/decada_2010.shtm). Acesso em: 10 set. 2021.

ESTADÃO. 11 de Setembro: veja como foram as cerimônias em homenagem aos 20 anos do atentado. **Estadão**. Nova York: Estadão, 2021. 1 vídeo (10 min 53 seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K598IsJmTCs&t=28s>. Acesso em: 11 set. 2021.

FERREIRA, Daniel Henrique da Mota; RODRIGUEZ, Vitória Gonzalez. Quando a democracia transborda a razão neoliberal: Uma análise histórica das manifestações de outubro de 2019 no Chile e no Equador. **Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 18, p. 116-140, 2020. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/view/81443>. Acesso em: 13 ago. 2021.

FGV. **O Estado de S. Paulo**. FGV, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/estado-de-sao-paulo-o>. Acesso em: 11 set. 2021.

FRANCISCO, Kárita Cristina. O jornalismo e as redes sociais: participação, inovação ou repetição de modelos tradicionais?. **Prisma.com**, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, n. 12 - Especial Ciberjornalismo, 2010, p. 193-218. Disponível em: <<https://ojs.letras.up.pt/index.php/prisma.com/article/view/2020/3016>>. Acesso em: 5 set. 2021.

G1. SIGLA ‘15M’ usada por manifestantes no Brasil tem origem na Espanha. **G1**, Mundo, São Paulo, 15 mai. 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/05/sigla-15m-usada-por-manifestacoes-no-brasil-tem-origem-na-espanha.html>. Acesso em: 15 ago. 2021.

GAIA, Glecem Emília de Castro. **O Facebook Live e o jornalismo: a experiência do jornal Estadão e as perspectivas de jornalistas**. [Monografia]. Manaus: Faculdade Martha Falcão, 2018. Disponível em: [https://www.academia.edu/37872178/O\\_facebook\\_live\\_e\\_o\\_jornalismo\\_a\\_experi%C3%Aancia\\_do\\_jornal\\_Estad%C3%A3o\\_e\\_as\\_perspectivas\\_de\\_jornalistas](https://www.academia.edu/37872178/O_facebook_live_e_o_jornalismo_a_experi%C3%Aancia_do_jornal_Estad%C3%A3o_e_as_perspectivas_de_jornalistas). Acesso em: 12 set. 2021.

GARCÉS, Mario. Octubre de 2019: estallido social en el Chile neoliberal. **Revista 100 días**, 97 ed. out./dez. 2019. Disponível em: <https://www.revistaciendiascinep.com/home/octubre-de-2019-estallido-social-en-el-chile-neoliberal>. Acesso em: 15 ago. 2021.

GONÇALVES, Jonas; CAPOANO, Edson. Reorganização de redações no Brasil: os casos dos ecossistemas endógenos do *Estadão* e da sucursal do *Huffington Post*. **Comunicologia**, Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília, Brasília, v. 10, n. 1, jan./jun. 2017, p. 17-28.

GONÇALVES, Jonas. **Reorganização de redações no Brasil**: análise dos processos de produção do Estadão e do HuffPost. Dissertação (Mestrado profissional em Produção Jornalística e Mercado). São Paulo: Escola Superior de Propaganda e Marketing, 2018.

HERRERA, Victoria Flores; POZO, Daniel González. **Estallido social en Chile 2019**: comparación del tratamiento sobre el conflicto de la prensa tradicional y los medios nacidos en redes sociales. [Monografia] (Graduação em Jornalismo). Sevilha. Universidade de Sevilla, 2020. Disponível em: <https://idus.us.es/handle/11441/103075>. Acesso em: 13 ago. 2021.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KOLISKA, Michael; ROBERTS, Jessica. Selfies: witnessing and participatory journalism with a point of view. **International Journal of Communication**, v. 9, 2015, p. 1672-1685. Disponível em: <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/viewFile/3149/1392>. Acesso em: 23 jul. 2021.

KONRATH, Bruna Ribeiro. **O Estadão na rede**: estudo da *fan page* do jornal O Estado de S. Paulo no *Facebook*. [Monografia em Comunicação Social, Habilitação Jornalismo]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/77223>. Acesso em: 12 set. 2021.

MANIOU, A. Theodora; VEGLIS, Andreas. ‘Selfie journalism’: current practices in digital media. **RedFame**, Revista de Estudos em Mídia e Comunicação, v. 4, n. 1, jun./ 2016, p. 111-118. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/303558417\\_'Selfie\\_Journalism'\\_Current\\_Practices\\_in\\_Digital\\_Media](https://www.researchgate.net/publication/303558417_'Selfie_Journalism'_Current_Practices_in_Digital_Media). Acesso em: 22 jul. 2021.

MASSUCHIN, Michele Goulart; CARVALHO, Fernanda Cavassana de. Conteúdo jornalístico nas redes sociais: as estratégias dos jornais brasileiros no facebook. **Textual & Visual Media**, Revista da Sociedade Espanhola de Jornalismo, Sevilha, n. 9, nov./ 2016, p. 155-176. Disponível em: <https://textualvisualmedia.com/index.php/txtvmedia/article/view/70>. Acesso em: 4 set. 2021.

MONTES, Rocío. Chile decreta estado de emergência pelos protestos contra o aumento do metrô. **El País**, Internacional, Santiago, 19 out. 2019a. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/18/internacional/1571403677\\_862701.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/18/internacional/1571403677_862701.html). Acesso em: 13 ago. 2021.

MONTES, Rocío. Uma Constituição com perspectiva de gênero no Chile. **El País**, Internacional, 3 nov. 2020b. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-11-03/uma-constituicao-com-perspectiva-de-genero-no-chile.html>. Acesso em: 15 ago. 2021.

MONTES, Rocío. Protestos do Chile questionam história oficial das estátuas. **El País**, Internacional, 26 jan. 2020c. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-01-26/protestos-do-chile-questionam-historia-oficial-das-estatuas.html>. Acesso em: 16 ago. 2021.

MOVIMENTO “Ocupe Wall Street” começa em Nova Iorque. **History**, Hoje na História, 17 set. 2011. Disponível em: <https://history.uol.com.br/hoje-na-historia/movimento-ocupe-wall-street-comeca-em-nova-iorque>. Acesso em: 15 ago. 2021.

NEVES, Ernesto. No Chile, vitrine da América do Sul, 85% não podem pagar pela saúde. **Revista Veja**, Mundo, 26 out. 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/no-chile-vitrine-da-america-do-sul-85-nao-podem-pagar-pela-saude-2>. Acesso em: 13 ago. 2021.

ESTADÃO. NOVO estadão.com.br está no ar. **Estado de S. Paulo**, Negócios, 16 jul. 2007. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20070716-41544-nac-24-eco-b12-not>. Acesso em: 2 set. 2021.

ESTADÃO. O DESPERTAR do Chile original. **Estadão**. Santiago: Estadão, 2019. 1 vídeo (1 min 28 seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sVOkn3YKtoA>. Acesso em: 12 set. 2021.

OLIVEIRA, Vivian Rodrigues de. **Jornalismo em dispositivos móveis**: uma concepção estratégica de conteúdos noticiosos para tablets e smartphones. Tese (Doutorado em Comunicação). Brasília: Universidade de Brasília, 2017. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/31973/1/2017\\_VivianRodriguesdeOliveira.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/31973/1/2017_VivianRodriguesdeOliveira.pdf). Acesso em: 18 set. 2021.

PEDROSA, Silvio. O enigma chileno (e o nosso). **Revista IHU On-Line**, 29 out. 2019. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/593877-o-enigma-chileno-e-o-nosso>. Acesso em 15 ago. 2021.

PELLANDA, Eduardo Campos et al. Mobilidade e jornalismo digital contemporâneo: fases do jornalismo móvel ubíquo e suas características. *In*: CANAVILHAS, João; RODRIGUES, Catarina (Org.). **Jornalismo móvel**: linguagem, gêneros e modelos de negócio. Covilhã: LabCom, 2017, p. 197-218.

PICHEL, Mar. O que há de controverso na Constituição do Chile, que agora o país quer mudar. **BBC News Brasil**, Mundo, 12 nov. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50396727>. Acesso em: 13 ago. 2021.

ESTADÃO. PIÑERA é processado por crimes contra a humanidade após protestos no Chile. **Estado de S. Paulo**, Internacional, 7 nov. 2019b. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,pinera-e-processado-por-crimes-contra-a-humanidade-apos-protestos-no-chile,70003079914>. Acesso em: 15 ago. 2021.

POLOMER, Azun Candina. La clase media que no era: ira social y pobreza en Chile. *In*: **Chile despertó**: lecturas desde la Historia del estallido social de octubre. Santiago, 2019, p. 53-57. Disponível em: <https://www.uchile.cl/publicaciones/160577/chile-desperto-lecturas-desde-la-historia-del-estallido-social>. Acesso em: 13 ago. 2021.

POPULARIDADE de Piñera cai para 10% depois de protestos. **Revista Veja**, Mundo, 2 dez. 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/popularidade-de-pinera-cai-para-10-depois-de-protestos/>. Acesso em: 15 ago. 2021.

BBC. PROTESTOS no Chile: a manifestação histórica que encheu as ruas de Santiago. **BBC News Brasil**, Mundo, 26 out. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50193228>. Acesso em: 13 ago. 2021.

QUINN, Stephen; FILAK, Vincent. **Convergent journalism**: an introduction. Elsevier: Oxford, 2005.

RECUERO, Raquel. Redes Sociais na Internet, Difusão de Informação e Jornalismo: Elementos para discussão. *In*: SOSTER, Demétrio de Azeredo; FIRMINO, Fernando. (Org.). **Metamorfoses jornalísticas 2**: a reconfiguração da forma. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2009, p. 39-55.

RENÓ, Denis; RENÓ, Luciana. Linguagens e interfaces para o jornalismo transmídia. *In*: CANAVILHAS, João (Org.). **Notícia e mobilidade**: o jornalismo na era dos dispositivos móveis. Covilhã: LabCom, 2013, p. 55-70.

ROSA, Luciana. Grupos feministas denunciam estupro e violência sexual em protestos no Chile. **Uol**, Universa, 25 out. 2019. Disponível em:

<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/10/25/grupos-feministas-denunciam-estupro-e-violencia-sexual-em-protesto-no-chile.htm>. Acesso em: 15 ago. 2021.

SALAVERRÍA, Ramón; AVILÉS, José Alberto García; MASIP, Pere Masip. Concepto de convergencia periodística. *In*: GARCÍA, Xosé López (Org.). **Convergencia Digital**: Reconfiguración de los medios de comunicación en España. Santiago: Universidad de Santiago, 2010. p. 41-64. Disponível em: [https://dadun.unav.edu/bitstream/10171/23730/1/cap3\\_concepto\\_de\\_convergencia\\_periodistas\\_pp41-64.pdf](https://dadun.unav.edu/bitstream/10171/23730/1/cap3_concepto_de_convergencia_periodistas_pp41-64.pdf). Acesso em: 2 set. 2021.

SALAVERRÍA, Ramón. Multimedialidade: Informar para cinco sentidos. *In*: CANAVILHAS, João (Org.). **Webjornalismo**: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: LabCom, 2014, p. 25-52.

SANSON, Cesar. América Latina: As razões da derrota do neoliberalismo são as mesmas da esquerda. **Revista Ihu On-line**, 29 out. 2019. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/593879-america-latina-as-razoes-da-derrota-do-neoliberalismo-sao-as-mesmas-da-esquerda>. Acesso em: 15 ago. 2021.

SANTOS, Márcio Carneiro dos. Existe jornalismo transmídia?: Considerações sobre o reúso de conceitos. **GEMInIS**, Revista do Grupo de Estudos sobre Mídias Interativas em Imagem e Som, São Carlos, UFSCar, v. 8, n. 3, p. 136-149, set./dez. 2017. Disponível em: <https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/308/pdf>. Acesso em: 3 set. 2021.

SILVA, Fernando Firmino da. **Jornalismo móvel digital**: uso das tecnologias móveis digitais e a reconfiguração das rotinas de produção da reportagem de campo [Tese de Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas]. Salvador, 2013.

SILVA, Fernando Firmino da. **Jornalismo móvel**. Salvador: Edufba, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/18003/1/jornalismo-movel-miolo-repo.pdf>. Acesso em: 16 set. 2021.

SOLER, Gerard. Análise: Desigualdade é pano de fundo da revolta no Chile. **Estadão**, Internacional, 22 out. 2019. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,analise-desigualdade-e-pano-de-fundo-da-revolta-no-chile,70003058827>. Acesso em: 13 ago. 2021.

SOUZA, Luiz Alberto Gomez de. Mobilizações no Brasil ontem (2013) e no Chile hoje (2019). **Revista IHU On-Line**, 1 nov. 2019. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/593992-mobilizacoes-no-brasil-ontem-2013-e-no-chile-hoje-2019>. Acesso em: 15 ago. 2021.

SOUZA, Maurício Dias. **Jornalismo e cultura da convergência: a narrativa transmídia na cobertura do Cablegate nos sites El País e Guardian**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Midiática). Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2011.

SPINELLI, Egle Müller. Jornalismo audiovisual: gêneros e formatos para a televisão e internet. **ALTERJOR**, Revista do Grupo de Estudos Jornalismo Popular e Alternativo, São Paulo, v. 3, n. 6, jul./dez. 2012, p. 1-15. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/88269/91147>. Acesso em: 12 set. 2021.

TOSO, Sergio Grez. Rebelión popular y proceso constituyente en Chile. *In*: **Chile despertó**: Lecturas desde la Historia del estallido social de octubre, Santiago, p. 13-20, 2019. Disponível em: <https://www.uchile.cl/publicaciones/160577/chile-desperto-lecturas-desde-la-historia-del-estallido-social>. Acesso em: 13 ago. 2021.

PNUD. UNEQUAL. ORIGINS, CHANGES AND CHALLENGES IN CHILE'S SOCIAL DIVIDE. **Fundación Microfinanzas BBVA**. Nova York: United Nations Development Programme (Pnud),

2017.

YIN, Robert. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. Ed. Bookman: Santana, 2001.

## 7 ANEXO 1

### **TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA FEITA POR TELEFONE COM O ENVIADO ESPECIAL DO *ESTADÃO*, RODRIGO CAVALHEIRO**

**O senhor entrou no *Estadão* em 2010, e casa com o período em que as novas tecnologias começaram a ser usadas em redações, principalmente com o surgimento da rede 3G, *smartphones* mais paramentados, com tela *touchscreen*. Como o *Estadão* fez o processo de jornalismo digital convencional para jornalismo móvel com *smartphone*?**

O *smartphone* mudou a forma como se produz jornalismo. Hoje, eu sou editor do impresso, lido com empacotamento de informações no *Estadão* para o jornal impresso, e o objetivo dessa mudança estrutural que ocorreu há dois anos foi justamente que as pessoas que produzem, produzam de acordo com a melhor plataforma que desejam colocar aquela informação, e que tem um grupo específico para colocar isso no papel.

Hoje eu faço isso, mas quando eu viajo para coberturas, comecei a viajar um pouco depois de entrar no *Estadão*. Entrei como chefe de reportagem de Internacional, depois passei a ser subeditor, depois fui correspondente na Argentina e voltei para São Paulo para ser o editor de Internacional. Nesse período, entre 2010 até 2020, fiz várias coberturas internacionais, principalmente na América Latina.

No início, a experiência que se tinha com o celular era basicamente gravar algumas coisas, mandar as imagens para a redação e o pessoal da TV *Estadão*, com algum auxílio de roteiro do repórter que estava produzindo a matéria, montavam a reportagem. Isso aconteceu comigo em Cuba, em 2012. Eu gravei com personagens, sonoras, no modelo mais convencional que aprendemos na faculdade, e tive uma breve experiência na TV e sabia mais ou menos fazer uma matéria para a TV. E a qualidade técnica não é a mesma de uma TV convencional por conta de imagens em movimento, a qualidade do celular não era tão boa na época. Dava para ver que o resultado, embora fosse interessante, ainda era amador, se comparado com o trabalho de uma TV profissional que manda câmera, produtor, repórter nessas coberturas.

Mais recentemente, acho que com a possibilidade de se entrar ao vivo com alguma estabilidade, com alguma confiança de que a conexão não vai cair, e o Chile é um país propício para isso porque tem uma rede de comunicação boa e tem liberdade de fazer transmissão em qualquer lugar, me pareceu que era um bom lugar para colocar isso em prática. Principalmente porque, naquela cobertura do Chile, tinha muita coisa acontecendo efetivamente como pano de fundo. Então, me parece que as entradas ganharam interesse e despertaram a interação do

público porque estavam vendo coisas ao vivo no fundo, como bombas explodindo, gás lacrimogêneo, jato d'água nos manifestantes, e nenhum outro modo de fazer a matéria te traz tanto para dentro da cena. Ali, eu achei que era uma boa forma, e eu entrei várias vezes por dia.

Quando eu era correspondente na Argentina, costumava entrar por uma plataforma chamada Periscope, que foi febre por uma época. Claro que não tinha interação com os comentários, e acho que essa é a grande sacada do episódio do Chile. E as pessoas vão comentando, dando *likes*, a gente vai notando o que vai despertando interesse ou não, e me parece que essa foi a grande sacada em relação ao uso de celular em outras coberturas anteriores que eu já tinha feito. No modelo convencional, era gravar uma sonora, uma passagem e mandar que a TV resolvia e, depois de uma semana ou alguns dias, a matéria estava pronta, e às vezes perde o *timing*. Quando uma coisa é muito quente, que muda em poucos dias, dá para ver que nas próprias matérias do jornal, atualizavam a matéria com os vídeos. No caso do Chile, acho que tinham esses componentes.

Também tinha uma dose de risco, porque tinha manifestantes, pessoas camufladas para depreder. Tinha um certo risco físico de levarem meu celular ou levar alguma pedrada enquanto o cara estava olhando para a frente. Isso é mais complicado, porque não se via muito bem de onde vinha o confronto e mesmo a reação da polícia. Isso também torna mais atrativo, porque o espectador fica mais grudado naquela situação toda.

**Muitas reportagens e estudos fizeram uma correlação entre as manifestações no Chile em 2019 e as Jornadas de Junho no Brasil, em 2013, tanto pelo teor quanto pela massa de pessoas nas ruas. Como acredita que foi a evolução da cobertura com *smartphone* entre 2013 e 2019?**

Me parece que foi comum ter uma causa inicial. No caso aqui, foi a questão do transporte, e lá tinham alguns fatores ligados à questão econômica, como a previdência, mas que logo se tornaram manifestações muito amplas e, diante da incapacidade do governo de dar uma resposta, muita gente acabou aderindo e levando as suas próprias demandas. Então, tudo que era tipo de demanda começou a aparecer.

Eu acho que, lá, as manifestações tinham um tom talvez mais segmentado e mais uniforme, diferente do Brasil, em que muitas pessoas iam sem saber muito bem no que ia dar. Muita gente aderiu por insatisfação com tudo, mas não queria o resultado que acabou acontecendo. Lá, parece que eram protestos bem claros contra um sistema político que os apoiadores julgavam que ainda tenha um resquício da ditadura chilena que resultou em uma

(Assembleia) Constituinte que está agora mudando a Constituição chilena depois de muito tempo. Quer dizer, teve um resultado prático do ponto de vista de uma demanda inicial.

Em relação ao uso do celular como ferramenta, na época, eu não sei dizer quais foram as técnicas usadas aqui (no Brasil) em 2013 porque eu não fazia cobertura local, e basicamente acompanhava pela televisão, em termos de imagem. No Chile, o que eu vi foi que tinha a cobertura da imprensa tradicional, as redes de TV, mas eu não via muito repórter com o celular como eu estava fazendo, não era comum. E via muita abertura da parte dos manifestantes de querer contar o que estava acontecendo lá, eram bastante receptivos.

E eu fiz também alguns vídeos que foram mais no formato convencional. Tinha um problema sério lá de gente que perdia o olho com bala de borracha, e eu fui falar com um rapaz que tinha perdido a visão e fiz uma matéria mais convencional: fui até a casa dele, fiz uma entrevista longa e ela acompanhou a reportagem escrita que eu produzi, foi uma espécie de apoio.

Eu comecei a fazer essas entradas na Argentina, e tinha certa facilidade de fazer um roteiro na cabeça, pensar que iria começar aqui, vou me movimentar, entrevistar ao vivo uma pessoa que está aqui e termino com um balanço. Fazia uma espécie de roteiro que poderia entrar ao vivo, e eu fiz isso depois na Venezuela, que foi mais parecido com o que eu fiz no Chile, durante a última eleição do (Nicolás) Maduro. Só que foram menos entradas, mas foi muito interessante porque o pessoal começou a comentar e muitos se surpreendiam que eu estava entrando na Venezuela, falando que era uma ditadura, como que eu estava falando ao vivo falando coisas ruins do governo, e lá eu não tive nenhum problema em entrar ao vivo na rua.

**Eu perguntei de 2013 porque, no Chile, um dos estopins das manifestações foi a questão da passagem, que aumentam em 20 centavos, curiosamente a mesma taxa que levou às manifestações no Brasil anos antes.**

Tem esse paralelo sim. Realmente, tinha muita pichação em relação ao valor da passagem no Chile. Nesse aspecto, é bem parecido. A diferença do Chile é que, embora já tenha ficado uma marca da passagem, já tinha uma forte insatisfação com a questão do salário, da previdência privada, da falta de um serviço público de saúde. Isso há muitos anos.

**Quando e como o jornalismo móvel entra na rotina produtiva do *Estadão* e queria que falasse um pouco das diferenças que observou entre coberturas locais, em comparação com as internacionais que você fez.**

Depende muito de quem é deslocado para determinada cobertura. Eu diria que quem roda uma cobertura no *Estadão*, isso desde 2010, quando eu entrei, recebe um celular e instruções de como fazer um vídeo. Mas não há uma espécie de método para que todos os repórteres sejam treinados para fazer esse tipo de cobertura, fica muito a cargo de quem vai. Claro que se conseguir mostrar uma certa versatilidade, e isso muitas vezes se dá com a ajuda da TV Estadão, que ensina noções de enquadramento para quem quiser, como transmitir, que ferramentas usar para mandar vídeos para que eles editem de forma mais convencional. Quando começou, acho que desde 2012, eu fui a Cuba e fiz matérias, mas lá a qualidade para transmissão ao vivo era muito baixa. Nem se questionava se daria para fazer, até porque tem muito a questão da vigilância, pode ter algum problema com o controle do governo cubano.

Faz muito tempo que existe a possibilidade. A ferramenta está lá há muito tempo e a questão da tecnologia do 3G, e depois do 4G, facilitou muito a entrada ao vivo, e eu acho que por isso se popularizou mais recentemente, pelo menos em coberturas internacionais. Tem sido muito comum os correspondentes não fazerem exatamente as entradas que eu fiz no Chile, com interação com o espectador, mas fazer passagens ao vivo, como na frente da Casa Branca. Explicar o contexto, o que está acontecendo, fazer uma breve análise política. Isso ajuda a incrementar, por exemplo, a cobertura da eleição americana. A Beatriz Bulla, nossa correspondente, fez isso algumas vezes. Mas vai muito da iniciativa do repórter.

Em relação à comparação entre esse uso em coberturas internacionais e as nacionais, vários colegas foram para coberturas internacionais e não fizeram vídeo. Se a pessoa não tem interesse e uma formação mínima, e escreve bem, tem um texto maravilhoso, muito provavelmente ela vai direcionar a cobertura para as aptidões dela. Não tem uma obrigatoriedade. Acho que ficou mais popular e, como tem tido uma repercussão positiva pela interatividade, uma coisa que está sendo muito falada, do direcionamento do jornalismo para o consumidor, o leitor, o espectador. Essas entradas ajudam muito nesse aspecto porque é mais fácil de manter, de responder. A transmissão dura cinco minutos e não tem um rescaldo de comentários, perguntas que exijam uma equipe de jornal inteira respondendo, às vezes controlando comentários mais ou menos apropriados. É uma boa solução para essa demanda de interatividade com o leitor.

Eu vi em coberturas internas mais uma propensão para, por exemplo, ir o repórter com o fotógrafo, e ele em geral domina a captação de imagens. E aí aquelas imagens são passadas para a TV Estadão geralmente para fazer um minidocumentário, uma matéria com mais técnica, 10 minutos, menos perecível, que possa até ficar com o que a gente chama de *evergreen*, que a pessoa possa consultar por muito tempo. Não seja um produto tão rapidamente consumido. Eu

tenho a impressão que dentro do país se faz mais isso, até pelo fato de que, em coberturas internacionais, dificilmente se consegue mandar, hoje em dia, um fotógrafo. Tem esse fator que acho que é decisivo. Seria muito mais provável que, indo com o fotógrafo, ele se encarregasse da captação de imagens, que se pensasse em uma matéria convencional, com mais durabilidade.

Logo depois que saí da faculdade, passei por um *trainee* da RBS, afiliada da Globo em Porto Alegre, que nos deu ferramentas para gravar, ter uma espécie de mínima noção de como fazer uma matéria por conta (própria). Acho que isso me ajudou nesse aspecto o fato de ser enviado sozinho, que tem hoje sim uma questão de custo. Uma cobertura de 10 dias, iam ficar duas pessoas com custos de passagem, estadia, deslocamento, e hoje é o que demanda um projeto da empresa de meses de planejamento. Em uma cobertura quente assim, em geral, ainda mais que tem algumas pessoas que têm essa habilidade de fazer razoavelmente bem o trabalho de um câmera, e tem essa interação. Nesse caso, o aspecto amador é um atrativo, da câmera estar tremendo. Eu acho curioso que vejo cada vez mais na TV convencional cada vez mais copiando esse estilo para deixar o negócio menos quadrado, claro que com o mínimo controle de qualidade de luz. Às vezes, vemos até uma espécie de formação, de tentar dar uma agilidade que não tem, o contexto é bastante monótono mas tem uma inversão de estilo.

Em relação ao Chile, eu tive um retorno muito bom. Quando eu estava lá, não tinha tanta noção. O número a gente percebe, quando explode a audiência por alguma razão. Às vezes é o horário, a cena que está atrás, a chamada na *home* (do site). E tem pouco a ver com a qualidade da imagem. Tem muito a ver com a ideia de que está acontecendo alguma coisa e o “cara” está mostrando ao vivo, e tem que ver. Enquanto isso, o telejornal pode acontecer daqui a quatro horas e não devo conseguir ver tudo isso, isso se não vir com imagens de agências. É interessante que, se a gente oferece alguma coisa que coloca o público dentro da cena, tem uma demanda automática.

**Você usou bastante as transmissões em redes sociais como o Facebook e de material para a TV Estadão, até diferente de alguns trabalhos e outras coberturas em que não tem isso. Como foi para você a transmissão ao vivo dentro de redes sociais, especialmente o Facebook que ainda é a rede social mais usada no Brasil?**

A escolha da rede foi uma sugestão do próprio jornal e isso, pelo que eu percebo, vai mudando. Por exemplo, durante a cobertura da eleição na Argentina, em 2015, basicamente eu entrei pelo Telescope, que era mais direcionado para isso. O Facebook tem uma vantagem de já ter uma comunidade ligada ao jornal ali, que é facilmente reunida, então já parte de um bom

público que está acompanhando pelo site ou tem a opção de pedir para ser alertado quando isso acontece, e o retorno nas redes sociais tem uma questão interessante.

Tem muito paralelo com a política interna na cobertura de protestos, porque as pessoas enxergam no que está acontecendo fora coisas que as interessam. Elas fazem associações e isso é uma coisa que exige uma certa habilidade de ler os comentários, ver o que faz sentido, ver o que é uma pessoa querendo provocar e defender o seu partido político e o seu candidato, e ignorar quem realmente não está ali tentando entender o que acontecia no Chile, e esse era o meu objetivo. Acho que uma rede social muito de massa, como é o Facebook, tem público bastante heterogêneo, embora tenha o filtro dos consumidores do *Estadão*, te coloca nessa situação de ter que responder ao vivo ou escolher as perguntas que realmente tu acha que tem a ver com a tua cobertura.

Acho que esse é o principal papel de pegar uma rede social que vem desde perguntas como “Realmente foi por causa dos 20 centavos?”, e respondo que não, que tem um monte de questões paralelas que mostram a insatisfação da sociedade, enquanto já tem outros botando o nome do candidato em caixa alta com a eleição de tal ano, ou fora “não sei o que” fulano, tentando usar aquele espaço de audiência para difundir a sua mensagem, que não tem nada a ver com a cobertura. Exige um jogo de cintura para dar aquela resposta, e não é nada perfeito, até porque passam mais perguntas em uma entrada com muita gente que o cara dá conta de responder.

**Acredita que essa dinâmica de transmissão ao vivo que você fez no Facebook atraiu as pessoas a assistirem, com aproximação do leitor com o repórter e com a notícia?**

Acho que sim, porque me parecia que muitas pessoas se sentiam próxima e até dentro da cena que estava acontecendo. Eu não sei se a TV dá um distanciamento maior, e a pessoa está sentada no sofá, e às vezes a pessoa caminhando indo para um lado e para o outro em um enquadramento que é muito parecido com esses de videogame. Às vezes, a gente inverte a câmera e mostra a cena inteira. Acho que é um recurso que as pessoas usam nos seus celulares. É quase como “Eu poderia fazer o que esse cara está fazendo lá, em termos de ferramenta”. Com certeza aproxima.

E o lance de responder ao vivo também é muito estimulante para as pessoas vendo que, eventualmente, o cara está respondendo as perguntas ali, ajuda a manter a atenção. Não é como só entrar ao vivo sem ter a resposta do lado de lá (do espectador).

**Toda essa dinâmica faz parte do que você fazia lá como enviado especial do *Estadão*. Como foi a sua rotina como correspondente tendo já a preocupação de trazer conteúdo para múltiplas mídias?**

Esse papel no Chile a gente chama de enviado especial. Eu era correspondente na Argentina e, quando ia para outro lugar, tecnicamente era chamado de “enviado”. Tem uma diferença porque o enviado lida com um ambiente que ele não está acostumado, depende de fontes que ele tem que conseguir em pouco tempo, muitas vezes eu conto com o auxílio de colegas que conheço nesses países e servem basicamente como produtores, tem uma parceria bastante importante. Como correspondente em Buenos Aires, eu tinha uma agenda de fontes, sabia em que bairros poderia entrar até que hora, como pisar nas estações.

Quando chego no Chile, tudo é novo, apesar de já conhecer a cidade, mas era outra cidade, o centro estava convulsionado e boa parte da avenida central estava destruída. É difícil saber como entrar e, em algumas circunstâncias, eu pensei que não deveria ter feito algumas coisas. Eu estava com uma câmera grande minha no meio das manifestações correndo e, quando vem a polícia para cima do pessoal, vira um estampido. Eu realmente caí por cima dos outros nessa questão de não ter noção de espaço, de não saber onde tem ou não tem saída.

A gente não pode ir para lá e só fazer isso. Tem um compromisso com a apuração em geral, mas tem que mandar pelo menos uma página de jornal, um abre que seja algo que não está nas agências. Em um dia comum, é acordar, ler os jornais locais, ligar a TV em um canal que seja de notícia 24 horas e ter os contatos de WhatsApp de alguns colegas que te ajudem. “Ah, eu tive a ideia de fazer essa matéria, faz sentido?”, e daí eles respondem que pode falar com determinada pessoa. Eu tinha essa facilidade que, em minutos, eu tinha vários contatos, porque sem isso, talvez eu não pudesse fazer tantas entradas ao vivo. Se eu não tenho uma matéria apurada, se não consigo falar com as pessoas para dar conta de outros canais, o papel e entrar na rádio *Eldorado*. Eu contava com isso basicamente na amizade, porque eu os ajudava quando vinham ao Brasil. Sem isso, dificilmente se consegue atender a todos os meios.

Se tem a matéria apurada, como dados de um fenômeno, personagens que dão cara ao fenômeno e analistas que expliquem o fenômeno, eu tenho uma reportagem. Então, se tenho o tripé, fico mais ou menos tranquilo em, ao sair para a rua para pegar personagens que se encaixam na matéria do papel, eu saio e tenho a condição de ir para o outro lado da cidade para fazer uma entrada ao vivo. Mas se eu não consegui tudo que eu queria para o básico, eu fico talvez perto da minha base para escrever a tempo e não deixar de atender à demanda que é mais convencional.

### **Como você analisava o que valia uma entrada ao vivo, um vídeo editado, de informação que trazia para a rádio *Eldorado*?**

Em relação à rádio, é mais fácil porque tem certos horários de entrada, certos programas, e me pegam mais ou menos onde eu estiver. Não tenho que fazer um planejamento para entrar na rádio. Obviamente, tenho que estar informado porque podem me perguntar qualquer coisa relacionada ao país, não se combinam as perguntas antes. Estar preparado com sinal de celular em um ambiente em que se possa escutar a minha voz.

Em relação à produção em si para outros meios, requer uma organização em termos de entender o que preciso produzir para o dia. Em geral, enviados especiais também têm que mandar previsão de reportagens especiais para o fim de semana, não são só coisas do dia. Ao estar na rua, é fundamental, enquanto estar fazendo uma apuração, estar fazendo várias. Tem uma série de pautas em que eu tenho uma lista de analistas, economista, cientista político, antropólogo, e vou encaixando nas matérias de acordo com a abordagem. Mas para que o trabalho jornalístico em uma circunstância dessas chegue pleno, eu preciso colocar as pessoas mais próximas do lugar, então eu não posso mandar uma matéria sem um personagem que retrate aquilo que estou tentando explicar. A melhor forma de reter a atenção é contar algo macro por meio de uma história pessoal, sem cair na história isolada. E ser analisada por gente gabaritada para interpretar aquilo, acho que não cabe ao repórter.

Nas entradas ao vivo, é mais difícil manter assim porque tem um componente de análise ali que exige uma visão de mundo que é quase indissociável. Eu não diria que é uma opinião, mas o próprio fato de interligar os pontos e dizer que “segundo cientistas políticos” isso quer dizer tal coisa, tem escolhas aí. Se entra mais um terreno de análise que eu não faço questão de cultivar no jornalismo escrito, eu não me sinto à vontade fazendo comentários e análises porque tem gente que estuda a fundo um país para poder fazer isso, uma formação acadêmica adequada para projetar cenários futuros.

Acho que tem uma pitada também de cunho pessoal. Eu não costumo me colocar como personagem, que é uma coisa que virou muito frequente na cobertura jornalística, jornalistas que se colocam na primeira pessoa, como o sujeito daquilo que está acontecendo, e descreve sentimentos pessoais. Eu procuro não fazer isso nas entradas que eu faço. A minha ideia é descrever o que está acontecendo e, por meio dos meus sentidos, dizer como “aqui tem cheiro de gás lacrimogêneo”, “aqui tem cheiro de fumaça”, mas coisas que possam ser percebidas pelo espectador como algo concreto, não “estou muito nervoso”, “estou muito preocupado”.

**Você falou de descrever um pouco dos cinco sentidos para a pessoa que está vendo o vídeo. Isso estaria ligado a uma facilidade dos *smartphones* e das redes sociais, que apresentam e demandam uma aproximação entre quem está falando e quem está ouvindo. A entrada ao vivo não é um cenário controlado, não tem como prever o que pode acontecer. Isso pode agregar valor para quem está acompanhando?**

Sim. Nas coberturas, depende muito do objetivo de cada profissional. Alguns colocam como objetivo entrevistar o presidente do país em que ele vai, ou ter acesso a fontes oficiais que possam dar alguma coisa diferente, um dado com furo. Claro que isso sempre está no radar de quem vai, mas é claro que se faz uma escolha entre fazer um trabalho mais de rua, em que eu pelo menos conto que as pessoas que vão consumir a informação se identifiquem com aquilo que elas estão vendo, como “como eu reagiria se estivesse fugindo de uma bomba de gás lacrimogêneo?”, “será que já passei por isso?”.

As pessoas buscam experiências pessoais. Quem foi aos protestos de 2013, viu aquelas cenas e fez essa relação. É muito mais provável que uma pessoa nessa situação tenha ficado atenta à entrada ao vivo porque ela tem como traçar paralelos. Alguém no interior, com uma cidadezinha pequena, talvez seja um mundo mais distante, não tenha uma identificação que mantenha a conexão. Eu acho que, quando está nesses cenários, e aí eu tive colegas quando eu comecei no jornalismo que me ajudaram a pegar essa intenção que, muitas vezes, é ficar imperceptível e mostrar o que está acontecendo. Mostrar que de um lado está entrando a polícia; do outro, os manifestantes. Explicar que eles querem tal e tal coisas, mas que não seja uma descrição da própria situação porque acho que não é o meu papel ali. O nervosismo e risco eventual já transparecem nas imagens e no som, que são os dois sentidos que as pessoas têm contato. Em relação ao gosto e ao cheiro, são coisas que eu posso aportar. Se fosse calor, eu falaria que está quente como tal coisa. Fazer comparações para que não fique só na percepção vaga.

**É interessante dentro da sua cobertura a relação entre todo o material que produziu durante a cobertura. As informações se conectam para formar o que chamamos de reportagem transmídia. Acha que esse tipo de cobertura se encaixa melhor em uma cobertura internacional, em comparação com as nacionais?**

Eu acho que sim. A gente falou antes a questão do repórter estar sozinho, mas tem outro fator. Em muitos casos de coberturas internacionais, a minha impressão é que tem uma liberdade maior, mesmo que eu tenha um concorrente direto comigo, eu não mudaria o que eu quero fazer em uma cobertura internacional porque a concorrência está em uma coletiva com

ministros. Enquanto que, em uma cobertura nacional, tem uma questão de marcação de não tomar um furo que é mais exigente, acho que tem uma cobrança maior. Eu diria que tem mais liberdade para arriscar e errar. Eu vou atravessar a cidade e posso chegar lá e já ter acabado, mas pode ser que não tenha alguém ligando perguntando o porquê de não estar na frente do ministério quando saiu o fulano e deu tal declaração. Acho que isso favorece, por isso que o resultado, quando sai bem, sai um resultado diferente. Quanto tem 4 ou 5 veículos atrás da mesma coisa, tu não vai ter cobertura para tentar algo diferente.

**As reportagens que você produziu se encaixam no estilo *longform*, que tem essa ligação entre várias mídias diferentes. Tem a preocupação de dar um contexto, mostrar os detalhes. Acha que esse modelo *longform* pode ser uma aposta mais coerente com uma cobertura internacional ou talvez uma equipe mais paramentada poderia garantir que essa reportagem fosse mais abrangente e redonda?**

Em uma cobertura internacional, é muito mais necessário colocar dentro daquele cenário o contexto, porque as pessoas às vezes caem de repente naquele cenário, nunca tiveram interesse pelo Chile, mas aí começa a ser bombardeado por Chile em todos os lugares, todos falando sobre isso. Pega uma gama de pessoas que não está acostumado com o país, não sabe se no Chile é presidente ou premier, como funciona, é rico ou pobre, que demandas históricas têm no Chile, qual o histórico recente da política chilena, que comparações podem ser feitas com o Brasil em termos de tamanho, população, aspectos culturais. É quase realmente instintivo, não existe uma programação para alimentar periodicamente com contexto as pessoas, mas é algo que vai se automatizando. Em geral, no papel, é algo que se deixa para os últimos parágrafos; eu acho melhor quando a coisa vai sendo solta no meio do texto, alguma informação ou comparação.

O repórter em uma cobertura local, como aqui no Brasil o repórter está mais próximo do público que ele quer pegar, presume que algumas coisas já são conhecidas, então não vai explicar onde e o que são as coisas. Em geral, vai direto ao fato e não tem uma preocupação mesmo.

**Como o jornalismo transmídia dentro do contexto das manifestações do Chile mudaram o seu olhar para o acontecimento?**

No Chile, tinha uma questão de segurança. A gente aprende essas coisas, em como saber se pode entrar em tal bairro, se pode sair a tal hora com tal equipamento. Existem cursos para jornalismo em situação de conflito, mas nem todo mundo passa por esses cursos. Acho que uma

cobertura dessas te dá quase que por uma questão de instinto alguns processos, do que fazer e não fazer, e com o tempo se automatiza. De perguntar, observar, de talvez demorar um pouco mais para tomar alguma decisão. “É a hora de descer agora para a manifestação ou ficar de cima pegando as imagens porque eu vou conseguir descrever melhor o que está acontecendo sem correr tanto risco?”, “Isso aqui é inédito, nunca aconteceu”, então acho que é bom estar próximo. É questão de tomar decisões misturando razão e intuição.

### **Qual o total de equipamentos de tecnologia que levou para a cobertura?**

Eu tinha um celular pessoal, com o qual eu entrava ao vivo. Tinha o celular do jornal, que em geral eu usava para me comunicar com as fontes locais, porque é bom ter dois celulares assim: um em que está o chip para responder a redação e a rádio, e outro que sirva de armazenamento, de entrada ao vivo. E eu tinha uma câmera minha que gosto de fotografar, embora não seja proporcional, que me permite tirar fotos com profundidade. Em uma matéria dominical, a foto que eu fiz do menino que perdeu o olho foi feita com uma câmera semiprofissional. Faz dez fotos, e uma fica boa. Também levei fone de ouvido e computador, que ficava no hotel.

### **Quais lacunas identifica na cobertura transmídia que fez que ainda faltam ser supridas, dos pontos de vista da reportagem e profissional?**

O mundo ideal é ter uma equipe de produtor que possa te dar segurança para, por exemplo, ter um anúncio em 30 minutos no palácio presidencial, e alguém te dar a segurança de não estar perdendo o convencional, e isso é importante, porque se tem uma invasão no palácio e não perder isso. O mundo ideal seria ter ido com um fotógrafo, que tem uma capacidade técnica maior que a minha para captar imagens, fotografias e eventualmente ter uma imagem melhor de vídeo. Tendo uma equipe, pode dar o melhor de cada coisa, com uma matéria convencional com a passagem aprumada, mais pensada, com mais contexto, mais pesquisa. Ter mais tempo. E não tem tempo para tudo, porque nessas coberturas, a gente faz escolhas. Eu fico até bem tranquilo porque sempre falta muita coisa.

Se tivesse uma equipe de apoio, o ideal seria ir com um produtor e fotógrafo/cinegrafista. Eu acho que não deixaria de fazer o que eu fiz porque ali tem um valor agregado muito forte: a resposta imediata, as dúvidas tiradas na hora, a transpiração do que está acontecendo. A pessoa colocada ao vivo no meio de um fato histórico ocorrendo seria perfeitamente compatível com uma estrutura maior.

Em relação ao resultado, algumas vezes me parece que, tecnicamente, é difícil eu dar conta de responder a todas as perguntas. Uma coisa que pode ser melhor é que, embora a entrevista esteja ao vivo, ter uma espécie de informação nova, de dado mesmo, a cada entrada. Não é impossível de fazer, só exige mais disciplina. Um exemplo: se for fazer uma passagem na frente de um hospital que faz cirurgia em pessoa que perderam os olhos em manifestação, e estou explicando a história, talvez ter dados macro de quantos foram atingidos desde o começo das manifestações, de que tipo, com que arma. E esbarra de novo na falta do produtor, que pode te encher de informação para escolher de acordo com o que tu vai fazer.

**O repórter transmídia acumula muitas funções, e muitos autores falam da precarização do trabalho do jornalista quando trabalha como uma equipe de uma pessoa só. Acha que o repórter sofre com a precarização e a sobrecarga do trabalho e pode acabar comprometendo a qualidade do produto final?**

Obviamente, se a gente tem uma equipe e as empresas têm condição de mandar, faz parte de uma super aposta da empresa mandar uma equipe completa e fazer uma super cobertura, claro que o resultado tecnicamente vai ser melhor. Em questão de imagem, da luz, da captação do áudio, a energia do repórter, tem tudo a ver. No sétimo dia, o cara está esgotado e não tem a mesma capacidade de tomada de decisão correta do primeiro dia. Então, isso é indiscutível.

Agora, se está pensando que parte da atração do jornalismo transmídia é a sensação de que tem uma uniformidade de olhar, algum complemento orgânico, claro que poder usar o melhor recurso de todos os sentidos Como? Usando a plataforma que melhor convém ali. Acho que potencializa de alguma forma o resultado quando, em um mesmo cenário, consegue expandir as formas de entrada. Entra por vídeo, por áudio, pelo texto, pela fotografia. Para o profissional, é óbvio que tu sai mais cansado, mas também sai mais completo depois de um grau de exigência como esse.

Eu poderia estar fazendo a mesma coisa que eu fazia quando entrei no jornalismo, com o bloquinho e a caneta, ouvindo quando tem que ouvir, perguntar quando tem que perguntar, escrever, buscar dados. Obviamente, não estaria sendo testado em outras habilidades. É ruim sair da zona de conforto e testar algo novo, como rádio e TV, mas vai fazendo e vai aprendendo, e vai fazendo mesmo sem saber se se encaixa em uma escola de jornalismo, e sim porque vai fazendo sentido. É desgastante, o ideal seria ter mais pessoas, mas o profissional colocado nessas circunstâncias sai mais completo, mais capaz de perceber as coisas.

Pode ser que não seja saudável ter vários olhares também. Se tem alguém com um olhar de primeira vez e alguém com o olhar cansado, é claro que vai tirar uma informação a mais, porque pode passar batido por coisas por fazer a mesma cobertura todos os anos. Ao ter múltiplas formas de contar uma história, deve estar capacitado também para ter múltiplas formas de captar aquela história. O cara que nunca fez rádio, nunca vai estar atento a um som que pode ser o começo de uma matéria, que sintetiza a história inteira. Vai começando a abrir os sentidos.

Eu me questionei por que não respondia os comentários das pessoas nos vídeos, e foi assim que comecei a fazer. E depois foi feita uma espécie de guia para pessoas que fossem em situação semelhante saberem como é que entra no Facebook, qual o botão que aperta, para isso ser multiplicado internamente, deixando uma espécie de *checklist*.